PLÍNIO SALGADO

PRIMEIRO, CRISTO!

VOZ DO OESTE / MEC

Obras de Plínio Salgado lançadas pela Editora Voz do Oeste Ltda.

VIDA DEJESUS
(20ª edição, com reproduções da arte sacra baiana, e 21ª, com reproduções da arte sacra missioneira)

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL
(5ª edição, com prefácio de Euro Brandão, ricamente ilustrada)

A VOZ DO OESTE
(5ª edição, com prefácio de Otacílio Colares)

O RITMO DA HISTÓRIA
(3ª edição)



Plínio Salgado em diálogo com
o Papa João XXIII

PLÍNIO SALGADO

PRIMEIRO, CRISTO!

4* edição

seguido de

O ateísmo militante
O dia do Papa

O REI DOS REIS

seguido de

Mensagem ao mundo lusíada

5ªedição

Editora Voz do Oeste
São Paulo
em convênio com o
Instituto Nacional do Livro/MEC
1979

CAPA: LUIS DIAS
Projeto editorial e supervisão técnica: G. R. D.
Revisão: C. P. S. e G. R. D.

CIP-Brasil

Salgado. Plínio. 1895-1975
SI"itíp Primeiro, Cristo, 4. ed. : seguido de O ateísmo militante : O dia do Papa ; e O Rei dos Reis : seguido de Mensagem ao mundo lusíada. 5. ed. Plínio Salgado. — São Paulo : Voz tio Oeste ; (Brasília) : INL. 1979.

Biobibliografia de Plínio Salgado, organizada por Gumercindo Rocha Dorea.

1. Ensaios brasileiros 2. Jesus Cristo — Realeza 3. Palestras e conferências brasileias 4. Religião — Século 20 1. Dorea, Cumercindo Rocha. II. Instituto National do Livro. III. Titulo. IV. Título: O ateísmo militante. V, Titulo: O dia do Papa. VI. Titulo: O Rei dos Reis. VII. Título: Mensagem ao inundo lusíada.

CDD:200.904
:232
:869.945
:8S9.935
CCF'CBL'SP-79-0<i7O CDC:2"iy"

índices paia catálogo sistemático (CDD):

1. Conferências : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. En«nios : Século 20 : Literafura brasileira 869.945
3. Jesus Cristo : Realeza : Cristologia 232
4. Religião : Século 20 200.904
5. Século 20 : Conferências : Literatura brasileira 8<i9.«>t>
6. Século 20 : Ensaios : Literatura brasileira 869.945

SUMÁRIO

O REI DOS REIS

Biobibliografia de Plínio Salgado
(organizada por G.R.D.)

I
Síntese cronológica

1895 — Nascimento, a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, filho do farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora dona Ana Francisca Rennó Cortez.
Quando criança, juntamente com seus irmãos, ouvia preleções de seu progenitor, chefe político do município, em torno de Caxias e outros grandes vultos da história pátria. Lia muito, principalmente os clássicos da língua.

1911 — Aos 16 anos, com o falecimento de seu pai, e estudando no Ginásio São José, em Pouso Alegre (Estado de Minas), teve de voltar para São Bento do Sapucaí a fim de cuidar de sua progenitora e dos quatro irmãos mais novos.

1913 — Aos 18 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com alguns líderes regionais, "para combater a ditadura do governo estadual". Esta foi a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa do município. Aplica-se em sua cidade a diversas atividades: dirige um clube de futebol, um grupo teatral, pronuncia conferências, é orador oficial em todas as solenidades, é defensor de réus quando faltavam advogados, funciona como topógrafo judicial e ocupa o cargo de inspetor escolar no município. Lança o semanário local "Correio de São Bento".

1918 — Casa-se com a senhorita Maria Amélia Pereira, descendente de tradicional família sãobentista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Amélia, com apenas 15 dias, que passou a ser zelada pela avó e tios.

1919 — Muda-se para São Paulo onde ingressa como suplente de revisor, ascendendo logo a redator, no "Correio Paulistano", porta-voz do governo estadual na época. Aí trava conhecimento com inúmeros intelectuais e políticos, a muitos ligando-se por sólida e profunda amizade.

1922 — Realização da Semana da Arte Moderna, cujos principais participantes "apontaram novos caminhos, libertações integrais, nacionalismo espontâneo". Leitura absorvente de Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Cendrars.

1926 — Publicação de *O Estrangeiro*. Preocupação com problemas políticos: leituras de Marx, Sorel, Lênin, Trotski, Riazanov, Plekanov, Fuerbach.
Falecimento de sua progenitora.

1928 — Insistentemente convidado pelo Presidente Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual e é eleito com grande votação.

1930 — Viagem à Europa e Oriente, como preceptor de um jovem paulistano. Vê as transformações políticas da Turquia, da Itália, da Alemanha, "lê uma vasta literatura comunista que circulava em Paris", examina a pequena Bélgica, medita no Egito (sobre o imperialismo inglês), observa a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem de Portugal: "tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana".
Deflagrada no Brasil a revolução contra Washington Luís e o sistema político que representava.

1931 — Fundação e direção de "A Razão". Artigos diários de doutrinação política e análise da situação brasileira e internacional.
1932 — Revolução Constitucionalista. Incêndio de "A Razão". Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Lançamento do Manifesto de Outubro, com que se iniciaram as atividades independentes da Ação Integralista Brasileira, antes um setor de orientação política da SEP.
1935 — Intentona comunista no quartel da Praia Vermelha, ocasião em que foram assassinados covardemente pelos comunistas, na calada da noite, quando dormiam, indefesos, inúmeros oficiais do Exército Brasileiro que eram adeptos'do Integralismo. Por telegrama ao Presidente da República é oferecida a ajuda dos Integralistas.
1936 — Casa-se em segundas núpcias com a senhorita Carmela Patti, pertencente a conceituada familia radicada em Taquaritinga, Estado de São Paulo, não havendo filhos deste consorcio.
1937 — Candidatura a Presidente da República, concorrendo com José Américo de Almeida e Armando Salles de Oliveira. Fechamento de todas as organizações políticas. Implantação do Estado Novo.
1938 — Revolta (denominada "integralista" — V. *Dicionário de História do Brasil,* Melhoramentos, São Paulo, 1976, 4ª edição, pg. 469)objetivando a restauração democrática do Brasil, e que ocasionou inúmeras prisões e fuzilamentos de membros da Ação Integralista Brasileira, e exílio dos principais líderes. Prisão na Fortaleza de Santa Cruz. Exílio para Portugal.
1939-1945— Intensa atividade cultural e religiosa em Portugal.
1942 — Publicação da *Vida de Jesus,* cuja primeira edição, lançada em São Paulo, é apreendida e logo após liberada.
1943 — Retorno ao Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas. Fundação, por um grupo de brasileiros, do Partido de Representação Popular,
eleito Presidente do Partido de Representação Popular (extinto, juntamente com todos os outros organismos políticos, em 1964).
1948 — È convidado a comparecer às Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, diretamente pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, D. Bellester Niecto, para colaborar na redação de uma "Carta dos Direitos e Deveres, do Homem", tendo a sua orientação sido a vencedora, e o primeiro artigo ficado assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina",
1952 — Fundação da Confederação de Centros Culturais da Juventude e sua eleição como Presidente de Honra da mesma, que reuniu, inicialmente, dezenove entidades de jovens, oriundas de todo o Brasil, e que chegou a atingir para mais de quinhentas em todo o território nacional.
1953 — Fundação dq_semanário "A Marcha", de que foi colaborador até o encerramento de suas atividades.
1955 — Candidatura à Presidência da República, disputando com Juscelino Kubitschekde Oliveira, Juarez Távora e Ademar de Barros.
1956 — Eleito Deputado Federal pelo Estado do Paraná.
1960-1964-1970-1974 —Eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, integrando sempre a Comissão de Educação e Cultura, onde produziu inúmeros pareceres. Instala-se, definitivamente, em Brasília, a partir de 1960.
1975 — Falecimento, a 7 de dezembro, em São Paulo, sendo enterrado no cemitério do Morumbi.

II

Bibliografia

1919 — *Thabor* (poemas), ed. do autor
1921 —*A boa nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor
1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda.
(in OBRAS COMPLETAS, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X e 8ª ed., José Olympio, 1972)
1927 — *literatura e política,* ed. Helios Ltda.
(2ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX)
— *A anta e o curupira* (manifesto modernista), ed. do autor
(in *Despertemos a Nação,* in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
1927 — *Discurso às estrelas* (contos e crónicas), ed. Helios Ltda.
(2ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
1927 — *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti dei Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.
1927 —*A Literatura gaúcha* — Conferência literária realizada no 'Centro Gaúcho" de São Paulo
1931 — *Oriente* (viagem), ed. do autor
(4ª ed:, in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII)
1931 — *O esperado* (romance), Comp. Editora Nacional
(5ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XII)
1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vols. XIII e XIV)
— *O que é o Integralismo* (política), Schmidt ed.
(3» ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX)
1934 —*A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XIV, 5ª ed., Editora Voz do Oeste-INL, 1978)
— *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio
— *Psicologia da revolução* (filosofia e política) ed. Civilização Brasileira
(5ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)
1935 •— *A quarta humanidade* (temas filosóficos), ed.José Olympio
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V)
1935 —*Despertemos a nação* (política), ed.José Olympio
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
1935 — *A doutrina do Sigma* (política). Editora Verde-Amarelo, SP.
1936 — *Palavra nova dos tempos novos* (temas literários e políticos). ed. José Olympio
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)
1937--- Nosso Brasil (brasilidade),ed. Coelho Branco
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)
— *Geografia sentimental* (brasilidade), ed.José Olympio
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)
— *Páginas de combate* (politica), ed. Livraria Antunes
1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed Panorama, (in OBRAS COMPLETAS, vols. 1, II, III: 20ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1977) e 21*, Editora Voz do Oeste, 9.
1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol VI)
1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed Tavares Lisboa, Porto
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)
— *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa
4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI), 5ª ed., in *Primeiro, Cristo!* Editora Voz do Oeste/INL, 1979.

— *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra
(4ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)
— *Primeiro, Cristo.'* (religião), ed. Figueirinhas, Porto
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI), 4ª ed. Editora Voz do Oeste/INL, 1979
— *A tua cruz. Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII)
— *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII/, 5ª ed., Editora Voz do Oeste/ INL, 1978)
— *Madrugada do espírito* (antologia filosófica-política), ed. Ática, Lisboa
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)
— *0 Integralismo brasileiro perante a Nação* (política), s/ed., Lisboa
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX)
1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama,Lisboa
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
1947 — *Mensagem às pedras do deserto* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, Vol. XV)
1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(3ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V)
— *0 poema da fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanumbi, São Paulo
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)
— *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanumbi, São Paulo
— *Pio IX e o seu tempo,* prefácio à obra de Villefranche, *Pio IX,* ed. Panorama, S. Paulo, 1948, (in OBRAS COMPLETAS, vol. XI)
1949 — *0 ritmo da história* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI) 3ª ed., Editora Voz do Oeste/ INL, 1978
— *Discursos* (seleçao), ed. Panorama, São Paulo
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
. (2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)
1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
— *Espírito da burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV)
1953 — *O Integralismo na vida brasileira* (política), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
1953 — *As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha* — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953
1954 _ *Atualidades brasileiras* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI)
— *Roteiro e crónica de mil viagens* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII)
— *Críticas e prefácios* (in OBRAS COMPLETAS, Vol. XIX)
— *Contos e fantasias* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
— *Sentimentais* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
— *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII)
— *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma" "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-verdes", in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
— *Viagens pelo Brasil* (in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)
1955 — *Mensagem ao povo brasileiro, ed.* do autor, Rio de Janeiro
1956 — *Livro verde da minha campanha,* Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro

1957 —*Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo
1961 —*Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
— *Poemas do século tenebroso,* (como o pseudónimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos), ed. do autor, Brasília
— *Como se prepara uma China,* Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa
1964 — *Instrução Moral e Cívica,* ed. FTD, Rio de Janeiro
1969 — *História do Brasil,* 2 vols., ed FTD, Rio de Janeiro
(2ªed., 1972, ed. FTD)
1972 — *Trepandé* (romance), ed.José Olympio, Rio de Janeiro
1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília

OPÚSCULOS EDITADOS PELO CONGRESSO NACIONAL

1965 —*A batalha do Riachuelo* (como orador oficia! do Parlamento Brasileiro nas comemorações, de centenário)
1967 — Sol *do Oriente, sol do Oriente* (sobre as relações Brasil/Japão, como orador oficial do Parlamento Brasileiro)
1972 — *4O? aniversário de lançamento do Manifesto da Ação Integralista Brasileira-*
— *O grito do Ipiranga* (por ocasião do Sesquicentenário da Independência)
— *A semana de Arte Moderna* (nas comemorações do 50º aniversário)
1973 — *Origens e evolução do parlamento* (sesquicentenário do Legislativo)
1975 — *Despedida do Parlamento*

III

Pequeno roteiro de pesquisa sobre a vida e obra de Plínio Salgado

Nota de esclarecimento — Considerando-se não ser possível proceder-se de imediato ao levantamento bibliográfico completo acerca de Plínio Salgado, a *Editora Voz do Oeste* relaciona aqui alguns trabalhos que analisam a obra deste escritor sob o aspecto mais literário que político, não obstante, quase sempre, seja impossível estabelecer-se uma separação estanque: o autor de *Vida de Jesus é* o mesmo homem que escreveu *O Estrangeiro* e é o mesmo que deflagrou um grande movimento politico,-de massas e de inteligência, na história do Brasil. Não se busque, portanto, aqui, mais que um "pequeno roteiro", a ser utilizado por todos aqueles que desejem estudar-a vida e o pensamento de Plínio Salgado, e que, pretendendo aprofundá-los no tocante à sua obra máxima, síntese de toda uma vida de ação e de criação intelectual, poderão encontrar valiosos subsídios na bibliografia referente á *Vida de Jesus* (v. 20ª ed., Editora Voz, do Oeste. S.P., 1977), assim como, na 5ª edição de *Como Nasceram as Cidades do Brasil,* os trabalhos de Euro Brandão, João Ameal e Tasso da Silveira.

Adonias Filho. Pronunciamento de, *in* sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1976
Amândio César. *Literatura pelo caminho,* ed. 4 Ventos, Lisboa, 1958
Andrade Murici. *A nova literatura brasileira,* ed. Globo, Porto Alegre, 1936

Beraldo, S. J., Carlos. *Plínio Salgado,* verbete in ENCICLOPÉDIA FILOSÓFICA, Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, Firenze (Itália), 2ª ed., 6 vols., 1968-1969
Coutinho, Afrânio. *A. literatura no Brasil,* 4 vols.. Rio de Janeiro, ed. Sul-Americana, 1955-1959
Cunha, Fernando Whitaker da. *Democracia e Cultura,* 2ªa ed., Forense, Rio de Janeiro, 1973
Diversos. *Para onde vai o Brasil?,* Renascença ed., Rio, 1933
Diversos. *Plínio Salgado,* ed. da revista Panorama, São Paulo, 1937
Diversos. *Plínio Salgado* •— 1895-1975 (depoimentos de Oswaldo Zanello, A. H. Cunha Bueno e Agostinho Rodrigues), Câmara dos Deputados, Brasília, 1976.
Diversos. *Enciclopédia do Integralismo* (11 volumes), Edições GRD — Liv. Clássica Brasileira, Rio dejaneiro, 1956-1959
Dorea, Augusta Garcia Rocha. *O romance de Plínio Salgado,* 2ª ed., IBRASA, S.P., 1978
Freyre, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasiieira,* ed. Casa do Estudante do Brasil, 2ª ed., Rio, 1942
Graciotti, Mário. *Europa tranquila,* ed. Clube do Livro, 4ª ed., São Paulo, 1959
Grieco, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira,* in OBRAS COMPLETAS, José Olympio, Rio dejaneiro, 1948
Medeiros, Jader. *A força de um pensamento,* edição da UOCB, Rio de Janeiro, 1973
Nestor Vítor. *Os de hoje,* in OBRA CRÍTICA, vol. II, Ministério da Educação c Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio dejaneiro, 1973
Reaie, Miguel. Pronunciamento de, *In* sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio dejaneiro.
Sacerdos. *O homem integral,* Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1957.
Saldanha, Nelson. *História das ideias políticas no Brasil,* Univ. Federal de Pernambuco, 1968
Salim, Emílio José. *Ciènàa e Religião,* 2ª ed. ampliada, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1941
Silveira, Alarico. *Enciclopédia brasileira,* INL, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958
Silveira, Tasso da. *Diálogo com as raízes,* G RD/MEC, Salvador, 1971
Ricardo, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço,* José Olympio, Rio de Janeiro, 1970
Picchia, Menottí dei. *A longa Viagem,* Martins, São Paulo, 1970.

IV

Análises recentes da obra de Plínio Salgado

Avoluma-se, no Brasil, com caráter de seriedade — mas que não deixa de ser uma pseudo-seriedade, pelo partidarismo político de que se reveste e pela unilateralidade da análise — o número de volumosos trabalhos de autores marxistas, católicos progressistas, ex-integralistas, etc..., a respeito da obra de Plínio Salgado. Não poderíamos, em acato ã produção intelectual alheia — mesmo de adversários quase sempre isentos de boa fé —, deixar aqui de registrá-los, devendo, evidentemente, serem eles analisados com as devidas reservas, pois são pesquisadores que, descobrindo a obra de Plínio Salgado, ou reavaliando-a hoje sob prismas ou emoções diferentes das emoções e prismas de ontem — e sentindo a sua extraordinária força de criação político-social, traduzida no mais seguro dos roteiros para a garantia presente e futura da nacionalidade brasileira — descobrindo essa obra, ou tomando posição contra ela quando anteriormente a defendiam, se propõem a destruí-la inexoravelmente, através de distorções e comparações descabidas e de conclusões preconceituosas, o que os leva, aliás, a divergirem entre si, como é o caso de J. Chasine H. Trindade.

Alguns dos autores abaixo relacionados são pesquisadores que não se sentem suficientemente fortes para rasgar a máscara de ferro imposta pela propaganda do DIP getuliano à fisionomia pliniana; outros são incapazes de escapar aos pronunciamentos ditados pelo tribunal de exceção vigente no Estado Novo, e os restantes, acorrentados aos chavões dogmáticos do marxismo internacional»— tão velhos e comprovadamente incapacitados de atender aos objetivos mínimos que a dignidade humana pode exigir —, mesmo a eles se convertendo em nossos dias, dias de Gulags nazistas ou comunistas (e tão brilhantemente defendidos por António Cândido no prefácio à volumosa obra de Chasin!), todos devidamente inabilitados, portanto, para analisar a imensa produção de Plínio Salgado tal como ela foi elaborada e vivida, dentro de nossa realidade e especificamente para ela, isto é, para a realidade brasileira de nosso tempo.

São os seguintes, os livros e seus autores, aos quais estamos nos referindo:

Carone, Edgard. *Revoluções do Brasil contemporâneo,* Desa, S.P., s/d.; *A República nova,* Difel, S.P., 1974.
Chasin, J. *O Integralismo de Plínio Salgado,* Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., S. P., 1978.
Corbisier, Roland. *Filosofia e Crítica radical,* Liv. Duas Cidades, S.P., 1976.
Lima, Alceu Amoroso, *Revolução suicida,* Editora Brasília, RJ., s.d.
Lustrosa, Oscar de Figueiredo. *A Igreja e o Integralismo no Brasil, 1932-1939,* in "Revista de História", S.P., vol. LIV, n[b]? 108, 1976.
Medeiros, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930/1945,* Fundação Getúlio Vargas, R.J., 1978.
Schooyans, Michel. *Destin du Brésil,* Duculot, Belgique, 1973.
Silva, Hélio. *Terrorismo em campo verde,* Civ. Brasileira, RJ-, 1971.
Trindade, Hélgio. *Integralismo, o fascismo brasileiro da década de trinta,* DIFEL, S.P., 1976.

Outros ângulos, porém, vão se incorporando ã análise a que vem sendo submetida a obra e a vida de Plínio Salgado — alguns mm dignidade e isenção — nos mais diversos setores. Assim, *no campo literário,* veja-se:

Corrêa, Nereu, *A tapeçaria linguística d'Os Sertões e outros estudos,* edições Quiron/MEC, SP., 1978 (com excelente ensaio sobre *Trepandé,* intitulado "O romance de uma cidade morta").
Moraes, Eduardo Jardim de, *A brasilidade modernista,* ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.
Martins, Wilson, *História da inteligência brasileira,* Vols. VI e VII, ed. Cultrix, SP. 1978/79,
Nunes, Benedito, *As ideias filosóficas no Brasil* — séc. XX parte II, ed. Convívio, SP., 1978 (cita-se aqui esta obra pela estranha originalidade do Autor, em, analisando "O pensamento estético no Brasil", e consequentemente a Semana de Arte Moderna de 1922 conseguir o "extraordinário" feito de não fazer nenhuma referência a Plínio Salgado e sua obra!).
Guimarães, Josué, *Os tambores silenciosos,* ed. Globo, Porto Alegre, 1977 (este romance é aqui registrado pelo retrato fiel que faz de um dos momentos místicos da vida política de Plínio Salgado, as chamadas "Noites dos tambores silenciosos" possibilitando, assim, o seu conhecimento pelas novas gerações que, dessa etapa histórica da vicia brasileira, só conhecem interpretações inverídicas e falseadas.)

Na área político-religiosa deve-se ver;
Moura, O.S.B., D. Odilão, *As ideias filosóficas no Brasil,* séc. XX parte I, ed. Convívio

SP, 197S.
Ideias católicas no Brasil, ed. Convívio, SP, 1978.
Araújo, Ricardo Benzaquem, "As classificações de Plínio Salgado — Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938", *in Revista de Ciência Política,* ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1978, Vol. 21, nº 3, de setembro 1978.
Corbisier, Roland, *Autobiografia filosófica,* ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
Castro, Marcos de, *Dom Hélder,* ed. Graal, Rio dcjaneiro, 1978.
Santos, "Wanderley Guilherme dos, *Ordem burguesa e liberalismo político,* ed. Liv. Duas Cidades, SP, 1.978. '

Vinda de um ex-líder integralista, não podemos deixar de relacionar aqui a entrevista concedida pelo filósofo Miguel Reale e publicada no primeiro caderno de *O Estado de São Paulo,* em sua edição dominical de 14/5/1978, depoimento honesto e isento de paixões, cuja leitura se torna indispensável a todos os que pretendam mergulhar no significado do lntegralismo, "cuja pregação de ideias deu ao Brasil as sementes da sua nova consciência cívica" — nas palavras de San Tiago Dantas, ao saudá-lo em determinado momento do após-guerra (V. *Palavras de um professor,* Forense, 1975, com apresentação de Afonso Arinos de Melo Franco, pág. 145).

Gumercindo Rocha Dorea

NOTA: Esta biobibliografia de Plínio Salgado é essencialmente dinâmica, o que implica em ser reelaborada e acrescida em cada obra publicada pela Editora Voz do Oeste Ltda. No próximo volume, por exemplo, O Cavaleiro de ltararé, *novos títulos sobre a vida e obra de Plínio Salgado a ela serão incorporados, e assim sucessivamente, dependendo sempre da melhor informação que chegar ao nosso conhecimento.*

PRIMEIRO, CRISTO!

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Até esta sessão, a que não faltam calor e distinção, tem reflexos das claridades divinas, que vão iluminar-nos o espírito e aquecer-nos o coração, pela palavra eloquente e erudita de Plínio Salgado.

A estada em Portugal do eminente escritor e conferencista representa graça preciosa. Romeiro enamorado de Cristo, tem percorrido muitas terras da nossa Terra, em evangelização intelectual e apostólica, e o seu verbo ardente, feito luz, prolonga-se em harmonia fecunda, na impressão das suas conferências. No *Conceito cristão da democracia,* o pensamento arguto e vigoroso desenvolve-se por tema de atualidade candente, emoldurado em forma opulenta e palpitante. *Aliança do sim e do não* é caudal de eloquência, apaixonada e culta, sobre a luta eterna do bem e do mal. No tempestuoso e dramático duelo, sempre o *sim* acaba por triunfar do *não.* Ele o afirma com palavras solenes: "A Ceia é o ocaso do Sol que se vai ocultar, para de novo nascer e fulgir. A paixão e a morte de Cristo aproximam-se. O mundo rejeitara a luz e preterira a treva. Mas a luz ressuscitará e caminhará, saindo do próprio seio da noite.

Será sempre assim através dos tempos. Os homens rejeitarão o Cristo, matá-lo-ão muitas vezes; enterrá-lo-ão. Renascerá espancando os terrores noturnos, as sombras agitadas dos medos e dos ódios recíprocos entre os povos. Pelo milagre da luz esvair-se-ão os fantasmas das cóleras desencadeadas e os duendes sinistros da loucura".

E assim o Cristo vencerá definitivamente, na sua divina realeza de verdade e de amor, como proclama o egrégio Autor, em *O Rei dos reis.*

Em todas estas obras, ricas de formas e de ideias, sempre a inteligência e a arte a serviço da fé.

Mas onde mais se afirma a fé pura e ardente de Plínio Salgado é na *Vida de Jesus,* obra monumental que é a mensagem de amor divino aos homens do nosso tempo. Logo nos "apontamentos iniciais", a profissão de fé corajosa e comovente: "Cumpre ficar bem claro: creio na divindade de Jesus Cristo. A significação deste livro, no mundo atormentado de hoje, é a da frase imortal de Filipe, gritando a Natanael — *Achamos Aquele de quem Moisés escreveu, e que os profetas anunciaram*[1]". E no decurso de toda a obra, nas descrições primorosas, nos diálogos animados, nas sentenças profundas, nos desenvolvimentos sutis e cintilantes, sempre o lume da fé a iluminar o pensamento e as palavras de claridades eternas.

Plínio Salgado vive como pensa. As suas obras, as suas atitudes,,as suas conversas, mesmo as mais simples, são luminosamente cristãs, porque a sua alma é estruturalmente cristã. Poderá mesmo dizer-se que de todas as obras do egrégio Autor, a mais pura e a mais perfeita é a sua alma gentilíssima, que o Senhor prodigiosamente enriqueceu e que ele, em que ele, em colaboração com Deus, tem modelado com trabalhos e sacrifícios ardentes e constantes.

D. Manuel Trindade Salgueiro
Bispo de Helenópole

(Trecho extraído das palavras de abertura da sessão solene em que Plínio Salgado pronunciou a Conferência que dá nome ao presente volume, e conforme o texto publicado em "Novidades", Lisboa, 29 de outubro de 1945)

I

AS QUATRO VISÕES DE VAN AECKEN

Há no Museu das Janelas Verdes um trabalho da Escola Neerlandesa, dos princípios do século XVI, que constitui poderosíssima antevisão dos nossos dias. São os painéis de Jerónimo AN Aecken, o Bosch, intitulados "Tentação de Sto Antão". Da alvorada da Renascença o artista no-los envia, oferecendo-nos o espetáculo das consequências de uma civilização baseada no cientifismo materialista.

Quatro notas predominantes ferem a atenção do observador diante da estranha pintura: a licenciosidade sexual, a violência homicida, os seres de formas abstrusas e o abandono do Cristo pelos homens.

É uma síntese do século XX.

AN Aecken penetrou no infra-humano, onde fervilham as larvas dos instintos perversos, e trouxe de lá, para a tábua, as imagens de um mundo que principiava a surgir no oceano do tempo, como principiavam a revelar-se, nas cartas geográficas, os perfis de continentes desconhecidos.

A libertação da lascívia e da violência deveria produzir os monstros bizarros e cruéis que, parecendo, aos contemporâneos do artista, absurdas fantasias de um cérebro em delírio, apresentam-se hoje como atroz realidade.

Peixes alados e aves gigantescas navegam no espaço, deixando cair seus ovos, que são bombas incendiárias.

Volvidos contra os agressores, que voam cavalgados por homens, alongam-se, nas torres das cidades em chamas, verdadeiros canhões anti-aéreos. Homens de tromba sugerem-nos a ideia exata das máscaras contra gás. Seccionando o ventre de bojudo peixe, e mostrando no seu interior seres humanos, o pintor adivinha o submarino. Outro peixe, assentado sobre rodas, tendo no lombo autêntica torre blindada, e avançando pela terra próximo a uma praia, configura os modernos tanques anfíbios. Não falta o abrigo anti-aéreo, cuja abertura de acesso, pela forma anatómica humana colocada em posição humilhante, parece exprimir a degradação do Homem sob o império das forças desencadeadas por ele mesmo.

Em meio a tudo isso, profusamente disseminados, corpos nus, cingindo enfeites simbólicos dignos de aturado estudo, pois nessas imagens e no desbaratamento das orgias em que pompeiam, está, sem dúvida, o pensamento central do arguto neerlandês. Contemporâneo de Holbein, cuja "dança macabra" sublinha com tão trágica ironia o esplendor eufórico da Renascença; de Erasmo, de quem o *Elogio da loucura* tanto influiu na mentalidade do tempo; e de Leonardo, o idealizador das máquinas audaciosas, — AN Aecken resumiu em síntese pictórica a índole da civilização naturalista, adivinhando seus efeitos no futuro: a animalização do género humano. Essa ideia da irracionalidade do Homem pela transversão da libido subjetiva para o modelado da máscara e da linha anatómica é tão forte no painel do artista neerlandês, que os personagens em grande número aparecem ali com fisionomias de cavalos, bois, macacos, crocodilos, gatos, cães, elefantes, serpentes, aves exóticas e insetos, consoante o pintor quis exprimir paixões e vícios sob a uniforme nota preponderante da lascívia e da crueldade.

De fato, a satisfação plena dos desejos, uma vez abandonada a si mesma, vai produzir o choque, inicialmente entre indivíduos, depois entre grupos de indivíduos, e finalmente entre povos. Abolidas as leis morais no concernente à libido sexual, firma-se, por paralelismo inevitável, o princípio da livre interpretação dos direitos segundo os interesses de cada um, e esse princípio conduz à violência. Por sua vez, o poder científico do Homem, passando a servir à violência, cria os monstros pavorosos da destruição e do extermínio. Ora, dominando o mundo a luxúria, o ódio, a vingança e a idolatria dos deuses de ferro, a conclusão lógica é o abandono do Cristo Crucificado, o qual, no centro do quadro apocalíptico de AN Aecken, erige-se ermo e esquecido, numa capela ungida de luz sanguínea e difusa, enquanto à porta, o próprio Cristo vivo, em gesto bondoso, parece convidar os homens a entrar para que adorem a sua imagem na Cruz.

II

ORIGEM DAS DOUTRINAS DA VIOLÊNCIA

A tese do pintor é admirável pela precisão lógica. O que ele concluiu *a priori,* verificamos hoje *a posteriori.* As teorias da violência, justificadas ou pregadas no século XIX por Darwin, Niestzche, Marx, Sorel, Lênin, foram precedidas pelo libertarismo dos costumes, oriundo da Renascença, de que Rousseau se fez intérprete máximo no século XVIII. A Revolução Francesa (e vemos nela a contemporaneidade de Madame Tallien e da guilhotina) teve origem menos nas *jacqueries* parisienses do que nos salões dourados de S. Germain ou nas alegrias campestres do Trianon, pois conquanto movimentasse as massas populares, realizou o pensa-

mento de uma aristocracia penetrada pelas doutrinas naturalistas.

Mas o grande período preparatório dos dias de hoje assinala-se com evidência maior desde o tempo do Romantismo, em que os instintos se sublimaram nas belas formas sentimentais. Os nossos antepassados da primeira parte do século xix choraram sobre as paixões infelizes dos heróis de Goethe, de Byron, de Lamartine e, mais tarde, ensoparam de lágrimas o túmulo da Dama das Camélias. Seus filhos, nossos avós, vendo que os pais haviam libertado os sentimentos, trataram de, por sua vez, libertar diretamente os instintos; então, deliciaram-se ante as descrições minuciosas de torpezas nas páginas dos escritores realistas.

Essa libertação coincidia com outras libertações. Era o tempo do apogeu da escola manchesteriana, do livre - cambismo ao serviço do imperialismo económico. Era o tempo das batalhas pela conquista de mercados. Travava-se o combate entre poderosos grupos financeiros e processava-se a absorção do pequeno pelo grande capital. Atentava-se contra o princípio da propriedade, sustentado teoricamente mas derrogado na prática pela variação do poder aquisitivo da moeda, pelo jogo dos preços e extorsão dos juros. Culminava o antagonismo entre as nações, quer nas alfândegas, a reagir contra o livre câmbio, quer nos planos secretos dos estados-maiores. Com efeito político, multiplicavam-se os partidos disputando as disponibilidades do sufrágio, e em consequência da desconexão entre os interesses do homem-econômico, do homem-eleitor e do homem-espiritual (frações em que se fragmentou o homem-integral, o homem-criatura-de-Deus), surgia uma nova luta, a arrogar-se caráter científico: a luta de classes.

Do espetáculo de dissenções universais, tiraram-se conclusões de que outras lutas nasceram. Ao "struggle for life" de Darwin, popularizado na segunda metade do século, seguiram novas doutrinas de luta: o sindicalismo revolucionário, o anarquismo, o niilismo,

mais tarde o leninismo e, finalmente, a "luta de raças".

O século XIX manifestava o seu temperamento analítico. A própria família não escapou a essa tendência divisionária. A legislação dos povos suprimiu a base física do grupo familiar, e, não contente com isso, tirou ao matrimónio, em muitos países, a estabilidade e a indestrutibilidade. Tal fato agravou-se em nossos dias com a masculinização profissional da mulher, que a isso se viu forçada, não só porque o casamento não lhe oferece garantia, visto não ter o homem de hoje noção da responsabilidade conjugal, como porque o salário do esposo, considerado simples mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura (e não como esforço físico e espiritual visando duplo fim natural e sobrenatural) deixou de relacionar-se com os direitos e deveres da pessoa humana e conseguintemente com os reclamos da manutenção doméstica.

E uma nova espécie de luta surgiu, além dos *trusts,* partidos, bolsas, alfândegas, estados-maiores, classes e raças: a competição entre o Homem e a Mulher, no mercado do trabalho, luta em que se esbatem diferenciações peculiares identificando aos do Homem, sob o ritmo da função, o tom da sensibilidade feminina, as atitudes e gestos, modificativos até da linha plástica.

III

O ESTADO CONTRA O HOMEM

Esse panorama de batalhas atingiu extremas consequências no século XX, com a inauguração da mais terrível das contendas: a do Estado contra a Pessoa Humana.

Pretendendo dar à desordem naturalista uma disciplina coercitiva baseada em ordem também naturalista,

erigiu-se o Estado suprimindo todas as liberdades. Oriundos das massas, e não do povo organizado segundo as hierarquias raciocinantes, trouxe, como vício de origem, o capricho despótico das multidões tornadas agora seu passivo instrumento.

Em luta tão desigual, o Homem sucumbiu. Só ficou a coletividade, ao sabor dos dois totalitarismos em voga: o nacional-socialista e o internacional-socialista. As nações que escaparam a tais formas de escravidão não puderam evitar a catástrofe que envolveu o mundo.

As contingências da guerra aperfeiçoaram os meios de destruição; e surge a última e espantosa luta: a do Homem contra as máquinas de matar, do Homem contra a sua própria ciência. Os cientistas enlouqueceram e tornaram-se a maior ameaça contra o género humano. Anunciam novas bombas e preparam novas catástrofes. O Homem sente-se oprimido e escravo de mil formas de escravidão. Quer libertar-se. Mas como libertar-se?

IV

AS CHAVES DO ENIGMA

Começando do começo, diremos nós, católicos. Que começo é esse? Aquele que nos revelou a Virgem em Fátima falando dos horrores da guerra como consequência do *pecado da sensualidade* e do *esquecimento dos deveres da caridade.*

O mal do mundo provém da sua impureza. Ser puro é renunciar aos prazeres ilícitos, os inconvenientes, e muitas vezes até mesmo aos lícitos e inofensivos. Habituar-se ao domínio de si mesmo é preparar-se para o exercício da caridade, a qual consiste, noventa e nove por cento, em renunciar. Quem não mortifica os sentidos, quem não contraria a sua ambição, a sua vingança, a sua vaidade, nunca poderá estabelecer a verdadeira paz dentro e em torno de si.

A luxúria gera a violência e a violência gera a luxúria. Ambas cultuam apenas o que há de físico no ser humano. Uma se utiliza da força, a outra da beleza. Sendo a força o instrumento da violência, as grandes épocas da brutalidade coincidem com a exaltação corpórea dos heróis, o louvor dos músculos nos arremessos fulmíneos, a glorificação dos ritmos plásticos. E sendo a beleza física a matéria-prima da lascívia, as gerações que divinizam a força bruta são as mesmas que cantam loas a Frinéia.

Não se conclua que condenamos a força e a beleza físicas. Pelo contrário, dignas são elas da nossa admiração como obras do Criador, morada da alma e templo de Deus; e a prova é que ambas estão santificadas em santos que foram atletas e santas que foram formosas. O que devemos reprovar é o mau aproveitamento de uma e de outra, empregando-as de sorte a divorciá-las dos fins comuns do Espírito e do Corpo.

Esse foi o pensamento cristão na aurora do século I, quando os Apóstolos espalharam pelo Império dos Césares, onde predominavam degradações e violências unidas ao culto dos deuses fortes e belos, as duas soluções para as dores do Género Humano: a CASTIDADE e a CARIDADE, ambas tão intimamente irmanadas, que uma parece condição da outra e ambas a mesma expressão do Redentor do Mundo.

V

PERGUNTAS AO NOSSO SÉCULO

São essas duas virtudes as chaves da paz e da segurança

entre os povos. Pois não andam, nestes tempos nossos, de mãos dadas, a brutalidade e a sensualidade?

Que tempos viram, como temos visto, civilização mais paganizada?

Que oferecem os filmes cinematográficos senão os aspectos de uma civilização que fez do corpo e dos prazeres materiais a preocupação única da existência humana?

Que outra lição, senão a do luxo, fantasiosa opulência e exibição faustosa apresentam à juventude dos nossos dias essas películas excitantes e dissolventes de todas as resistências morais ?

Que espécie de livros lêem rapazes, raparigas e até mesmo esses grisalhos leões do Chiado, senão coloridas brochuras de novelas, romances e memórias copiados uns dos outros, que abarrotam os mercados internacionais sem outro valor além do que lhes empresta facciosa propaganda manobrada por agentes da dissolução social ?

Que época é esta em que, nem pelos gostos, nem pelas atitudes, nem pelo vestuário, se distinguem as mães das filhas e às vezes nem as avós das netas ?

Que dias vivemos em que a família foge do lar, até mesmo para celebrar as datas mais belas do calendário cristão e da intimidade doméstica?

Como poderemos chamar espiritualista a esta civilização sedenta de sensacionalismo e que zomba de tudo o que é de Deus, fazendo do próprio matrimónio precária satisfação de vaidades efémeras ?

Que nome merece uma civilização de cassinos, *boites, dancings,* promiscuidades escandalosas, desnudações nas praias, e concursos de beleza de sabor zoo-técnico, degradantes da majestade e dignidade da mulher?

Não é tudo isso o paganismo?

VI

DEFESA DO PAGANISMO

Se me disserdes que é, então defenderei o paganismo. Não o identificarei aos degradantes costumes do nosso tempo.

Porque o paganismo inspirava-se num sentido religioso do cosmos. Decaído da Graça, o Homem procurava na interpretação politeísta da natureza, o segredo do seu destino além da morte.

Na dissolução dos costumes conservavam os pagãos uma crença nos deuses, qualquer cousa como reflexos do verdadeiro Deus que lhes ainda não fora revelado.

O paganismo anterior ao Cristo apresenta, de mistura com suas misérias, incontestáveis traços de grandeza. Ele chegou a pressentir a vinda do Redentor, na concepção de Alcmene, no sangue de Adónis, na ressurreição de Osíris.

Mas o que hoje temos é inferior ao paganismo, porque se chama materialismo, isto é, repúdio do sobrenatural, gesto que nunca se atreveu o paganismo.

E se essa atitude fosse anterior ao Cristo, como no caso de alguns filósofos gregos, ela seria desculpável. Mas este nosso materialismo, aceitando tudo o que havia de mau no mundo politeísta^ rejeita o que nele havia de sério: a conduta do Homem relacionada com um princípio de causalidade e de finalidade.

Este materialismo de hoje recebeu a mensagem do Evangelho, mas rejeitou a Luz, pela consciência que tem de que as, suas obras, são más e porque "todo aquele que pratica o mal prefere viver nas trevas".

VII

A GUERRA TOTAL

Repelindo o Cristo, que é a inspiração das formas harmoniosas da vida, o Homem criou os engenhos de guerra à imagem e semelhança dos seus pecados.

Os monstros adquiriram personalidade. Sua fala é a fala do terror, seus argumentos os do ódio, sua doutrina a da inversão da hierarquia moral, a tutela do Espírito pela força física. Seus antepassados, ainda primitivos engenhos, submetiam-se a uma ética, respeitavam o direito das populações civis e a venerabilidade dos monumentos onde os séculos trabalharam enviando ao futuro a mensagem de pedra das gerações extintas. Mas os monstros modernos nada respeitam.

A arte de matar, evoluindo de Clausewitz a Ludendorff, outorgou à máquina de destruição poderes discricionários. Veio, enfim, a guerra total, cuja implacabilidade preconizara Nietszche, a guerra de extermínio justificada pela teoria darwiniana que a dialética dos neohegelianos aprimorou na síntese marxista e o golpe técnico leninista precipitou inspirando a instantaneidade da "blitzkrieg".

Se a concepção totalitária do Estado considera a coletividade nacional um conjunto de agentes biológicos, mecânicos e culturais da produção, também a guerra total derivou do mesmo princípio, tomando as populações civis, inclusive mulheres e crianças (o ventre e o berço) em pé de igualdade com as máquinas e as matérias primas.

Os gritos daqueles animais sem nervos, sem sangue, sem carne, são mais eloquentes do que os gemidos humanos; porque ainda que provindo de gargantas de aço ou das deflagrações dos extremos rudimentares da matéria, exprimem, entretanto, uma alma: a de uma civilização que pôs toda a sua fé e a sua esperança nos recursos físicos.

VIII

SOLIDÃO DO CRISTO CRUCIFICADO

Ê nos paroxismos destes dias que compreendemos a imagem central do quadro de AN Aecken, de que vos venho falando: a solidão do Cristo.

Solidão, não ausência, pois o Cristo está presente, onde quer que o Homem sotra esmagado pela brutalidade erigida em governo do mundo.

Esquecido, sim; ausente, não. Rejeitado, sim; porém, nunca fora do alcance das almas.

Não há segurança entre os homens? É porque os que dispõem da força capaz de se pôr ao serviço do Bem contra as forças que preparam habilmente o domínio do Mal, esses não querem proclamar o nome de Jesus para criar em torno d'Ele a unidade do mundo cristão.

IX

DEUS É A MEDIDA DO HOMEM

Origina-se daí a tragédia dos desencontros, as incompatibilidades de cristãos e cristãs, por motivos políticos engendrados por anti-cristãos ardilosos.

No meio de desconfianças e temores recíprocos, as declarações de direitos ficam sujeitas à hermenêutica dos interesses ocasionais. Tumultuam contradições entre o ideal e o real, entre â teoria e a prática. O predomínio dos fisicamente mais fortes é realidade pragmática dos nossos dias. Consagra-se a tese alemã sustentada no Congresso de Haya em 1907, pelo Barão Marschall von Bieberstein e repudiada pela consciência jurídica dos povos, tese que depois se reergueu na doutrina

nazista do espaço vital e da divisão do mundo em zonas de influência impostas pela fatalidade geográfica.

Esse mesmo princípio físico se aplica hoje na vida interna das nacionalidades, submetendo-se delicadas questões ao capricho das massas amorfas e volúveis, que em todos os tempos não souberam senão produzir o advento dos tiranos e dos Estados Totalitários.

Dessa maneira, o próprio Estado Totalitário, destruidor das liberdades, ao mesmo tempo que é rejeitado em tese, é aceito na prática, e não somente na realidade patente de um dos seus sistemas, mas também na realidade latente a preparar-se no seio das próprias massas eleitorais.

O mal não está (e seria absurdo que estivesse) nas declarações de direitos que pretendem nobremente servir de guia à solução dos problemas internos e externos dos povos. O mal provém da fonte agnóstica desses enunciados, embora revelem justos anseios e altos ideais. Pois sendo Deus a medida do Homem, só de Deus pode vir inspiração para que se apliquem em justos termos as regras estatuídas nos documentos humanos.

Se a lei de Jesus Cristo — que é o sistema métrico do Pai Celeste — não for adotada para pesar, medir e contar as ambições, de que valerão palavras escritas e assinadas? Como haverá tranquilidade se o justo e o injusto são medidos pelos interesses dos quantitativamente fortes e não por princípios eternos imutáveis ?

X

"CHRIST D'ABORD"

Um filósofo francês — e ainda é vivo — lançou um *slogan* famoso: "politique d^bord"[1]. Eis que chegado é o momento em que nós, católicos, devemos lançar outro, mais avançado e corajoso, dizendo: "Christ d'abord". Sim; Jesus antes de tudo: o mais virá por acréscimo.

As nações esqueceram-se disso. A culpa não cabe apenas aos que se educaram fora do rebanho do Mestre Divino. Cabe também a certo cristianismo que não tem dado exemplo de confiança em nosso Pai Celeste e transige com os que proclamam o primado do económico sobre o espiritual.

Alguns dos que se dizem cristãos, cheios de cortesia para com os caudilhos intelectuais que conduzem procissões de cegos, fortalecem os inimigos de Cristo, confundindo a grandeza da caridade, que é casta e desambiciosa, com a falsa justiça social de que se fazem arautos os profetas do materialismo.

Esquecem-se esses de que o Divino Mestre, interrompido por alguém que lhe pedia: "Rabi, manda que meu irmão me entregue a herança", respondeu-lhe com esta pergunta: "Quem me pôs como juiz entre vós?", o que significa que a justiça social do cristianismo não será executada por decretos coercitivos, mas pela natural persuasão que decorre do amor, nas consciências iluminadas do Evangelho.

Quando essa luz penetra as almas, ninguém se apodera do que legitimamente não é seu, nem põe o coração nos tesouros da terra, mas pelo contrário, tudo faz a fim de que a ninguém falte o de que precisa, para tal não poupando trabalhos e maçadas, como o bom samaritano no caminho de Jericó.

Ensinar as obras de misericórdia ao mundo embrutecido, ensinar pela palavra e pelo exemplo, fortalecendo os tíbios, estimulando os entusiastas, convidando os corações a não estarem ociosos, é dar aos homens as chaves para a solução do problema social, em tempos de tanta miséria do corpo e da alma.

IA 1ª edição do presente volume é de 1946, e o filósofo a que Plínio Salgado se refere é Charles Maurras, que veio a falecer em 1952 (N. da Ed.).

Os corações andam cheios de preguiça, havendo tanto que fazer. Levá-los a trabalhar, segundo a vontade do Pai Celeste é fazer bom cristianismo. E não tenhamos ilusões, pois o verdadeiro cristianismo não agrada a todos, não é bem recebido pelo mundo das trevas; só o falso é bem recebido por esse mundo, *porque não contraria seus interesses.*

Temos de ser bons, mas corajosos; pacientes com os que erram, mas intransigentes com o erro. Por falta de um catolicismo ativo, que prolongue na vida quotidiana dos leigos o magistério dos prelados, é que vemos tanta confusão, a tal ponto que o anti-comunismo de uns se transforma em nazismo e o anti-nazismo de outros se apresenta como absurdo cristianismo-comunista, coisa só comparável a um espiritualismo-materialista.

Não admira, pois, que os adversários de Cristo se apoderem de nossas próprias palavras imprimindo-lhes o sentido que lhes convém.

O mundo não sabe ao certo o que seja democracia, liberdade, autoridade, justiça, ordem, propriedade, família, pátria, patriotismo, honra, moral, dever. São moedas de variados preços e ressonâncias; a maioria dos homens não distingue as falsas das verdadeiras. No entanto, todos os esclarecimentos se encontram na doutrina da Igreja, principalmente nas encíclicas e alocuções dos Santos Padres. Divulgá-las é dever de cada católico.

É preciso mostrar que a Igreja — como ensinou Leão XIII — nem reprova, *nem é partidária de regimes políticos, sejam quais forem*; mas condena qualquer ordem social *que contrarie os princípios do Evangelho,* e principalmente aquela cuja teoria — como ensinou Pio XI — é baseada na negação da existência de Deus e dos destinos sobrenaturais do Homem. Dizer isso ao mundo é dever da hora presente; e estarmos atentos e fiéis ao Sumo Pontífice Romano, com espírito de filial devoção e obediência, é dever maior ainda.

XI

A TERRA E O CÉU

Muitos há hoje que pretendem seja nosso papel o de desinteressados pelos negócios do mundo. São o oposto dos que colocam o económico acima do espiritual. Enquanto uns dizem "cuidemos do pão, depois do Espírito", aqueles dizem "cuidemos só do Espírito". Uns e outros se esquecem de que "Deus não é Deus de mortos mas de vivos", e somente nos fazendo cidadãos da terra é que nos tornaremos, pela ação que desenvolvermos em prol do Reino de Cristo, merecedores do título de cidadãos do Céu.

XII

A RENÚNCIA "AO DIVINO"

A escassez de combatentes dessa estirpe permitiu que o materialismo dogmático ou agnóstico predominasse no governo dos povos.

O direito de revolução, por exemplo, que é *direito exclusivo da alma imortal,* esse direito e dever da *renovação da face da terra,* deixa, no mundo dominado pelo agnosticismo, de existir como condição de predomínio do espiritual em cada transformação imposta pelas circunstâncias do progresso técnico, e passa a ser, para usarmos a frase do Santo Padre Pio XII, a "pretensão tirânica de desafogar livremente os impulsos e apetites humanos".

A esse quadro de anarquia chamam os marxistas "crise do capitalismo no desenvolvimento dialético da revolução social". Mas nós, católicos, chamá-lo-emos — a degradação do Homem pela renúncia ao "divino".

XIII

O HOMEM, COLABORADOR DE DEUS

O Homem esqueceu-se de que Deus o criou para que colaborasse na obra da Criação, pois tendo Deus arrancado a matéria do nada, fê-la inconsciente e deu-lhe leis a que ela cegamente obedece, mas ao Homem deu inteligência e liberdade, a fim de que se utilizasse daquelas' leis, realizando, no sentido do Bem, uma obra em que, de certa forma, também exerce poder criador.

Foi essa uma prova de tão grande amor do nosso Pai Celeste, que admira como o Homem abdica da sua realeza, preferindo declarar-Se escravo do determinismo, em vez de usar as prerrogativas principescas do livre - arbítrio.

É certo que, do ponto de vista biológico, o Homem está sujeito ao estatuto que rege os demais seres organizados; mas no seu próprio corpo o Homem interfere, não só pelo que estuda, mas ainda pelo que faz, a fim de restaurar ou manter a saúde e até melhorar o tipo da prole. Aproveita as forças da natureza; modifica em seu favor estados da matéria, que de outra forma lhe seriam inúteis; penetra os segredos do Universo, desde quando domina o fogo e realiza o prodígio de fundir o bronze dando-lhe as formas gentis de uma ânfora ou de um ícono, até ao dia em que capta desconhecida força com que move suas máquinas e ilumina suas cidades.

Se chamarem a isso determinismo, como distinguiremos o ato racional do mecanismo instintivo de um inseto? E se insistem em igualar a técnica do Homem com a habilidade, por exemplo, das abelhas, que executam trabalhos idênticos aos de seus antepassados milenares, então perguntaremos como podem tais deterministas conciliar o seu determinismo com a noção da responsabilidade e o direito de punir?

Mas se aceitarmos a responsabilidade, temos de aceitar o livre-arbítrio e, aceito o livre-arbítrio, teremos proclamado a realeza do Homem e o seu dever de participação, com Deus, do governo da natureza.

Essa coparticipação é prerrogativa resultante de um ato de amor; logicamente deve realizar-se em atos de amor.

O amor é o próprio Verbo, "que está em Deus, e é Deus, e todas as cousas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez...". Por força desse mesmo amor Jesus chegou a chamar-nos "deuses" (S. João, cap. X, vs. 35) e foi esse nome que os homens desprezaram, preferindo igualar-se aos seres irracionais.

O Divino Mestre não se limitou àquelas misteriosas palavras na Festa das Tendas. Também na Última Ceia exclamou: "Não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; tenho-vos chamado amigos, porque tudo o que sei de meu Pai vos transmiti". E acrescentou: "Repito-vos, portanto: amai-vos uns aos outros", querendo assim concluir que a prerrogativa que vem do amor só deve exercer-se em função de amor.

XIV

SER CRISTÃO É SER LIVRE

A participação do Homem no governo do mundo efetiva-se pelo conhecimento e pela ação, pela inteligência e pela liberdade.

O Homem pode, mas não deve utilizar-se de tais faculdades no sentido contrário ao ato de amor de que elas provieram.

Pode porque é livre; não deve porque seria injusto e indigno.

E toda a vez que o Homem pratica o mal, isto é, o

pecado, atenta contra a sua própria essência divina, porque o pecado é a negação da inteligência e da liberdade. Negação da inteligência porque a inteligência é criadora e o pecado é destruidor; negação da liberdade, porque o pecado subordina o Homem consciente e livre ao imperativo da matéria inconsciente e escrava, escrava de Deus e do Homem e incapaz de ser de outra maneira senão aquela que Deus quer, de modo absoluto, e o Homem quer, de modo relativo.

Não foi por outra razão que Jesus afirmou aos que n'Ele confiaram: "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", e tendo os fariseus aparteado dizendo: "nunca fomos escravos", o Mestre retrucou-lhes: "Todo aquele que peca é servo do pecado".

Ser cristão é deixar de ser servo, é usar das prerrogativas principescas do Homem. É possuir foros de liberdade em pergaminho eterno.

*

* *

Enganam-se os que vêem no Cristianismo uma religião de escravos, só porque os oprimidos do mundo correram a abraçar o Evangelho.

Se desde o começo da nossa Era os príncipes e poderosos da terra se fizessem cristãos, isso não provaria nada, porque levando consigo a sua majestade acidental, pretenderiam conceder ao Cristianismo, e não receber dele, as cartas de nobreza. Mas justamente no fato dos humildes, dos pobres, dos ínfimos buscarem o Cristo, está a prova de que Cristianismo confere nobreza e dignidade, procuradas pelos a quem o mundo negou tais vantagens e pelos que tiveram em pouca ou nenhuma conta as vantagens que o mundo lhes deu.

Ninguém, tendo sede, vai servir-se de uma fonte seca. Se os escravos procuraram o Cristo é porque sabiam que n'Ele encontrariam liberdade; se os doentes O procuraram é porque sabiam que n'Ele teriam saúde; se os

pobres O procuraram é porque sabiam que no Cristo seriam ricos e cobrariam honras que lhes minguaram na terra. Os grandes do mundo não compreenderam o sentido dessa liberdade, dessa saúde, dessa riqueza e dessas honras, porque os grandes, quase sempre, não percebem nada. Por isso Jesus louvou ao Pai, dizendo: "Graças vos dou ó Pai, porque ocultastes estas cousas aos sábios e as revelastes aos pequeninos".

XV

O HOMEM DIVINIZADO EM JESUS CRISTO

É o segredo inefável da divinização do Homem. Ele flui, passo a passo, dos mistérios da Encarnação e da Redenção. Não se conformou Deus com a separação do Homem, filho estremecido que abandonara a casa de seu Pai. E porque amou tanto o Homem, fez vir à terra o seu Unigénito, para que por Ele o Homem se salvasse e readquirisse a categoria de príncipe. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós", o Verbo, ou o Amor, que sendo Deus, e filho de Deus, foi também chamado filho do Homem.

É comovente pensar que, como homem, Jesus é nosso filho, ou filho da nossa humanidade, isto é — filho do Homem; e como Deus é nosso Pai. E porque filho de Deus e filho da Humanidade, ou do Homem, é também nosso irmão, experimentando conosco as nossas alegrias e as nossas dores.

Mas tão grande honra e tamanha glória não julgou suficiente o Verbo Encarnado para nos elevar quanto desejava, e, por isso, resolveu ficar para sempre no meio de nós, e habitar em nosso próprio ser, para que Deus,

Uno e Trino, morasse em nós. Assim quis, para que usufruíssemos os efeitos da Nova Aliança, do pacto selado pelo sangue inocente no cimo do Calvário.

A Eucaristia é a síntese do Evangelho. Por Ela percebemos que realmente fomos salvos, porque o mal de que sofríamos era o mal da separação,e o mal da separação só se cura com o bem da presença. Ora, uma presença meramente espiritual não nos curaria do mal da separação. Apenas estaríamos com Deus depois que morrêssemos, e "Deus não é Deus de mortos, mas de vivos". Necessitamos de Deus de sorte a vivermos por Ele, a Vida Eterna, desde este mundo, apesar da nossa carne, e até mesmo por causa da nossa carne, enobrecendo-a numa preparação constante para o dia triunfal, que nos foi prometido, tanto para a alma como para o corpo. A presença real do Cristo, em corpo, sangue, alma e divindade, na Hóstia Consagrada, estabelece a nossa união íntima com o Pai Celeste, segundo a promessa que diz "Eu estarei em vós, como o Pai está em mim e eu no Pai, e o Pai estará em vós". Unidos, assim, a Deus, e enquanto durar a união pela nossa vontade, o próprio Deus se realizará nos nossos atos, como através desses atos nos realizaremos em Deus; e então o amor, não mais o ódio, reinará sobre a terra.

XVI

"REMAR CONTRA A CORRENTE"

E tem sido pela renúncia a tal grandeza que o mundo caiu nas trevas, criou máquinas de morte, uma política de mentiras, uma filosofia de desespero, decompondo-se em ódios implacáveis, vinganças inapeláveis e lançando-se no caos onde se agitam o orgulho impenitente e a rebeldia cega.

Ora, se tais desgraças provêm da degradação do Homem pela renúncia ao Divino, o nosso esforço deve objetivar a restauração daquela consciência da Verdade pela qual Jesus promete tornar-nos livres. E como nós, católicos, corresponderemos ao dom da presença do Cristo em nós, se não fizermos dos nossos atos realizações do mesmo Cristo, a fim de que os Homens recebam a verdadeira luz? Nós constituímos o Corpo Místico de Cristo cujo chefe visível nos dirige da cadeira inabalável de Pedro; temos, pois, cada qual segundo as faculdades e meios de que dispomos, e fiéis à hierarquia instituída pelo Redentor, temos o dever de anunciar estas coisas que sabemos a uma civilização que já não as conhece e que pretende construir a ordem dos povos sobre a areia movediça de postulados morais que não sabem de onde vieram nem para onde vão. Assim, diante de cada problema social ou político, exclamaremos: — primeiro, Cristo; e agora digam-nos o resto!

Cumpre-nos, porém, revestir-nos da maior coragem. Precisamos romper com todo respeito humano, fazer tábua rasa de um intelectualismo preciosista e atacar frontalmente os preconceitos em voga. "Remar contra a corrente", foram as palavras que há dias pronunciou o Santo Padre em alocução dirigida às operárias católicas. Nada exprime melhor a condição dos vivos, porque só os troncos abatidos e os cadáveres inertes rolam pela correnteza. Mas tudo o que está vivo reage, e nada, e vem à tona, e o barco ainda não deteriorado leva a direção que lhe imprime o braço do barqueiro. Precisamos quebrar o encanto aos hipnotizadores das turbas, mostrando ao povo que o agnosticismo materialista já produziu o que podia produzir — o desentendimento entre as nações e o terror dos povos pela bomba atómica — e nada mais trará de bom, porque pugnando por uma justiça e uma paz sem Cristo, os regimes se sucederão, os tratados e congressos se multiplicarão, os poderosos

mudarão de nome, mas a humanidade continuará gemendo no cativeiro.

Temos de gritar, com todas as forças, que só a soberania de Cristo trata a verdadeira liberdade, conforme aos católicos da Colômbia disse Pio XII.

Imitando Paulo de Tarso, não temeremos que a chamada cultura do nosso tempo nos considere estultos, por preferirmos a ciência do Cristo à ciência do mundo, porquanto (como outrora considerou o Apóstolo em Atenas) o que parece sabedoria nos homens não passa de orgulho empavonado e balofo, a cujos olhos a sabedoria de Deus parece insensatez. Grande, pois, há-de ser o nosso arrojo, para desfraldarmos, na hora em que se discutem fronteiras, bases militares, partilhas do poder, estes nossos estandartes cm que inscrevemos estas duas palavras: CARIDADE e CASTIDADE.

São essas as pedras fundamentais de toda a ordem, tanto subjetiva como objetiva, tanto familiar como social, tanto nacional como internacional. Precisamos muita audácia para opor a tantas teorias, sistemas, bibliotecas, sábios tão sabedores e sabedorias tão universais, estas soluções aparentemente simplistas.

Estejamos certos, porém, de que nelas se resume o *sentido do Divino,* que a Humanidade perdeu e precisa reencontrar, para se reencontrar a si própria. Nós somos o filho pródigo, não só de Deus, mas de nós mesmos; nós somos a nossa dracma perdida. Acharmo-nos, significa também achar o Cristo, de cuja realeza provém a paz sobre a terra.

XVII

PORCRISTO-REI

Seja, pois, a exaltação da realeza de Cristo, o coroamento destas palavras. Eu a proclamo, do fundo da minha pequenez, com o ardor de um soldado. E como sol-

dado vos convido ó homens do meu tempo, a aclamarmos o Cristo-Rei, por cujo Reino devemos ir à luta, uma luta diferente, porque não seremos portadores de morte, mas de vida; nem de aflições, mas de consolações, nem de crueza, mas de bondade.

E Vós, — ó Jesus, a quem tanto amamos, e que estais tão abandonado pelas nações no século dos horrores, como vos prefigurou na tábua apocalíptica o pintor neerlandês — recebei o nosso preito de soldados fiéis, e socorrei-nos em nossas fraquezas, para que possamos cumprir quanto desejamos, no empenho de vos bem servir; pois incapazes somos nós sem vossa Graça, mas se nos não faltardes com Ela, ainda que hajamos de cair muitas vezes, outras tantas nos levantaremos, de sorte que, nas horas perigosas, nas horas decisivas e, principalmente, na hora extrema, por vós, sempre por vós, estaremos de pé!

O ATEÍSMO MILITANTE

I

A GRANDE HERESIA

O nosso século xx encontra-se diante da maior heresia de todos os tempos. Nunca, nem antes nem depois de Cristo, apareceu outra maior e mais perigosa. Diante dela e dos efeitos sociais que dela decorrem, as rebeldias do orgulho humano em séculos anteriores parecem pequenas. Temos, os cristãos, diante de nós, o começo de uma guerra terrível desencadeada contra o mundo pela mais mortífera heresia ativa, arregimentada, a mobilizar inteligências e a lançá-las contra a civilização espiritualista. Refiro-me ao "ateísmo militante", para usarmos o apelido que lhe deu o Papa Pio XI e do qual se utilizou recentemente um ilustre pensador brasileiro, o Padre Leonel Franca.

O "ateísmo militante" principiou a agir no século passado, desfraldando a sua bandeira em 1848 e, ao cabo de um século, conseguiu já incendiar as nações e levar à ruína metade do continente europeu.

É uma heresia armada, dispondo de todo o potencial de um vasto e populoso império, pregando a liberdade e impondo a escravidão, falando em paz e promovendo a guerra, exaltando a democracia e implantando o totalitarismo, a ferro e fogo, sem respeitar fronteiras nem a soberania dos povos.

II

AS ORIGENS DO ATEÍSMO MILITANTE

Sua origem mais próxima é o naturalismo do século XVIII. A ordenação inicial de suas ideias processou-se sob o influxo dos chamados enciclopedistas, visando destruir a sociedade baseada no conceito espiritualista da existência. Procurando demonstrar a incompatibilidade da ordem natural com a ordem divina, da razão com a fé, da moral experimentalista com a moral teológica, os pioneiros desse grande movimento, que se chamaram Rousseau, Diderot, d'Alembert, Helvetius, Holbach, — do mesmo modo que Hobbes e Locke o fizeram no século anterior — substituíram os "deveres do homem" pelos "direitos do homem", sem atentar que o direito sem deveres é direito sem medida e, consequentemente, a negação do próprio direito.

*
* *

Até aos enciclopedistas, nunca houvera a preocupação da propaganda do materialismo. Constituindo o materialismo uma interpretação do universo já corrente no mundo antigo e muitas vezes renascida no curso dos séculos, não chegara, porém, a fazer-se objeto de divulgação popular, nem mesmo quando a invenção da imprensa, coincidindo com a Reforma de Lutero e Calvino, criara condições técnicas e político-sociais possibilizadoras da disseminação de suas ideias. Com os chamados "filósofos" do século XVII, aparecem dois instrumentos de propaganda materialista: — a Enciclopédia e o "salão". A primeira age pelos métodos indiretos da coordenação dos conhecimentos humanos sob todos os aspectos da vida intelectual e social; o segundo é o envenenamento direto da alta sociedade, sempre

propensa a acompanhar os caprichos da moda e da elegância. Dessa forma, o materialismo conquista as massas e as *elites;* as massas, que serão atiradas contra as estruturas sociais vigentes, e as próprias futuras vítimas da Revolução, que se tornam propagandistas das ideias sob cujo fascínio os carrascos lhes cortarão as cabeças.

Ser "naturalista" — no sentido filosófico do tempo — era ser moderno, elegante; viver "naturalistamente" era o que havia de mais *chie.* Assim, enquanto nas salas distintíssimas dos barões de Holbach, onde se recortavam as silhuetas requintadas daquelas damas que Watteau fixou e as porcelanas de Sèvres e Saxe reproduziram, o ateísmo brilhava nos lábios dos cavalheiros de punhos de rendas; e enquanto as doutrinas de Rousseau dominavam nas festas campestres de Maria Antonieta, — a burguesia nos clubes e cafés, assim como os trabalhadores humildes nas organizações das *jacqueries,* arrancavam das almas os últimos escrúpulos da moral religiosa.

Alguns soberanos deram mão forte aos propagandistas do filosofismo naturalista, entre eles, o rei da Prússia e a imperatriz Catarina, a qual se utilizou das ideias novas e fascinantes para o enfraquecimento da França, o que demonstra nada haver de novo na História moderna...

*
* *

Para lançar a humanidade na plena expansão de uma vida cujos fins se circunscreviam na terra e cujo ritmo deveria obedecer somente ao da plenitude biológica da Espécie, esses filósofos engendraram sistemas de educação, de política e de economia, onde tudo se conformasse ao que eles chamavam as "leis naturais".

No que se referia à educação, propagavam as vantagens do agnosticismo ou laicismo — forma ainda tímida do materialismo dogmático — considerando a moral

religiosa como nociva à expansão da liberdade individual.

Em política, substituíram os conceitos do Estado e do Governo — tão luminosamente expendidos na obra de São Tomás — pelos caprichos da chamada soberania, oriunda das massas populares desorganizadas, onde cada indivíduo deixou de ser a criatura de Deus com necessidades tanto do corpo como do espírito, para tornar-se apenas o ente-cívico, desprotegido de todo o amparo dos grupos naturais era que o homem se agrega para defender-se.

Na esfera das atividádes económicas, predominaram as doutrinas dos fisiocratas, contestadores de toda a intervenção moral no livre jogo das atividades da indústria e do comércio e, dessa forma, iniciou-se no mundo a concorrência trágica dos produtores e vendedores de mercadorias, com o enriquecimento dos indivíduos e dos povos, em condições mais vantajosas sob o ponto de vista financeiro ou da posse das matérias primas, e o empobrecimento de outros em condições de inferioridade económica.

Até aí, não se abriu contra a religião uma luta ostensiva. Era uma luta indireta, criando condições sociais contrárias ao predomínio de um conceito espiritualista da existência humana. E assim entramos no século xix.

III

OS "UTILITARISTAS" E OS "IDEALISTAS"

O desenvolvimento industrial, com a invenção da máquina a vapor e os novos processos da siderurgia coincidiram com os novos sistemas filosóficos, baseados na crítica positiva e no experimentalismo científico.

Duas grandes correntes de pensadores dominaram as inteligências ao ressoarem os primeiros apitos das locomotivas: — os idealistas alemães e os utilitaristas ingleses. Os primeiros partem de Immanuel Kant, centro propulsor de uma intensa vida mental empenhada em explicar, pelos novos métodos críticos, os mistérios do mundo e do pensamento. Enquanto Kant "construíra seu sistema sobre o dualismo do *noumenon* e do *fenomenon,* da cousa em si, incognoscível, e da sua manifestação revestida das formas do espírito", Hegel, para fugir a esse dualismo, imagina um mundo em contínuo movimento, mediante o qual os termos contraditórios se harmonizam. O espírito — afirma — movimenta-se num ritmo ternário de *tese, antítese e síntese.* O espírito gera a ideia; a ideia concretiza-se num fato histórico; ideia e fato opõem-se e conflitam-se; desse conflito nasce um%|^rçeira expressão conciliatória; o processo vai repetindo-se indefinidamente, porque o espírito é regido pela necessidade de uma dialética. A dialética governa tanto o pensamento humano como a História. Tal, em suma, o pensamento de Hegel e seus discípulos.

*

* *

Os utilitaristas ingleses tiveram a sua origem no fenomenismo de Hume mas as suas raízes vão à teoria do prazer de Hobbes e à moral do interesse de Locke e, mais remotamente, ao indutivismo de Bacon.

Para os adeptos do utilitarismo, toda a aspiração humana tende à felicidade, o que, à primeira vista, parece harmonizar-se com a própria concepção cristã, que nos demonstra o último fim do homem em Deus, já que a alma, aspirando sempre a ser feliz, não descansa em nenhum bem particular. Mas, baseando-se os utilitaristas no materialismo, e circunscrevendo o destino do homem na terra, a ideia que eles fazem da felicidade é

confusa porque não se funda senão no senso prático, o qual pode variar de país a país e de tempo para tempo.

O utilitarismo foi a primeira manifestação prática do materialismo. Ele desenvolveu-se de James Mill e Bentham até aos associacionistas de que foi chefe Stuart Mill. Corresponde à fase da organização industrial e comercial da Inglaterra e inspira toda a política interna e externa do povo inglês.

Mas o conceito da moral utilitária foi reconhecido pelos mesmos materialistas como um conceito sem base. Procurando essa base, os pensadores do materialismo volveram os olhos para as experiências e investigações científicas do século xix. Dois nomes empolgaram as inteligências afeitas à concepção materialista do homem e da História: os de Darwin e de Herbert Spencer.

Paralelamente, na Alemanha, surgiram os monistas, tendo à frente Haeckel, Noiré e Hartmann. Para resumir, diremos que tanto os evolucionistas de Spencer e os transformistas de Darwin (que podemos filiar às teorias de Lamarck), assim como os monistas de Haeckel, Noiré e Hartmann (de certa forma vinculados ao panteísmo de Spinoza no século XVII), consideravam o mundo como uma unidade em perpétua transformação. A vida dos animais irracionais e dos homens, dos vegetais e dos seres rudimentares foi estudada sob o mesmo critério, pondo-se de lado qualquer concepção espiritualista, cujos vestígios apenas afloram no pensamento conciliatório de Wallace. A transformação das espécies, a lei da adaptação e da luta pela vida com o predomínio dos mais acomodatícios e resistentes, foi a base de todos os princípios morais dessas correntes filosóficas, das quais se originaram numerosos pensadores contraditórios, todos porém unânimes no conceito materialista da existência.

*
* *

Sob o signo de tais profetas, desencadearam-se os

conflitos entre os homens. As nações, internamente, estavam divididas, do ponto de vista político, em partidos que se degladiavam, e do ponto de vista económico em classes que se antepunham, ao ritmo da concorrência livre, preconizada pela escola manchestereana cujo máximo expoente era Adam Smith. Grupos de capitalistas organizavam-se uns contra os outros e a massa dos trabalhadores, começando a tomar consciência do seu papel, lutava contra esses grupos, reagindo pelas greves contra o desenvolvimento normal das leis económicas preconizadas pelos fisiocratas e liberalistas, leis essas que deveriam manifestar-se pelo equilíbrio da *oferta* e da *procura,* chave em que pretenderam encontrar a paz social e o estímulo do progresso.

Em vez de concluir, como parecia lógico, pela necessidade de um interferente moral fundado no livre-arbítrio da alma humana e na sua concepção da justiça, uma vez que os interessados reagiam politicamente (pelos partidos) e socialmente (pelas greves) contra as famosas harmonias económicas, os ideólogos, ao contrário, procuravam outras soluções que independessem de um conceito moral espiritualista ou da compreensão dos deveres humanos perante Deus.

Dessa forma surgiram os chamados socialistas científicos, inspirados, ao mesmo tempo, nos socialistas utópicos da escola de Saint-Simon e de Fourier, nos evolucionistas e transformistas ingleses e nos idealistas hegelianos.

IV

O CHAMADO SOCIALISMO CIENTÍFICO

Os socialistas científicos tiveram por chefes principais Marx e Engels, mas foi Marx quem deu o nome ao siste-

ma e ao movimento social que dele procede. Procurou Marx corrigir, conciliando-os, o idealismo dialético de Hegel e o materialismo evolucionista de Lamarcke, Haeckel e Darwin, tendo por objetivo dar base científica e capacidade de ação aos sonhos socialistas dos saint-simoneanos e às utopias do tipo Proudhom.

Em 1837, ainda jovem, Karl Marx aderiu à chamada ala esquerda de Hegel da qual faziam parte Bruno Bauer, David Strauss (autor da conhecida *Vida de Jesus)* e Ludwig Feuerbach (autor da *Essência do Cristianismo).* Eram os três visceralmente anti-cristãos, mas dentre eles Feuerbach foi o ponto de partida do marxismo.

Aceitando a dialética hegeliana, Feuerbach entendia que o seu mestre, afinal, caíra "num pseudo-misticismo, *fazendo o infinito voltar ao infinito através do finito",* o que elevava "o pensamento à dignidade de absoluto", cousa que Feuerbach considerava uma traição do humano. "Existência material, sensível" — escrevia ele, acrescentando que "só o corpo distingue a personalidade real da personalidade imaginária de um fantasma". Daí, conclui que um Deus pessoal e transcendente é uma ilusão criada pelo homem.

Firmado em tais princípios, Feuerbach tornou-se o criador do *materialismo dialético,* isto é, uniu o transformismo inglês ao idealismo alemão. Ao passo que Spencer procura dar bases científicas à moral dos utilitanstas de Bentham e dos associacionistas de Stuart Mill, dentro dos quadros normais da evolução, Feuerbach vai mais longe, porque oferece um meio de acelerar as transformações sociais no sentido do mesmo materialismo, uma vez que ele aceita o dinamismo das ações e reações da dialética de Hegel.

Feuerbach é o mais materialista de todos os materialistas até então aparecidos. Pretendendo que o homem viva e se realize na sua plenitude animal, e tendo em vista que o pensamento não passa de um produto do cérebro, ele afirma que a religião é "pura criação do pensamento humano" — e constitui um conjunto de

ideias que desviam o homem daquela plenitude animal, visto que o homem transfere de si, para a imagem de um Deus, criado por ele mesmo, tudo o que há de melhor e mais nobre na própria natureza humana. Proclama, portanto, a religião o maior de todos os males, porque, através dela, (diz), o homem aliena os seus próprios poderes. "Combater a religião, afirma ele, é reintegrar o homem em si mesmo".

Marx encontra em Feuerbach a chave do problema socialista. O sonho de Saint-Simon e de Fourier não poderá ser realizado sem que, antes de tudo, se estabeleça a base de um ateísmo e de um materialismo absolutos, a fim de que o homem não distraia a sua atenção para outra cousa que não sejam os seus interesses na terra. E Feuerbach torna bem evidente essa necessidade, dizendo que a religião é uma transferência de poderes do homem para Deus.

Combater a ideia de Deus é a base do marxismo. E como o tipo social-marxista, que è o comunismo, quer realizar-se o mais breve possível, Marx utiliza-se do processo dialético de Hegel, como alavanca da revolução. Precipitar as etapas da transformação da sociedade mediante a interferência do pensamento em cada nova expressão da vida coletiva; e precipitar a transformação do próprio pensamento mediante a influência das antíteses sociais; essa deve ser a atividade permanente dos revolucionários.

Se o pensamento é um produto da matéria, isto é, do cérebro, e os fatos são realizações concretas do pensamento, a História não passa do desenvolvimento contínuo desse jogo de ações e reações. A isso chamou Marx "materialismo histórico"; aos seus métodos de ação chamou "dialética revolucionária" e à sua própria filosofia denominou "filosofia de ação". Tudo, porém, firmado numa base irremovível: *o ateísmo.* Sem ateísmo não pode haver socialismo nem comunismo, porque o homem precisa de libertar-se de todas as peias para realizar-se como os outros animais.

Se Feuerbach é o fundador do materialismo dogmático, Marx é o chefe de todos os apóstolos do ateísmo militante. Esquecendo-se de que o simples fato de negar a Deus e todo o sobrenatural (que a *Crítica da Razão Pura* de Kant declara constituírem objetos impossíveis de demonstrações afirmativas ou negativas e que os experimentalistas e os evolucionistas preferem não considerar, colocando-se numa posição agnóstica), Feuerbach só com isso *cai na maior das contradições, criando uma metafísica* às avessas e impondo um dogma: *o dogma do ateísmo.*

Esquecendo-se, por sua vez, de que a vida animal, sem interferência do espírito, não comporta qualquer aspiração ideal de formas sociais preconcebidas e arbitrárias, pois a verdadeira concepção materialista tem de subordinar-se ao jugo do determinismo, *Marx também cai numa contradição inicial,* pretendendo atingir, mediante métodos revolucionários, expressões económicas e sociais preestabelecidas.

V

TEORIA E PRÁTICA DO ATEÍSMO MILITANTE

Entretanto, em 1848, Marx e seu companheiro Engels lançam o primeiro manifesto do socialismo materialista, ou seja do ateísmo militante, do ateísmo como pedra^ angular de uma política. Nunca, até ali, o ateísmo fora objeto ostensivo de programa e propanganda partidária. Desde então, essa propaganda veio crescendo, ganhando eficiência, assumindo todas as formas e atividades. O materialismo dos enciclopedistas fora uma espécie de materialismo *diletante;* este agora é confessional, metódico, profissional. Eventualmente, por meros

motivos de tática, os comunistas podem dizer que não impedem a ninguém de ser religioso. Quando eles assim procedem, é porque estão trabalhando de outro modo para a destruição da religião. Se, por interesses ocasionais, os chefes do comunismo dizem respeitar a liberdade dos cultos e até mesmo proclamar que o ideal de justiça social que objetivam em nada difere da concepção cristã de igualdade, convém prestar atenção no que se passa em torno de nós. Prestando atenção, veremos que a propaganda do ateísmo e do materialismo efetiva-se por meios habilíssimos, como, por exemplo, mediante o livro, o jornal, o teatro, o cinema. É uma espécie de preparação de artilharia para o avanço que não tardará no momento em que as máscaras se abaterem e principiar a revolução.

Olhai para as montras das livrarias, percorrei os escaparates dos livreiros. Encontrareis ali, em brochuras baratas, certas Histórias suspeitíssimas da Filosofia ou da Arte, das doutrinas económicas ou das religiões, certas Histórias Universais, baseadas no transformismo, no positivismo evolucionista, no materialismo dialético. Encontrareis, largamente disseminadas, obras de cultura geral orientadas pelo pan-sexualismo e, entre os volumes mais modernos, vereis ressuscitados Rousseau e os enciclopedistas, não se falando nos romances, nas biografias, nos diários e memórias, quer originais em nossa língua, quer traduzidos às carradas, numa verdadeira ofensiva em larga escala contra tudo o que significar a crença em Deus e nos destinos sobrenaturais do homem. Ide ao cinema, e vereis que as nossas famílias vão ali perder à noite o que receberam pela manhã na igreja, deixando-se influir por padrões de vida e de costumes sensuais e destruidores de todo o sentimento de uma existência que ultrapasse os limites da ostentação e dos sensacionalismos de uma sociedade sem Deus. Ide ao teatro e vereis — sob a capa da propaganda cultural — postas em cena peças dissolventes que, pretextando a análise psicológica, penetram nos

meandros tenebrosos da alma humana, mostrando a sua impotência para reagir contra os impositivos da libido sexual e do aguilhão dos instintos dominadores. Abri as revistas e vede a ciência barata nos florilégios das seleções habilmente dirigidas, ou as fotografias onde o luxo se apresenta como o supremo ideal de uma civilização desmoralizada, ou onde o nudismo rebaixa a mulher à condição de belos animais em mostruários zootécnicos.

*
* *

Que fazemos nós, cristãos, contra isso? Onde está o nosso entusiasmo por Jesus? Como possuem os inimigos de Cristo iniciativa, dinheiro, ardor, combatividade, poder de realização, a tal ponto que dominam a imprensa e a crítica, a arte e os meios de divulgação científica, formando a opinião pública, com instrumentos de que não dispomos?

Cumpre-nos levantar, e trabalhar, e inventar novos meios e expedientes de anunciar a verdade e dissipar as trevas. Esta não é a hora das ociosidades literárias, como nos tempos do gongorismo e da poesia arcádica. Precisamos formar escritores e oradores, não alguns, mas muitos, e lançá-los no mundo, como clarins a conclamar os cristãos para a defesa dos nossos lares e do nosso culto ao Deus de nossos pais. Outrora, não mediram sacrifícios os que expulsaram o mouro da terra peninsular e fundaram a Nacionalidade. E hoje tendes o mouro dentro da vossa Pátria, o mouro vermelho, que traz a negação asiática, e entra nas vossas casas, invade os vossos costumes, conquista a vossa família, recruta traidores e prepara a destruição de tudo o que é nobre e digno. Será inútil lutar contra o comunismo, se não lutarmos, primeiro, contra o ateísmo, quer sob a sua forma ostensiva, quer sob a máscara do indiferentismo religioso. Defender o princípio da propriedade, mas

fazer vista grossa à dissolução da família é assumir uma atitude, não só ilógica, mas hipócrita.

*
* *

Sem ateísmo não pode haver comunismo. Marx sabia disso, e por esse motivo escreveu em 1844, na sua *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel:* "A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é exigida pela sua felicidade real". Marxistas ortodoxos afirmam, como o fez Vandelverde nos seus *Ensaios socialistas* que "o socialismo e o cristianismo se apresentam como dois antagonistas, sendo que a existência de ura exige o desaparecimento do outro". E aí está um esclarecimento insuspeito para os que supõem ser possível um catolicismo das esquerdas.

Ultrapassando as precauções de Bauer, que dizia "respeitar o culto, mas atacar os padres", Lénin proclamou: "A religião é o ópio do povo". Fundado na mesma concepção de Feuerbach e de Marx, Zinovief, quando presidente da III Internacional, em 1923, dizia: "Nosso programa e baseado no materialismo científico, que influi, pura e simplesmente a necessidade de propagar o ateísmo". A senhora Krupskaia, viúva de Lênin, escreveu: "É uma necessidade imperiosa que o Estado retome sistematicamente a sua ação anti-religiosa entre as crianças. Devemos tornar os meninos e meninas não só anti-religiosos, mas ativa e apaixonadamente anti-religiosos". Lunacharsky, ministro da Instrução Pública dos Sovietes, declarou: "nós odiamos o cristianismo e os cristãos; ainda os melhores entre eles devem ser considerados os nossos piores inimigos. Pregam o amor do próximo e a misericórdia que são contrários aos nossos princípios. A caridade cristã é um obstáculo ao desenvolvimento da Revolução. Abaixo o amor do próximo: é o ódio que precisamos. Devemos aprender a odiar; só assim chegaremos a conquistar o mundo".

O programa do partido comunista russo estatui no seu artigo 13°, o "desaparecimento completo dos preconceitos religiosos". No Programa Internacional Comunista lê-se: "Entre as tarefas da revolução cultural que deve abraçar as maiores massas, ocupa lugar especial a luta contra o ópio do povo, a religião; essa luta deve ser levada a cabo, sem desfalecimentos".

Vede, pois, que, pela primeira vez na história dá humanidade, apareceu um ateísmo como programa de partido; ele organiza suas hostes, ordena seus métodos e desenvolve uma ação sem tréguas em todos os ramos das atividades intelectuais. Toma lugar nas cátedras e envenena a mocidade; lança livros de falsa ciência, de enganosa moral, de literatura dissolvente em que imperam os romances sensuais e a poesia do desespero, tocando trombetas para anunciar como génios as mediocridades que trabalham a seu soldo coroando-se com seus louros. É o ateísmo que entra nos lares e entra nas oficinas, crestando as almas e corrompendo os costumes; que acende no mundo o incêndio dos ódios e das revoltas e, animalizando o género humano, proclama a lei do egoísmo mais feroz, incita a desconfiança, lança os homens contra os homens e as nações contra as nações. É o ateísmo que, no dizer de Maritain, "não constitui uma consequência do sistema social segundo Marx, porém, o ponto de partida desse sistema".

vi

OS FALSOS DEUSES E O DEUS VERDADEIRO

Só existe, por conseguinte, um meio de combater a grande heresia do comunismo: é extirpar a sua raiz, —: o ateísmo.

Mas nós não poderemos combater o ateísmo contrapondo-lhe a ideia de um Deus impessoal, como o Deus dos panteístas, diante do qual não se pode conceber nenhum conceito da origem, da finalidade e dos deveres do homem. Nem com o Deus desse vago deísmo romântico e inconsequente do liberalismo democrático. Nem com o Deus compreendido no significado comtista da divinização da humanidade. Nem com o deus rácico, o deus consubstanciado no princípio vital e no plasma germinativo em que se firma o princípio da superioridade étnica, segundo os apóstolos da heresia nazista. Todas essas formas de combate ao comunismo são vãs, são ilusórias, porque nenhuma contrapõe, ao ateísmo de Marx, o Deus verdadeiro, esse Deus que Marx odeia por saber que^é o único capaz de impedir todas as suas manobras no sentido da destruição da personalidade humana e da ereção do homem-econômico, do homem apenas estômago e sexo como alicerce da sociedade.

O Deus cujo nome inscrevemos nas nossas bandeiras é Aquele ao qual nos leva Tomás de Aquino pelas cinco estradas luminosas que a Ele convergem; é o Deus pessoal, criador de todas as cousas, que formou o homem, dando-lhe uma alma e um destino, traçando-lhe direitos e deveres; é o Deus do Evangelho, que nos outorgou inteligência e liberdade e quis que o chamássemos Senhor e Pai. O problema do mundo de hoje resume-se no dilema: com Deus ou contra Deus! Todas as outras questões são secundárias. Está em jogo o destino do Homem! O século xx é a grande encruzilhada.

VII

"DIREITAS" E "ESQUERDAS"

A sangrenta heresia do comunismo não se combate

também contrapondo-lhe a chamada reação das "direitas". A concepção de "esquerdas" e "direitas" no domínio político é uma concepção do século xix, o século que deu começo consciente à chamada "luta de classes", baseada no antagonismo entre o capital e o trabalho.

É preciso dizer-se que não foi Marx quem concebeu o mundo dividido em dois campos de interesses materiais antagónicos; foram os chamados liberalistas. Quebrada a concepção espiritualista da sociedade, estabeleceu-se a luta entre os agrupamentos políticos, assim como a luta entre os agrupamentos económicos, aqueles regidos pelas múltiplas ideologias contraditórias e estes pela lei da *oferta* e da *procura.* No campo económico, os produtores de mercadorias, com o fim de vendê-las em melhores condições e mais barato do que os seus adversários, tiveram necessidade de usar de dois expedientes: aumentar a eficiência das máquinas e baixar o custo da mão de obra. O trabalho humano foi considerado uma mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura, perdendo toda a nobre significação e espiritualidade que lhe imprimia o cristianismo. Tornando-se as máquinas mais aperfeiçoadas, de modo a uma só produzir por centenas de homens, o trabalho humano tornou-se uma mercadoria menos procurada e, portanto, mais barata. As consequências na vida individual e familiar eram evidentes: aumentou a pobreza dos operários enquanto avultava a riqueza dos grupos financeiros e das nações industriais.

Essa situação gravíssima vem pintada com realismo cru na encíclica *Rerum Novarum,* do Santo Padre Leão XIII, nos fins do século xix. Foi dentro de tal situação que o *Manifesto Comunista* de 1848 lançou o brado: "operários de todo o mundo, uni-vos!" Esta a luta impropriamente denominada "do capital e do trabalho", porque na verdade o marxismo não pretende suprimir o capital como soma de trabalho acumulado, mas apenas como privilégio de indivíduos ou de grupos, passando, entretanto, o capital para as mãos do Estado, que se torna o único patrão e que exerce as funções dos antigos capitalistas, substabelecendo os seus poderes a favor de uma burocracia, o que vem, em última análise, recompor a situação anterior do predomínio de uma classe. Economicamente a verdadeira luta do comunismo é contra a propriedade familiar, já que a revolução dialética precipita as etapas da evolução capitalista, atingindo o grande monopólio do socialismo de Estado, forma em que se completam todos os monopólios de grupos, que também atentam contra o princípio da pequena propriedade, base física da família, e propulsionando a crescente proletarização das massas, razão pela qual foram condenados pela encíclica de Leão XIII e, em nossos dias, pelas de Pio XI e Pio XII.

Mas, para armar ao efeito, o marxismo diz lutar contra o capital e contra o chamado "imperialismo económico" das nações favorecidas pelo maior acúmulo dos meios de produção. Esse cartaz deu à batalha social um caráter de internacionalismo. Influindo no mundo político, gerou a concepção de "direitas" e de "esquerdas", entendendo-se por "esquerdas" tudo aquilo que favorecia o desenvolvimento da revolução, pelo que se incluiu na linha do "esquerdismo" os chamados "reformistas", constituídos pelos liberais avançados, pelos socialistas moderados, pelos burgueses progressistas, enfim pelos transacionistas de todos os credos políticos fundados no indiferentismo religioso ou num cristianismo de elástica transigência.

Hoje, entretanto, já não se pode dizer que existam "direitas" e "esquerdas". Essa manobra tática do marxismo não ilude mais a ninguém. O nazismo, por exemplo, foi considerado por muitos um movimento das "direitas" mas a sua base filosófica era a mesma do comunismo, pois partia de uma concepção meramente biológica do homem e de nítido conceito materialista da crítica histórica e os seus fins identificavam-se com os do comunismo, pela ereção de um Estado Totalitário des-

truidor da personalidade humana. As chamadas democracias poderiam ser tomadas como expressões das "direitas" colocando-se num campo antagónico ao totalitarismo soviético, mas essas democracias além de serem agnósticas, isto é, não considerarem os problemas do Espírito, fundam-se no mesmo princípio doutrinário da transformação social segundo o ilimitado processo dialético de Hegel adotado pelo marxismo, porque subordinam os tipos de Estado e de Governo, as formas sociais e as normas jurídicas, não ao critério de uma imutável concepção dó mundo e das leis imprescritíveis da moralidade impostas por Deus, mas ao critério aritmético das maiores somas de votos, o que leva as ditas democracias a negarem-se a si mesmas nas consequências dos atos eleitorais.

Temos, assim, uma nova forma de totalitarismo, — o totalitarismo das democracias agnósticas, totalitarismo despótico das massas, cujo peso quantitativo manobrado por hábeis técnicos da formação da opinião pública e pelo poder do dinheiro, conforme salientou o Santo Padre Pio XII, atenta contra os direitos do Espírito e contra todo o princípio moral, nada impedindo que pela força das massas majoritárias sejam os fundamentos da Religião e os próprios princípios da liberdade postergados e suprimidos. Fica assim também provado que a democracia clássica do tipo de Rousseau não é um instrumento idóneo de defesa do género humano contra a calamidade comunista.

O mundo, como se vê, não pode hoje ser considerado sob o aspecto de "esquerdas" e "direitas", mesmo porque apreciáveis multidões de operários se arregimentam em muitos países para combater o comunismo, enquanto homens ricos, burgueses engravatados se alinham na corrente do marxismo revolucionário, que lhes faculta a liberdade aos baixos instintos e aos costumes degradantes de traficâncias indecorosas e um sexualismo sem freios.

A questão está hoje posta nos termos do "espiritua-

lismo" e do "materialismo". Hoje, não se é mais económica ou politicamente da "direita" ou da "esquerda"; é-se espiritualista ou materialista. Crer ou não crer em Deus, eis a questão. O mundo está dividido entre os que crêem e os que não crêem em Deus. O comunismo não é uma política, é uma mística às avessas, uma concepção anti-religiosa do universo. É o mundo sem Deus. E o totalitarismo mais completo, o maior de todos, conforme disse, com muito acerto, o Padre Leonel Franca. O mais completo, porque contém em si todas as formas particulares dos outros totalitarismos. O maior, porque não se restringe aos limites de uma nacionalidade, mas alarga-se por todos os continentes aspirando o monopólio das almas e a escravidão dos povos.

Explorando diabolicamente os justos ressentimentos históricos das classes sofredoras, fazendo as mesmas críticas que fazemos das injustiças e desumanidades do capitalismo, tudo promete aos homens, usando de artifícios e de mentiras. "Assim se hipnotizam as massas", escreve o Padre Leonel Franca, "se mobilizam as energias religiosas da alma a serviço de uma ideologia ateia. Fé e esperança, dedicação e sacrifício, amor da justiça e da liberdade, todo esse património de riquezas humanas, que só tem valor numa ordem ontológica de realidades espirituais, são exploradas para acelerar a implantação de uma nova concepção de vida que as declara ficções sem conteúdo e abstrações malfazejas".

A grande heresia do século, a heresia do ateísmo militante, só pode, portanto, ser combatida, pela religião militante. Essa religião de combatentes é exatamente aquela que constitui o objeto do ódio mais feroz do marxismo: a religião de Cristo, a única religião da terra cujo senso de realismo social traz consigo a marca da sabedoria divina.

VIII

A DIVINA CHAVE DOS PROBLEMAS HUMANOS

Só Cristo eleva, dignifica a personalidade humana.

Só Ele traça os deveres mediante cujo cumprimento se tornam efetivos os direitos legítimos do homem.

Só Ele confere a verdadeira liberdade, a liberdade do Espírito, isenta das algemas dos instintos perversos.

Só Ele sabe fazer multiplicar o pão, de sorte que a todos caiba um pedaço, porque manda que repartamos o nosso quinhão com o nosso próximo (e não com o vago fantasma de uma humanidade inacessível e abstrata) e determina que, para bem o fazermos, nos reunamos em grupos (como no milagre da montanha) e dessa forma compreendamos que os grupos naturais, a *família*, a *corporação profissional*, o conjunto de famílias e corporações na *cidade*, e o conjunto de todos esses agrupamentos no grupo maior que se chama *Pátria* são condições fundamentais do perfeito governo inspirado na intangibilidade e dignidade da pessoa humana.

Só Ele, o Cristo, nos confere o conhecimento dos perfeitos equilíbrios económicos e políticos. Só Ele nos assiste em todas as horas, e nos acompanha através da vida, nos nossos trabalhos e tribulações, como nas alegrias e sonhos felizes ensinando-nos a *confiar no Pai Celeste* e a elevar as nossas almas na doce aspiração de um mundo onde toda a nossa sede de felicidade se satisfará atingindo o Bem Supremo.

Jesus, o Cristo, o Filho do Deus Vivo, Mestre incomparável e Redentor do Mundo — é a chave de todos os problemas humanos.

IX

O ESPÍRITO DAS TREVAS

Hoje, mais do que nunca, podemos dizer com São Paulo, que não batalhamos contra homens, porém contra os maus espíritos que andam no ar, contra as insídias do Príncipe das Trevas, que é multiforme nos seus expedientes e nos seus efeitos e conhece todas as táticas que levam os combatentes ao desânimo e ao desfalecimento. Ao configurá-lo, Goethe põe na sua boca, nas páginas do *Fausto*, o bilhete de identidade: "eu sou aquele que perturba". Em nosso século, o Arcanjo Rebelde assumiu a sua máxima expressão negativista. Em outros séculos, ele inventava religiões falsas contra a Religião Verdadeira, mas em nosso século os seus processos são outros: nega todas as religiões para envolver na negação a Verdade Revelada.

Contra o Cristo arregimenta muitas hostes; a principal combate-nos de frente, mas talvez por isso seja a menos perigosa; as outras atacam-nos pelos flancos e usam a astúcia dos paraquedistas, caindo em nossa própria retaguarda. São todas as teorias que, aparentemente desinteressadas, conduzem o espírito ao materialismo. Tomam um ramo qualquer das ciências particulares — a física, a química, a biologia, a fisiologia, a psicologia experimental — e enunciam premissas que conduzem insensivelmente as inteligências à negação da alma. Ou então lisonjeiam os instintos baixos do homem, segredando-lhes as promessas de uma liberdade que leva aos prazeres degradantes. Ou, para iludir melhor os corações, falam de nobres ideais de justiça baseados em falsas realidades.

O inimigo usa também das calúnias contra os bons combatentes e sabe fazer as cousas de modo tão sutil que atira uns contra os outros aqueles que deveriam estar unidos nas horas mais graves. Toma das palavras

e deturpa-lhes o sentido, toma dos atos dignos e desvirtua-lhes as intenções. Esse cruel inimigo mostra-se em nosso século exatamente como Jesus no-lo pintou segundo as palavras do Evangelista: assassino desde o princípio e pai da mentira.

É contra esse inimigo que tendes de combater, que temos todos nós, cristãos, de combater. Ele é o pai do ateísmo; é "aquele que nega". É o orgulho revelado, é o Espírito das trevas. Ele conhece todos os métodos modernos da guerra, porque possui também a sua "quinta coluna". Todos nós a conhecemos, porque ela age dentro de nós mesmos. Muitas vezes a percebemos quando se aproveita de nossas distrações e de nossas negligências, para nos arrastar ao pecado. Na hora em que nos entregamos ao estudo, ou à oração, ou quando meditamos ou trabalhamos, eis que o inimigo se insinua. Desprevenidamente, damos-lhe uma atenção distraída, como a um rumor que se ouve sem escutar. Audaciosamente, ele avança. É a hora em que a consciência, como sentinela, grita o seu grito de alarme. Mas se a guarnição da fortaleza está dormindo, inútil é o grito da sentinela.

Toda a alma em que o amor ao Cristo esmoreceu é fortaleza onde os soldados adormeceram. Só o amor do Cristo nos traz em alerta. Sem ele, nada somos. Sem amar a Jesus não lograremos defesa. E, entretanto, para lutar contra o inimigo do género humano, temos, antes de mais nada, de vencê-lo em nossa própria cidadela. Como propagarmos a Fé, se não a tivermos bem viva? E como trazer viva a Fé, se não tivermos a Graça? E como conseguirmos a Graça, se não possuirmos amor?

X

A SALVAÇÃO DO MUNDO PELA SANTIFICAÇÃO DAS ALMAS

Propagadores da Fé contra o ateísmo, arautos do Evangelho contra o materialismo, nunca seremos bons soldados, bons lutadores, se não amarmos ao Cristo, com tal incêndio de amor que tudo incendiemos onde nos apresentarmos. É amando a Jesus que suportaremos fadigas, incompreensões, injustiças, enfermidades nossas e das pessoas queridas, pois esse amor redobra as forças, ilumina a inteligência, estimula a vontade. Quando nos sentimos fracos, é a esse amor que recorremos, para recuperar a potencialidade da nossa Fé, exclamando como o pai do possesso na raiz do monte Tabor: "Senhor, eu creio, mas ajudai-me a crer!" Tão poderoso é esse sentimento, que por ele Jesus salvou a Madalena, dizendo-lhe: "porque muito amou, os seus pecados lhe são perdoados". De Pedro quis ouvir Jesus três vezes a proclamação solene de que o amava e, ouvindo-a, confiou-lhe o seu rebanho. E Pedro, que era fraco, pelo amor tornou-se forte, e, ainda que tivesse um dia negado o Mestre, pôde sustentar o nome de Jesus durante o resto de sua vida e encontrou energias suficientes para o martírio.

Amar a Jesus é cumprir a sua doutrina. O amor não mente, não trai, não se cansa, não arrefece. Por esse amor amaremos o nosso próximo, vendo em cada um dos nossos semelhantes a imagem do próprio Mestre. Será este amor a medida da nossa justiça e da nossa misericórdia, e medindo por ela os nossos irmãos, também por ele seremos medidos. Será este amor o cântaro onde colheremos a água da Graça com que desalterar a sede da verdadeira justiça; será o óleo da lâmpada onde a chama da Fé estará sempre acesa; será o cálice por onde beberemos o licor generoso da fortaleza nas horas em que a tentação quiser desmaiar-nos no pecado.

Para combater o mal da sociedade, precisamos, primeiro, combater o mal em nós mesmos.

Atingir a candura da castidade e a grandeza da caridade é a primeira condição para quem quiser entrar nesta batalha, nesta duríssima batalha contra os males do século. Não podemos ser os desmoralizadores de Jesus Cristo, anunciando em grandes cartazes a sua divina indústria e depois oferecendo produtos ruins e deteriorados. O pecado é a bandeira do adversário e assim como ninguém vai à guerra levando a bandeira do inimigo, mas a sua, também não é digno de lutar pelo Cristo quem não erguer a bandeira da própria santificação. O fato de alguém não ter uma vida pura significa que ama mais o mundo e os seus prazeres do que o Cristo, e como nós amamos sempre aquilo em que mais acreditamos, aqueles a quem quisermos conquistar não poderão convencer-se de que cremos no Cristo. Temos de ser como aquele homem de que Jesus nos fala, o qual tendo encontrado à venda uma pérola maravilhosa, dispôs de todos os seus bens e comprou a pérola. Porque se cremos numa vida sobrenatural, se estamos certos de que no Céu está o nosso último e supremo destino de felicidade, como incutirmos igual certeza em nossos semelhantes, se eles nos vêem mais preocupados com os bens da terra do que com os bens celestiais?

Eis porque vos concito e me concito, nesta hora terrível da humanidade, em que o ateísmo militante marcha, de trincheira em trincheira, a conquistar e a destruir a civilização cristã, a que nos façamos mais puros e perfeitos, socorrendo-nos para isso daquele amor ao Cristo, que nos dá força e capacidade de realização, para que, vencedores de nós mesmos, desfraldemos as nossas bandeiras e, como bons soldados, sejamos dignos de gritar à Cristandade — alerta! alerta! — precipitando-nos na batalha, pela causa, pela glória, pelo império de Jesus!

O DIA DO PAPA

I

A ORDEM HUMANA SÓ PODE REPOUSAR NA ORDEM DIVINA

É num momento gravíssimo da História que nos reunimos para exprimir a nossa obediência e a nossa homenagem à excelsa figura do Augusto Pontífice reinante. Este ano de 1946 é o ano da desilusão para todos os que imaginaram ser possível sanar as desgraças humanas com remédios puramente humanos. Evidencia-se a inanidade dos esforços dos povos pela paz e comprova-se que a ordem humana, sem inspiração na ordem divina, não passa de um ideal inatingível.

Ao considerar tudo" isso, o nosso pensamento volta-se para a única esperança do mundo em ruínas: a Igreja de Jesus Cristo, e, a representá-la, e a dirigi-la visivelmente, aquele que o mesmo Cristo nos deu por amantíssimo pastor e guia provido, terreno firme da nossa fé, pedra que os Evangelhos três vezes nos mencionam: pedra, nome novo de Simão, o pescador; pedra da revelação de Cesaréia, contra a qual não prevalecem as portas dos infernos; pedra do Sermão da Montanha, sobre cuja inexpugnabilidade edificam os homens sensatos, a fim de que os ventos e as águas, no fragor dos temporais, não consigam destruir a construção que nele repousa.

*

*   *

Os tempos que vivemos representam o epílogo de um longo drama, que tem suas raízes na Grécia antiga, res-

surgindo várias vezes através dos séculos e desdobrando-se de maneira impositiva, desde a Renascença e a chamada Reforma Religiosa, até ao naturalismo do século XVIII e o cientismo do século XIX. É o drama de Édipo, ou do Homem, tentando decifrar a Esfinge-Natureza, a fim de encontrar as leis morais com que pretende reger-se, independente de Deus. O Homem procura uma "ordem-nova", por não se satisfazer com as que vai realizando; o seu espírito não repousa em nenhuma forma social; o seu coração não tem pausa, no anseio de atingir a felicidade sonhada.

Assentar definitivamente as regras da própria conduta, eis a preocupação do Homem, uma vez que a conduta é o instrumento de realização da felicidade. Mas assentar essas regras exige uma medida das ações; estabelecer essa medida, eis a grande dificuldade da inteligência cujo orgulho não lhe permite subordinar-se à verdade revelada.

A inteligência quer procurar por si mesma a medida das ações. Estabelecendo como ponto de partida o naturalismo dos Enciclopedistas, principalmente o ateísmo do tipo de Holbach, o Homem quer achar por si mesmo a linha do equilíbrio entre os *direitos* e os *deveres.* Considera seu melhor livro o próprio espetáculo dos seres vivos em todas as escalas animais e, principalmente, o panorama histórico e pré-histórico dos grupos humanos em todos os graus do desenvolvimento social. Dessa forma, já nos fins do século XVIII, os estadistas e pensadores políticos estão completamente divorciados de Deus, mesmo aqueles que ainda observem certas práticas religiosas, as quais separam das cogitações relativas à Economia, à Pedagogia, à estrutura jurídica da sociedade. É o agnosticismo, que começa a imperar nas nações, preocupadas apenas com o progresso e o aumento da riqueza dos povos.

Nesse ambiente, toma corpo a doutrina dos utilitaristas. Não é nova, mas ressurge na hora oportuna. Estão quebrados os elos entre a Religião e o Estado, entre as

atividades políticas e as espirituais das nacionalidades. A última tentativa de se dar uma base religiosa à ordem internacional, foi a declaração das grandes potências, em 1815, após a queda de Bonaparte. "Os reis abaixo-assinados" (diziam os monarcas) "consideram-se como membros de uma mesma nação cristã, tendo por único soberano Jesus Cristo, Verbo Altíssimo, e encarregados cada um deles, pela Providência, de dirigirem um ramo da mesma família; e convidam todas as potências a reconhecer estes princípios e a entrarem na Santa Aliança".

Essa declaração, se concorreu para dar estabilidade ao equilíbrio da Europa Continental, por outro lado conflitava com os impositivos de uma época de realizações práticas, florescimento das indústrias e do comércio, conquista de mercados, ampliação de espaços vitais, luta entre grupos financeiros e começo da batalha entre o capital e o trabalho. Por essas razões, em nome da Inglaterra, Canning insurgiu-se contra a Santa Aliança, no que foi seguido pelos jovens povos das Duas Américas e em seguida pelos chamados movimentos constitucionalistas da França, de Portugal e da Espanha. Posta de lado a vida espiritual, restavam apenas os interesses económicos, dando ganho de causa aos utilitaristas. Pretendiam estes que tudo quanto é útil deve ser considerado moral, e tudo o que concorre para felicidade do homem na terra deve ser tido como útil. Entendiam por felicidade o prazer, o que os ligava à concepção de Hobbes e mais remotamente à filosofia de Epicuro. Mas como a ideia do prazer é incerta, os utilitaristas não possuíam uma medida básica da felicidade, por conseguinte do "útil" e, finalmente, das leis morais.

*

* *

Pelos meados do século xix, surgiram outros a corrigir-lhes tamanha insegurança. Foram os moralistas

científicos. Para serem realmente científicos, tiveram de ser evolucionistas. Em primeiro lugar, porque o cientismo considerou, como lei imprescritível da matéria a evolução, através de transformações sucessivas, o que também obrigava a moral, dita evolucionista, a permanente transmutação, consoante os impositivos de novas circunstâncias; em segundo lugar porque, provindo a moral das conclusões da experiência, não poderia haver regras fixas das ações humanas, mas apenas regras variáveis, segundo os resultados, por vezes contraditórios, das investigações. E assim apareceu a moral científica, baseada na instabilidade das hipóteses, em contraposição à moral religiosa fundada em princípios imutáveis. Eram as duas imagens usadas por Jesus no Sermão da Montanha: os homens que edificam sobre a areia movediça e os que edificam sobre a rocha. Infelizmente predominaram os homens que *constroem sobre a areia.*

A influência do evolucionismo e do transformismo na Economia, no Direito, na Pedagogia, foi decisiva. Como para banir todas as inspirações de ordem religiosa na política utilitária que então se desenvolvia, alargava-se a influência da filosofia positivista, varrendo das cogitações humanas tudo o que não era susceptível de verificação experimental. Sem empreender a negação absoluta do sobrenatural, o positivismo assumia a atitude de indiferença religiosa; e não podendo enquadrar o Infinito nos métodos adequados às pesquisas dos aspectos particulares da natureza, deixava de tomar conhecimento de tudo o que escapasse a tão estreitos limites. Utilitarismo, associacionismo, transformismo, positivismo, pragmatismo, tudo passou a resumir-se numa palavra: agnosticismo.

*

* *

Essa foi a palavra mágica que construiu a chamada civilização do século xix. Todos os políticos e homens de

Estado sentiam-se envergonhados se se lhes atribuíam intuitos de levar ao campo dos problemas práticos da administração pública, da interpretação e aplicação do Direito, dos métodos pedagógicos ou dos negócios internacionais qualquer coisa que de longe se parecesse com o ridicularizado "sobrenatural". Tornou-se moda mofar da metafísica, meter à bulha a teologia e apontar como "carolas" e reaciònários fradescos os homens varonis e fortes que pretendessem, na cátedra, na magistratura, na atividade partidária, no exercício do governo, tomar as suas convicções religiosas como inspiradoras de seus atos e funções.

O de que se tratava era do progresso. Ser progressista, eis tudo; até mesmo católicos progressistas. Era a palavra mágica do "século das luzes". Estender trilhos de ferrovias, fios de telégrafo, ligando os países; lançar ao mar navios a vapor; iluminar as cidades, primeiro com gás de Le Bon, depois com a lâmpada de Edison; aperfeiçoar as máquinas, extrair hulha, fundir o ferro, fabricar canhões e metralhadoras, ampliar as investigações no campo das ciências naturais, eis tudo, e, para tal, os governos tinham de ser práticos, pondo de lado a velharia do beatério retrógrado...

Assim como, hoje, *todos os que se insurgem contra o comunismo e o materialismo são tidos por fascistas e nazistas,* também naquele tempo todos os que proclamavam os direitos do espírito em contraposição à predominância das exclusivas preocupações materiais, *eram acusados de tacanhos, rotineiros, beatos, supersticiosos.* A Religião foi declarada incompatível com a ciência e nociva ao Estado, à educação e às estruturas de uma nova sociedade. Como extingui-la seria contradizer aquela famosa liberdade, que afinal servia de base à negação de si mesma, isto é, ao determinismo supressor do livre-arbítrio, o de que se tratou foi de separar completamente a Religião, primeiro do Estado, depois da Sociedade. Proclamou-se o laicismo como fundamento de uma educação verdadeiramente livre. As leis reguladoras da constituição e exis-

tência da família foram, pouco a pouco, isentadas da concepção da moral espiritualista. E assim se construiu o mundo sem Deus.

*
* *

Por essa mesma altura, apareceu outra corrente de pensadores: os chamados neo-hegelianos. Também punham Deus de lado. O mundo, para eles, era a representação das ideias geradas pelo espírito. No começo não explicavam o que era o espírito; depois disseram: o espírito é um produto da matéria. A matéria gerava o espírito, o espírito gerava a ideia, a ideia gerava o fato, o fato reagia contra a ideia geradora, desse conflito nascia outra ideia. Assim, as concepções do homem, da sociedade e do Estado, para esses filósofos, eram também permanentemente mudáveis.

Os positivistas e os transformistas assentavam a moral no terreno movediço da evolução; estes outros assentavam-na sobre o terreno vulcânico da revolução. Nem uns nem outros tinham ideias claras, precisas, sobre a moralidade. De uns, como de outros, ou de ambos fundidos, surgiram verdadeiros monstros do pensamento humano.

Assim foi o marxismo. Trouxe consigo a brutalidade do "struggle for life" de Darwin e a violência dos conflitos hegelianos das ideias; imaginou o ser humano apenas sob o aspecto económico da nutrição e da reprodução ; porém, como aceitou de Hegel a dinâmica da dialética, aplicou-a no que se referia à ação das massas na História e desencadeou a revolução materialista, expressão absurda, porque dizer materialismo é negar o livre - arbítrio e dizer revolução é aceitar a possibilidade da intervenção humana nos acontecimentos sociais, o que contraria o materialismo, essencialmente determinista.

Dentro dessa absurda concepção do homem e dos seus movimentos, o marxismo não objetiva um tipo de sociedade estável e definida, mas a contínua metamorfose social, suprimindo qualquer preocupação de moralidade.

Ora, sendo a moralidade, no dizer dos próprios utilitaristas ou evolucionistas, um instrumento de realização da felicidade humana, pelo estabelecimento do útil como medida do prazer saudável, segue-se que o marxismo nem mesmo objetiva a felicidade humana na terra, já que ela nunca será susceptível de uma medida através das violentas transformações sociais, que decorrem da revolução permanente.

O marxismo, desencadeou o ódio na terra; *aceitou os princípios do capitalismo absorvente,* de cujas teorias Marx se diz continuador; deflagrou a luta entre as classes; provocou distúrbios, revoltas e guerras sangrentas e obscureceu a humanidade na confusão, no desespero e na loucura.

*
* *

Derivando também do materialismo, porém abstraindo o homem económico da concepção marxista, para se aferrar ao individualismo de Rousseau e à ideia dos heróis como se vê em Emerson e Carlyle e, sob certos aspectos, em Byron e nos românticos, e sorvendo em largos haustos aquela inspiração racista que tão patente se mostra em Gumplowicz, Houston, Chamberlain, Gobineau, Kipling e na política pan-germânica de Bismarck, apareceu Nietzsche, com a imagem do Super - Homem. Seus gritos retumbaram no século. Pregou a violência, influiu na doutrina dos nacionalismos exacerbados e forjou um individualismo novo, não feito dos equilíbrios impossíveis de Jean-Jacques, mas baseado no desequilíbrio entre a massa dócil e o homem superior onipotente. Foi o grande inspirador do armamentismo, dos golpes de Estado, das tiranias, das lutas cruéis, da brutalidade das guerras de extermínio. Também para Nietzsche a moralidade é uma palavra vã. O

Super-Homem está acima do Bem e do Mal. Seus direitos não encontram limites. Tudo é bom para ele, desde que possa expandir-se, realizar-se. Governa as massas, é senhor da vida dos homens. Pode esmagar coletividades inteiras, arrasar cidades no dia em que possuir uma bomba capaz disso; pode pisar sobre velhas concepções de Direito, desrespeitar as leis da hospitalidade, da misericórdia e as regras milenares da jurisprudência; pode sufocar religiões, atirar massas humanas para onde queira, esfomear, degradar, incendiar o mundo. As consequências dessa filosofia no Direito Público e nas relações internacionais são terríveis. E, assim, como o marxismo, o nietzschismo vem agravar os desesperos do mundo e transformar os homens em feras.

*

* *

Mas enquanto tais ideias se propagavam, que faziam as nações ditas cristãs? Cortavam nas suas constituições e nas suas leis todos os elos com o "divino". A religião foi por elas apenas tolerada, não passando de um assunto particular sem nenhuma relação com a vida dos Estados. Os governos não eram mais governos, mas simples gerências de negócios. Arrecadar impostos, pagar funcionários, zelar pelos melhoramentos públicos e pelo policiamento, e nada mais.

Esses governos agnósticos, tipos de caixeiros e de guardas-noturnoSj pelas suas simples atitudes ensinavam aos cidadãos a moral do oportunismo e da traficância.

Se o Estado só se preocupava com os negócios, se a governança era apenas um balcão internacional, se acima dos valores espirituais havia as necessidades do comércio, que outra cousa significam tais procedimentos senão a propaganda sem palavras das mesmas ideias materialistas abertamente pregadas pelos negadores de Deus?

Desemparados, portanto, pelos seus dirigentes, os povos ficaram à mercê dos falsos profetas. Numerosos foram eles, cada qual trazendo teorias absurdas e catastróficas, mas todos, sem exceção, concordes num ponto: o abandono total das ideias de um Deus Criador e do destino sobrenatural da criatura humana.

*

* *

No segundo quartel do nosso século, esses profetas chocaram-se uns contra os outros e tudo o que ainda representava alguma conquista da civilização cristã caiu por terra despedaçado. Conflito sem precedentes arrastou as nações e pudemos ver uma guerra cruel, tão universal nos seus efeitos e tão devastadora nas suas consequências, como não a sonharam decerto nem mesmo aqueles que colocaram os interesses económicos, políticos e estratégicos acima de qualquer consideração da humanidade.

Um século de irreligião, um século de absoluto descaso pelos valores espirituais produziu o que vimos, o que nenhuma geração tinha visto antes de nós.

Haverá maior prova de que a ordem humana não pode repousar fora da ordem divina?

II

OS FUNDAMENTOS DA ORDEM DIVINA ESTÃO NA DOUTRINA REVELADA

Mas onde estão os fundamentos da ordem divina? Acaso poderemos ir procurá-los nos laboratórios dos homens?

Acaso virão eles da física ou da química, da biologia ou da antropologia, das pesquisas dos meandros fisiológicos ou da análise esmiuçadora dos mistérios da psicologia humana?

Será na mensuração e no exame constitucional dos cérebros dos grandes protagonistas da tragédia dos nossos dias que iremos encontrar a chave com que explicarmos esse estado mórbido de indiferença pelas dores alheias que é o alarmante sintoma universal da humanidade de hoje? Continuará o homem tão ingénuo, ao ponto de rebuscar em alguns gramas de massa encefálica o segredo das ações que se vinculam, não apenas às mais profundas raízes do ser, mas à fonte de toda a responsabilidade histórica, que flui da própria alma de um século capaz de criar tão espantosa tragédia?

Continuará a Humanidade de tal modo cega, ao ponto de procurar os fundamentos da paz nos fundamentos da guerra?

Não foram as teorias do espaço vital que deflagraram a guerra? Então, como subordinar aos seus temas, disfarçados em necessidades de defesa estratégica e zonas de influência, aquele assunto primordial que envolve as legítimas soberanias e a liberdade dos povos?

Não foi a exaltação nazista da força que preparou o mundo para a catástrofe? E, então, como fundar no arbítrio dos fisicamente mais apetrechados a definição dos direitos e a aplicação da justiça?

Como, na hora em que se trata de dar novo alento à consciência jurídica dos povos, tomar por medida de representação e arbítrio o potencial econômico-industrial e o volume das populações, e não as legítimas hierarquias da cultura, cujos índices mais elevados se encontram indiferentemente em países tanto grandes como pequenos ?

Se pretendemos construir uma casa, não procedemos a uma eleição para escolher como construtor o mais votado, mas chamamos um arquiteto competente; e se precisamos curar um enfermo não perguntamos qual o médico mais rico da cidade, nem qual deles, na véspera, tinha constituído uma sociedade comercial com o doente ou casado com a sua filha, mas indagamos qual o mais sábio e capaz de tratar da moléstia. No entanto, vemos as nações reunirem-se para curar o mundo, mas os médicos de maior valor são postos de lado.

O mundo só se cura e recompõe recuperando o sentido da ordem divina.

E esse sentido da ordem divina o homem só o possui pela munificência da revelação, que Pio XII chamou "a confidência de Deus ao homem". Da verdade revelada riram-se Feuerbach e Karl Marx, riram-se Nietzsche, os utilitaristas, os positivistas e adeptos da moral científica; mas agora chegou a vez do mundo rir-se deles. É um riso triste, é uma gargalhada de sarcasmo, porque traz, ao mesmo tempo, a ironia dos povos desiludidos e a revolta dos que, tendo lutado contra a opressão, gemem no oriente europeu, ao peso dos próprios libertadores.

*
* *

A moral materialista é uma construção jamais acabada. Se os filósofos pretendem defini-la, fazem-no com caráter provisório; suas regras duram o tempo que vai de uma hipótese a outra hipótese. Mas, se em vez dos filósofos são os políticos a firmá-la, então já não é a experiência de laboratório que governa, mas decidem os interesses de ocasião, os quais podem mudar com os ventos internacionais ou a oscilação interna dos partidos. O branco será preto e o preto será branco.

Assim é a moral sem Deus; a moral dos camaleões, oficina de tinturaria onde a justiça manda pintar as roupas da cor que lhe convém. Moral prismática onde a verdade se decompõe nas colorações particularistas do egoísmo. Moral que principia decompondo a luz e termina levando às trevas onde os homens e as nações se debatem até ao desespero.

Porque a Luz verdadeira veio ao mundo e os homens rejeitaram-na. Rejeitaram-na por orgulho e porque tinham o coração de ferro. A luz é a verdade, e a verdade só é verdade quando vem do amor. Pois o amor não mente, não engana. Enganar é uma forma de crueldade. O mentiroso, antes de ser mentiroso, teve de ser mau. Mas o homem verdadeiro, para ser verdadeiro, teve, primeiro, de ser bom, já que sem bondade não há verdade. E ninguém no mundo foi tão bom como Jesus. De mim, vos digo que creio na divindade de Jesus pela verdade que nos disse e creio na Sua verdade, principalmente pelo bem que nos fez e continua a fazer-nos por todo o sempre.

A verdade é uma forma de amor. O Cristo é Deus revelando-se em amor. Só ele nos oferece o segredo da Ordem Divina, como fundamento da ordem humana. E a ordem humana que pretender erigir-se pondo Deus de lado será a ordem precária, a ordem da desordem, qualquer coisa como a disciplina das quadrilhas de bandidos onde o terror pelos mais fortes é o estatuto degradante da manutenção da comunidade.

*
* *

Sendo o Cristo a própria verdade, tudo quanto nos disse é verdadeiro. E sendo verdadeiro tudo o que nos disse, temos de tomar como fundamento da nossa fé todas as suas palavras, nos discursos que fez e nas mais diversas circunstâncias de sua vida. Entre estas estão as que disse a Simão Pedro, não uma só vez, mas repetidas vezes, fazendo-o chefe da cristandade de todos os tempos, assim como as que pronunciou instituindo o sacerdócio cristão, determinando a missão e as tarefas de seus ministros e fundando a sua Igreja.

É portanto, a Igreja, — por tudo quanto Jesus ensinou e determinou — a depositária e fonte de toda a verdade que fluiu da palavra do Redentor. Segue-se

que nenhuma ordem duradoura pode instituir-se e manter-se, quer em nossa vida particular, ou familiar, quer na vida social, nacional ou internacional, se a Igreja de Jesus Cristo não for, para isso, ouvida, acatada e respeitada.

III

A REDENÇÃO CONTINUA A OPERAR-SE NO MUNDO

Não podemos alimentar a ilusão dos otimistas, que acreditam na bondade natural do ser humano. Nem cairmos no erro oposto, que é o pessimismo, cuja ordem se baseia na força coercitiva do Estado. Nem incorrermos nos exageros dos fisiocratas e sectários da economia liberal, que acreditam possível o equilíbrio do mundo desde que se não oponham limitações às por eles chamadas leis naturais. Nem adotarmos os princípios da moral utilitária, que é moral sem medida, ou os postulados da moral evolucionista, que é moral com medida elástica. Nem o individualismo delirante de Nietzsche, nem o coletivismo informe de Marx.

Temos de considerar o homem segundo um critério realista. Tomá-lo como ele é, na sua grandeza e na sua miséria, na sua força e na sua fraqueza, nas suas más e nas suas boas disposições. É sobre esse homem, instintivo e racial, físico e espiritual, atraído pela Terra e chamado pelo Céu, que temos de construir a sociedade. Essa construção, para satisfazer os dois fins do homem — o temporal e o celestial, o natural e o sobrenatural — só pode basear-se na obra divina da Redenção.

*
* *

O Sacrifício do Calvário não termina no Calvário. Continua pela presença real do Cristo e o holocausto quotidiano dos altares. Continua na germinação da semente da mostarda evangélica, em todos os séculos e em todos os minutos, em todos os povos e em cada um dos homens.

Fomos redimidos pelo sangue e continuamos a ser redimidos pelo milagre da presença do Cristo Salvador. Não se compreende que o Cristo viesse ao mundo e depois nos abandonasse; e sabendo que somos ignorantes em tudo aquilo que ultrapassa a possibilidade da nossa investigação, não ficasse entre nós para nos ensinar; e sabendo que somos fracos, não estivesse no meio de nós para levantar as nossas forças; e, sabendo que sofremos, não nos acudisse dizendo-nos: "aqui estou!"

*
* *

Positivamente, não somos o homem que Rousseau imaginou, porque a nossa bondade natural está cheia de maldade e até mesmo quando fazemos o bem leva-' mos em nossas mãos ou em nossos olhos um pouco do mal, que é a triste condição da nossa queda; nem somos, também, o homem perverso, conforme nos viu Hobbes, a tal ponto que devamos ser governados com uma verga de ferro.

Somos o Homem-Homem, o homem real sobre o qual operam os benefícios da Redenção. Todos os dias precisamos desses benefícios no duro labor do nosso aperfeiçoamento. Com eles aprendemos a suportarmo-nos, a acudirmo-nos e consolarmo-nos mutuamente. Com eles, podemos dizer a Jesus, quando o recebemos em corpo, sangue, alma e divindade: "Senhor, eu percebi o vosso olhar no meu irmão, quando lhe fui útil na

sua angústia, ou paciente com ele, ou lhe enchi a boca de pão e a alma de alegria".

Sim: os benefícios da Redenção multiplicam-se, expandem-se, aprofundam-se, renovam a face da terra e iluminam os povos com a doce luz da Paz.

Se caímos, por eles nos levantamos; se choramos, por eles nos alegramos; se alguma coisa nos parece difícil, eis que por eles tudo se nos facilita. Não há problemas humanos que não se resolvam se nos socorremos da Graça Permanente do Mistério Redentor.

Pois o que estava desunido, pelo Cristo se une; o que estava obscuro torna-se claro; o que era guerra transforma-se em Paz.

Grande mistério! Incomparável munificência de Deus! Como podem os homens esquecer-Te? Como podem rejeitar a Tua luz de amor para entrarem nas trevas do ódio e da vingança? Como podem procurar as chaves da ordem duradoura, no meio da escuridão, rejeitando a Tua luz, que espanca as nuvens das incompreensões e põe nos olhos humanos a doçura da simpatia e da concórdia?

IV

COMUNHÃO E HIERARQUIA DA IGREJA

Um mundo existe que o mundo não conhece. Ê esse mundo que eu vejo, com os olhos da minha alma, quando estendo o meu pensamento pelos continentes da terra, pelos cinco mares em que desabrocham as ilhas e cujas orlas beijam as praias de todos os povos.

Vejo a comunhão da nossa Igreja, nos ignotos sertões onde os missionários levam a palavra do Evangelho.

Nos hospitais, em cujas brancas paredes recorta-se a imagem do Crucifixo e os vultos das irmãs de caridade passam confortando as dores físicas e acenando, aos que já não têm esperanças na terra, com as doces esperanças do Céu.

Nos lares, à hora noturna, quando as famílias piedosas desfiam as contas do rosário, enquanto os reflexos das velas, ao pé do oratório, põem brilhos de oiro nas cabeças das crianças e brilhos de prata nas barbas dos velhos, e fios finos de luz na silhueta espiritualizada das mães.

Nos campos, ao toque do Ângelus e ao luzir das primeiras estrelas, os camponeses a descobrirem-se para saudar a Virgem Imaculada.

Nos templos das metrópoles tentaculares e nas humildes igrejinhas das aldeias, recortadas no azul e coroadas de pássaros cantores, as campainhas tilintando e a Hóstia Branca subindo nas mãos dos sacerdotes.

Nas estradas que vão aos santuários de todos os países, onde tenham baixado mensagens do Céu, as multidões de peregrinos, unidos pelo mesmo sentimento e procurando, nos mesmos consolos, a força necessária à vida de suas almas.

Nos gabinetes dos sábios, quando os sábios atingiram a sabedoria da humildade, o começo e o fim dos seus trabalhos iluminando-se pela invocação ao Pai Celeste.

Nas prisões, hoje tão cheias tanto de criminosos como de inocentes caluniados, e nas geladas estepes da Sibéria, onde multidões, deslocadas de suas Pátrias pelo crime de fidelidade ao Cristo e ao seu Vigário, gemem sustentando-se na fé irredutível.

E nos mosteiros, e nas clausuras onde seres humanos se consomem na oração e na penitência.

E na cátedra dos mestres que querem ser verdadeiros, e na mesa do trabalho dos escritores que se empenham em revelar ao mundo o Verbo Incarnado.

E nas escadas, que vão às mansardas, por onde sobem e descem os portadores de pão e de agasalhos, medicamentos para os corpos e para as almas.

E nas tribunas, onde as bocas se abrem para fazer canglorar, mil vezes, o mesmo anúncio dos anjos em Belém e dos apóstolos no primeiro século e dos missionários que atravessam florestas nos confins da terra...

Sim: tudo isso é um mundo que o mundo não conhece, o mundo de Cristo, a comunhão dos santos, mundo onde a Redenção se opera e a Luz Verdadeira aclara e aquece, e a água da vida eterna dessedenta e dá começo à própria Eternidade nos limites da terra limitada...

Nesse mundo, as almas entendem-se, entrelaçam-se. A assisti-las, a governá-las, coordena-se toda uma hierarquia, que começa no mais pequeno presbitério e vai culminar naquele que é sustentáculo da grande construção, definidor supremo da Fé, palavra viva do Cristo, sentido da disciplina dos homens verdadeiramente livres, pastor do imenso rebanho, chefe dos pescadores de almas, realeza do Verbo Incarnado, rochedo irredutível, invencível, contra o qual, em vinte séculos, as potências do mal debalde arremeteram!

V

JESUS VELA PELA SUA IGREJA

É esse Chefe que hoje aqui festejamos. Neste ano de 1946, quis a Divina Providência que nele venerássemos a figura de um sábio e de um apóstolo, de um herói e de um santo. Não duvidarei mesmo, ao exaltar convosco a personalidade do Augusto Pontífice Reinante, não duvidarei em proclamá-lo, entre os vultos da His-

tória em nossos dias, o mais alto, o mais nobre, o maior de todos. Ele constitui a prova de que o Cristo não desampara a sua Igreja em nenhum momento. Para cada caso, Jesus tem seus remédios; para cada dificuldade, a providência adequada; para cada missão o homem apropriado. Tudo prevê e provê, e porque ama os seus filhos nunca os deixa desamparados. Assim, naqueles dias que precederam a Ascensão, foi pensando nos seus filhos através dos séculos, que entregou a Pedro o cajado de pastor. Três vezes perguntou, primeiro, se Pedro o amava e, à terceira resposta, pronunciou a frase testamentária: "apascenta os meus cordeiros". Os tempos eram penosos e Pedro era o homem do momento, e de sempre, por si e seus sucessores.

*
* *

A cena das margens do lago repete-se indefinidamente na História. Assim foi naquele dia 2 de Março de 1939.

Toda a cristandade, desde a madrugada de 10 de Fevereiro, estava abatida por uma dor profunda, que se misturava a um sentimento de incerteza em face do enigmático futuro. Não que lhe faltasse confiança nas promessas de Cristo quanto à inexpugnabilidade da sua Igreja, mas porque é da natureza humana afligir-se nos instantes das duras provações.

A morte de Pio XI, naquele começo de 1939, quando nos bastidores internacionais se preparava a pavorosa catástrofe, representava a perda do maior dos tesouros para a consciência católica. Era o desaparecimento de um guia, de um chefe intemerato, cujas atitudes varonis na luta contra as grandes heresias do tempo edificavam o mundo e enchiam de justo entusiasmo as almas retas e justas.

Foi no pontificado de Pio XI que o materialismo do século xix produziu os frutos mais envenenados da sua árvore má. Além dos erros apontados por Leão XIII na sociedade capitalista, agravando a miséria das massas obreiras e multiplicando a proletarização das classes médias em detrimento dos legítimos direitos das farní lias; além das agitações políticas dissolventes oriundas daquele liberalismo sem freios apontado por Gregório XVI e mais veementemente por Pio IX como instrumento das forças secretas e do materialismo corruptor; além da indiferença religiosa que enfraqueceu até às raízes a sociedade cristã, — surgiram as concepções do Estado Totalitário, quer as de caráter racista e nacional, quer as de caráter coletivista e universal.

Permitiu Deus que esses dois erros, dé fins aparentemente diversos mas de fundamento filosófico comum (o materialismo) crescessem, e se unissem inicialmente, e depois se separassem, arrastando, quer na união, quer na separação, quase todas as nações da terra, forçadas a ligarem-se a um ou a outro por força das posições geográficas ou dos interesses políticos ou estratégicos.

Não viu Pio XI a segunda parte dessa terrível tragédia, mas sentiu e compreendeu o que se passava. O seu trabalho, para preservar a cristandade e salvar o género humano, foi intenso. Atualizou a grande encíclica de Leão XIII, lançando ao mundo a palavra definitiva sobre os conflitos económicos e sociais do nosso tempo; combateu as duas idolatrias: a racista e a comunista; escreveu sobre o matrimonio e a família, tão ameaçados no século, uma verdadeira carta de casados e de pais de família; e como instrumento de apostolado e exercício ativo do espírito cristão, arregimentou as almas nas organizações da Ação Católica. Era esse homem que morria na madrugada de 10 de Fevereiro, enquanto as forças do mal que o haviam "contestado, caluniado, injuriado e crucificado", preparavam-se para lançar o mundo num oceano de sangue e de lama.

A morte de um grande Papa exigia o aparecimento de um grande Papa. Foi o que sucedeu na tarde de 2 de Março, quando da tradicional chaminé evolou-se o

branco fumo anunciador. Estava eleito Eugênio Pacelli, cardeal camerlengo, último Secretário de Estado de Pio XI.

VI

PIO XII, APÓSTOLO DA PAZ

A Igreja precisava ter à sua frente alguém que dominasse com seu vasto saber toda a cultura do século; e o Cardeal Pacelli, senhor das letras sagradas e profanas, jurista versado em todos os ramos do direito, poliglota falando variadas línguas, cientista, filósofo, diplomata — era o chefe indicado para dirigir a barca de Pedro em nosso tempo. A Igreja precisava, como autoridade suprema, de alguém que no século das grandes batalhas do espírito contra a predominância das forças materiais, possuísse o fogo da palavra dos propagadores do Evangelho no I Século, quando a bandeira de Cristo se desfraldou no meio das brutalidades do paganismo; e o Cardeal Pacelli era o apóstolo das Nações, o arauto da Sagrada Eucaristia, que percorrera muitas terras e convivera com muitos povos, atravessara o Atlântico, auscultara os corações das duas Américas, isto é, do futuro, e falara, cheio de eloquência, a formidáveis massas humanas. A Igreja precisava de um herói, capaz de enfrentar ameaças aterrorizantes que os dias próximos iriam trazer à cristandade; e o Cardeal Pacelli, de aparência frágil, tinha sido posto à prova em difíceis missões de nunciatura exercidas em tempos calamitosos, com aquela coragem que revelava, desde então, de que seria capaz como Bispo de Roma, Chefe de Estado e Pai da Cristandade. Mas, acima de tudo, a Igreja precisava de um homem de vida santa, sendo a medida com

que se medem os santos — a perfeição do amor por Jesus Cristo. Esse amor, em si, é começo de perfeição, mas alimentando-se dele as virtudes santificadoras, estas serão tanto mais perfeitas quanto mais provenham do perfeito amor. E a vida do Cardeal Pacelli, em tudo quanto fez e ensinou, foi sempre ascensão contínua de amor ao Divino Mestre. Essa qualidade, de todas a maior, foi certamente a que decidiu Jesus, pelos votos do conclave, naquela tarde de 2 de Março quando a massa popular no vasto Belvedere gritou delirantemente aclamando Pio XII.

No dia 12 daquele mês, representado por Pio XII, o Divino Salvador, mais uma vez na história da humanidade, cingiu a tiara de três coroas, no balcão de S. Pedro, diante da antiga Roma dos Césares e Eterna Roma da Cristandade. Cantaram todos os sinos da terra. E as centenas de milhares de católicos que viram com seus próprios olhos o novo Papa, não puderam conter as lágrimas em que à alegria se misturava a profunda emoção. Os povos têm a intuição do futuro. Aquele era o Papa dos dias trágicos; aquele era o anjo consolador que Deus enviava para enxugar as lágrimas e limpar o sangue dos inocentes; aquele era o Pastor Angélico, que, sem cessar, ensinaria os segredos inefáveis da Paz a uma humanidade impenitente e surda, arrastada no turbilhão dos próprios crimes.

Os sinos cantam. Ressoam as palavras maravilhosas: "Recebe a tiara ornada de três coroas e sabe que és Pai dos Príncipes e dos Reis, Reitor do mundo, e Vigário na terra de Nosso Salvador Jesus Cristo ao qual se dê glória e honra por todos os séculos"...

*

* *

Desde o primeiro dia do seu pontificado, o mundo habituou-se a ouvir Pio XII como sábio de todas as ciências e de todas as letras, dominando as conquistas

do espírito humano, quer no campo das investigações experimentais, quer no das cogitações filosóficas; mas todo esse cabedal de conhecimentos, esse poder da inteligência e da cultura coordena-se no sentido supremo da paz.

Ao dirigir a primeira saudação de Pontífice aos povos de todo o planeta, exclama: "Queremos juntar a esta nossa paternal mensagem um augúrio e um convite de paz; daquela paz que o nosso predecessor, de pia memória, aconselhava aos homens com tanta insistência e tão ardentes preces è pela qual fez a Deus o expontâneo oferecimento de sua vida; daquela paz, sublime dom do céu, que é o desejo de todas as almas nobres e o fruto da caridade e da justiça. Convidamos todos à paz das consciências tranquilizadas na amizade de Deus, a paz das famílias unidas e harmonizadas no santo amor de Cristo, a paz entre as nações, através de sua fraterna ajuda recíproca, da colaboração amistosa e da inteligência cordial, em prol dos interesses superiores da grande família humana, debaixo dos olhos e da proteção da Divina Providência".

Em 13 de Novembro daquele mesmo ano, dirigindo-se aos americanos no cinquentenário da fundação da Universidade Católica de Washington, Pio XII vai às fundas raízes da guerra que estalara dois meses antes, demonstrando que nenhuma esperança pode advir de uma filosofia de fundamentos puramente humanos. A tese desdobra-se três semanas depois, na alocução com que S.S. inaugura o IV curso da Academia Pontifícia de Ciências. O chefe da cristandade fala do enigma da criação proposto aos homens como objeto de suas investigações. Mostra a grandeza do homem no seu trabalho de dominação da natureza e descoberta das leis científicas, mas torna patente que a "verdade" pertence a Deus e que o homem não pode criá-la. A Igreja reconhece a justa liberdade dos métodos de investigação científica e quer mesmo servir-se da ciência para sua missão apostólica, mas a ciência sozinha não aquieta

os anelos da alma humana. Não podendo criar a verdade, o homem apenas a desvenda pela experiência, mas não totalmente, pois uma parte da verdade, isto é, aquela que se liga ao próprio poder criador de Deus e ao destino último das criaturas, só pode ser prodigalizado pela revelação. Como síntese e centro da verdade divina que excede o entendimento humano, Pio XII aponta Jesus no Sacramento do Altar. É a fonte da suprema sabedoria, o Sacramento do Amor. No fundo da alma desse orador mestre de doutos, está presente o segredo de todo o saber e de toda a ordem, — a Paz, sempre a Paz!

E não é esse o pensamento do Papa, quando falando aos recém-casados, sobre o perigo das más leituras e o benefício das boas, quer afastar do seio das famílias o germe das discórdias e das guerras, que começam no lar e se estendem à sociedade e às nações? Não é esse o pensamento do discurso à Ação Católica Italiana, em Novembro de 1940, quando alude à civilização orgulhosa, que confundiu "a matéria com o espírito, o. humano com o divino, o momentâneo com o eterno?"

*
* *

Um dos mais notáveis discursos de Pio XII é o que pronunciou em Abril de 41 aos universitários da Ação Católica. Ao contrário dos falsos profetas, que acenam ao mundo com uma igualdade feita de desordens e de inversão dos valores sociais, o Papa mostra que são os homens cultos o cérebro da sociedade, o qual, como acontece no corpo, "atende à direção, à coordenação e à regularidade dos fenómenos vitais". Prescrevendo a hierarquia do saber, em contraposição aos que hoje pretendem a hierarquia dos mais armados no governo do mundo, Pio XII estabelece distinção entre a verda-

deira e a falsa ciência, sendo verdadeira a que se cinge às possibilidades da investigação e falsa a que pretende submeter o infinito ao seu limitado poder. A ciência que respeita a verdade de Deus não é orgulhosa, mas humilde, e sendo humilde é caridosa. Essa ciência não oprime, não infelicita o mundo, não traz à humanidade as consequências trágicas dos instrumentos de destruição. Compreende — e aqui o pensamento do Papa é sempre o pensamento da Paz — "que todos os homens são irmãos; na sociedade ninguém é estranho a outros; os pobres necessitam dos ricos, os ricos são devedores dos pobres, os fortes dos débeis; os sábios dos ignorantes. Todos tirados do mesmo barro pelos dedos de Deus; resgatados todos pelo mesmo sangue do Salvador; em caminho todos para a mesma casa do Pai Celestial, onde todos são chamados a uma mesma felicidade". E acrescenta: "... filhos de um mesmo Pai e de um mesmo Sangue, qualquer que seja a língua, o céu, os costumes que os separam, foram feitos para amar-se, para ajudar-se fraternalmente...".

Igual ensino brilha em outra oração à Academia Pontifícia de Ciências no mês de Novembro de 41. É o cientista que fala. Nada lhe escapa: o avanço da astronomia, com os cálculos mais recentes e os aparelhos mais poderosos; a física penetrando no mistério do infinitamente pequeno. E, contemplando as estrelas colossais e as nebulosas distantes, assim como o outro lado do universo que se desdobra no mundo dos átomos, Pio XII canta a glória do homem, perscrutador do Universo, e de Deus, Mestre do Homem, repetindo aquela ideia que flui de todas as cogitações de sua potentíssima inteligência: "todos os homens são irmãos na escola de Deus, irmãos na contemplação, no estudo, no uso da natureza, irmãos na vida e na morte". E exclama: "que todos os homens voltem a ser irmãos também no amor e na concórdia, na vitória do bem sobre o mal, na justiça e na paz!" O Papa insiste, o Papa repete, o Papa aproveita todas as oportunidades para pedir aos

homens que reentrem na Paz de Cristo. Assim faz na dramática invocação a Roma pelo Nataí de 41, a Roma que tendo sido portadora dos códigos da sabedoria jurídica dos pretores e dos Césares, foi com o cristianismo a mãe de uma justiça mais alta e mais humana; a Roma, farol da civilização, centro da catolicidade, para que "chame os homens à liberdade dada por Cristo e a todos tranquilize naquela paz que irmana os povos".

*
* *

De tudo se serve Pio XII para falar da Paz, para convidar o mundo à Paz. Dirigindo-se aos participantes do Congresso Internacional de Ciências Matemáticas, em Novembro de 1942, o Santo Padre, depois de evocar os astrónomos que nas horas noturnas contemplam a admirável ordem que reina nos espaços, diz: "Se a verdade é o fundamento da justiça, em vossas ciências exatas parece que resplandece, mais do que nas outras, aquela verdade que faz verazes as ciências, aquela verdade em virtude da qual as ciências verazes não minimizam, mas irmanam na paz os homens e as nações".

Quer referindo-se à necessária superação da técnica a serviço da doutrina, na alocução à Escola de Biblioteconomia, Diplomática e Arquivística, quer falando da *certeza moral* como condição do julgamento, na inauguração do ano jurídico da Sagrada Rota, quer discursando à Sociedade Italiana para o Progresso das Ciências; quer orientando os pregadores quaresmais; quer ensinando, em cartas a altas personalidades da Igreja ou dos Estados, a propósito de assuntos ocorrentes ou oportunos, Pio XII é sempre o conciliador de todas as atividades humanas no sentido de uma altíssima finalidade, estabelecendo a hierarquia dos valores morais, cujo excelso píncaro é o próprio amor do Cristo, fundamento eterno da paz.

Verdadeiramente empolgante é o final da oração com que S. Santidade inaugurou o VII Curso da Academia Pontifícia de Ciências em 1943. Depois de desenvolver poderosa crítica ao positivismo e de evidenciar o absurdo da concepção monista do universo e de refutar o fenomenismo, expondo com clareza meridiana a realidade objetiva do conhecimento, Pio XII como que se extasia na contemplação de Deus, criador e mantenedor da ordem universal e, elevando-se nas asas da inspiração, invoca o verso final da *Divina Comédia,* para cantar num maravílhamento "1'amore che muove il sole e 1'altre stelle". "Possa esse amor" — conclui o Papa — "comover e mudar o desejo e a boa vontade dos poderosos e de todos os homens, para se irmanarem, dentro da paz e da justiça, para inflamar-se no fogo da imensa e benéfica caridade divina e para que cessem de inundar de sangue, de ruínas e de prantos esta terra onde todos, debaixo de qualquer céu, fomos postos para trabalhar como filhos de Deus, para uma vida eternamente feliz".

* *

Sempre a Paz! Assim são suas alocuções, cartas, discursos, encíclicas, em todo o transcurso de 1939, 1940, 41, 42, 43, 44 e 45... Mas os homens não o ouvem. Os estadistas estão cegos de ódios recíprocos. Só acreditam na força bruta. Só à força bruta recorrem. A ciência torna-se escrava dos mais cruéis instintos de destruição. Tão orgulhosa, tão altiva, não admitindo o mínimo conselho dos representantes de Deus, a ciência agora é uma criada, menos do que uma criada, uma escrava ínfima, rebaixada aos pés dos governantes que exigem que ela trabalhe para eles, e descubra mais e melhores meios de matar, de destruir, dê arrasar cidades e nações.

A isso chegou o "homo-sapiens". A isso chegou a vaidade das academias sem Deus.

No meio de toda essa confusão, fala o Cristo, pela voz do seu Vigário, mas a voz de Cristo não é ouvida. A luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz. Preferiram as trevas porque as suas obras eram más e todo aquele cujas obras eram más e todo aquele cujas obras são más foge da luz e procura a escuridão. Ele, o Cristo, era a luz do mundo. Ê Ele veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem filhos de Deus...

A impenitência do orgulho parece não ter limites, mas o amor cristão, que procede do Verbo Incarnado, e vive n'Ele e por Ele, e para Ele, é maior ainda do que a maldade dos que se endureceram no pecado. Por isso, as trevas não envolveram a luz. E quando, devorando os países, a guerra aproximou-se da Cidade Eterna, e sobre ela despejou a cólera mortífera, todo o mundo cristão contemplou um quadro jamais visto em dois mil anos: o Papa, o Papa da Paz, nas ruas de Roma, no meio do povo, sob o fragor dos bombardeamentos aéreos, acudindo, consolando, animando, limpando o sangue dos estropiados que, sem pernas, sem braços, ou cegos, ou agonizantes, gemiam em seu redor; o Papa, na sua branca sotaina, como bandeira branca de Cristo, como novo lenço de Verónica, onde o homem do século xx enxugava o rosto ensanguentado; o Papa, de braços abertos, abençoando e chorando, corajoso como um herói e comovido como um Pai; o Papa, revivendo os primeiros sucessores de Pedro, a infundir ânimo e a levantar os espíritos dos cristãos na arena entre os rugidos dos tigres e dos leões.

Esse o Papa da Paz! Esse o portador da palavra de Jesus Cristo, que continua a dirigir-se a todos os povos e a todos os governantes.

Talvez — e tudo o indica — a voz de Pedro, que é a voz de Cristo, continue a ser desprezada pelos conciliá-

bulos daqueles que procuram nos fundamentos humanos o segredo de uma ordem e de uma paz impossível. Mas o número dos que começam a compreender a grandeza do Papa, a ver e a querer a luz verdadeira, cresce em toda a superfície da terra.

No dia 18 de Fevereiro próximo passado, esse mundo que o mundo não conhece, esse mundo espiritual e moral que principia a soerguer-se no oceano das loucuras humanas como um continente firme onde a verdadeira paz há-de um dia assentar, enviou seus emissários à Roma Eterna oferecendo a Pio XII a segurança de que a sua palavra, o seu heroísmo, o seu amor à humanidade não terá sido em vão.

Trinta e dois prelados, de todas as raças e de todas as latitudes, dirigem-se a Roma, à Roma Eterna, Mestra da Vida, luzeiro da Humanidade, para ali receber das mãos do Papa o chapéu cardinalício. Acompanhavam-nos numerosos outros Cardeais, juntando-se todos aos residentes na Itália, constituindo a mais imponente manifestação da universalidade da Igreja.

VII

O DESFILE DO MUNDO

O espetáculo foi grandioso e significativo. Grandioso porque excedeu aos deslumbrantes triunfos celebrados pelos Césares quando partiam das campinas vaticanas nos seus carros de guerra seguidos pelo cortejo dos heróis vencidos, dos tesouros conquistados, dos animais e pássaros exóticos das nações abatidas pelo seu gládio. Significativo porque em pleno século XX, foi

um aviso aos poderosos da terra, a demonstrar-lhes que, mais forte do que os exércitos, as esquadras, o potencial económico e político, existe uma realidade que os construtores de um novo mundo não podem deixar de levar em conta se pretenderem atingir fórmulas seguras da ordem social e internacional como condição de paz entre os homens. Cada um daqueles personagens vestidos de arminho e púrpura trazia ao Sumo Pontífice Romano o sentimento filial de uma região da terra, de um povo, de uma história, de uma tradição. Contemplar cada um deles era evocar uma paisagem, um clima, uma raça, uma língua; e assim como todos os aspectos da terra exprimem, na sua diversidade de forma e de cor, a prodigiosa unidade da natureza, também os povos e os idiomas evidenciam, nas suas diferenciações e caracteres específicos, a unidade humana, que é medida de origem, de fins e de aspirações e é, sobretudo, unidade de salvação ao preço do sangue de Cristo Redentor.

Passam os cardeais das cinco partes do mundo. Passam os da aflita Europa, que geme ensanguentada e esfomeada, a debater-se nas agruras dos seus dias trágicos, e são homens anglo-saxões, flamengos, germânicos, eslavos, bálticos, balcânicos, gauleses, itálicos, ibéricos, dessa Ibéria que não é somente europeia, mas atlântica, oceânica, universal missionária do Evangelho. Eis que passa a receber o seu chapéu a África imensa e humilde, onde as raças confluem à luz de um sol ardente. Eis a Ásia, a receber o principado de Cristo, a Ásia dos enigmas milenares, misterioso reservatório humano que, nas imagens do sol nascente, do celeste império, das águas lustrais do Ganges, adivinhou Aquele que é a luz verdadeira, o reino do Céu e a redenção pelo batismo e os Sacramentos entre os quais excele a Divina Eucaristia. Passam os cardeais da América; são os embaixadores das nações novas, que nasceram no meio das florestas, sob o signo da Cruz; são os representantes desses povos vigorosos, ardentes e entusiastas, que for-

jam com seus músculos juvenis a civilização do futuro: entre eles vejo — portugueses — os filhos daquela terra onde as palmeiras desfraldam as suas verdes flâmulas ao brilho do sol dos trópicos, daquela terra que tem nos céus a cruz de estrelas e no coração a cruz que os antepassados lusíadas nele insculpiram. A mensagem que trouxeram à cidade Eterna é a mesma que levou o vosso Cardeal Patriarca e o Cardeal da parte oriental do Império Português, porque somos todos filhos daquela mesma fé que ardeu nas almas dos pioneiros da selva e fulgiu nos lábios de D. Sebastião quando apontou como serviço de lusitanos "fazer muita cristandade". Irmanados aos católicos norte-americanos pelo alto sentido cristão de uma política continental e sobretudo pela unidade dos nossos sentimentos fundados no Redentor; e irmanados aos católicos da América Espanhola, por esses mesmos motivos que encontram suas raízes comuns na gloriosa Espanha, tão odiada pelas forças negativas do mundo e tão nobilitada no seu martírio secular de defensora da catolicidade; é, entretanto, convosco, homens de Portugal, que nós os brasileiros mais nos identificamos porque um dia, como vós, no título de nossos reis comuns, pela Santa Igreja Romana fidelíssimos fomos chamados, e fidelíssimos lhe havemos de ser por todo o sempre. E não é acaso essa qualidade, essa virtude de fidelíssimos a que hoje incendeia os corações de todo o orbe católico em relação ao Sumo Pontífice Romano?

Sim: o mundo católico, pelos eminentes purpurados que desfilaram em preito de homenagem ao Papa Pio XII, quer afirmar aos poderosos da terra que a salvação da humanidade só pode vir de Pedro e a Pedro, portanto, oferecem-se os corações, as inteligências, as vontades e as almas de milhões de criaturas de todas raças e de todas as línguas. O mundo moral, o mundo espiritual, o mundo de Cristo, o mundo de Deus, na hora em que a filosofia agnóstica ligada ao dogmatismo ateísta, pretende reconstruir sobre a areia o que sobre a areia fora fundado e destruído, quer proclamar, nas paginas da Historia e perante a Posteridade, a sua esperança inabalável no Vigário de Cristo, Pai dos Príncipes Reitor dos Povos, reivindicando para ele, em nome de milhões de almas, os direitos impostergáveis que Deus lhe outorgou de ser ouvido e atendido.

O REI DOS REIS

seguido de

Mensagem ao Mundo Lusíada

APRESENTAÇÃO

Somos, de fato, muito poucos, nesta época tão desorientada e confusa, a chamar a atenção dos portugueses para aquelas Verdades superiores e imutáveis que desde o início comandaram a vida da Nação, lhe deram unidade e finalidade, lhe modelaram a personalidade espiritual e histórica. Essas Verdades são, acima de todas, as da Religião de Cristo. Foi em seu serviço que os Cavaleiros da Reconquista talharam, ao longo dos Séculos XII e XIII, nas batalhas contra o Infiel, uma Pátria independente. Foi em seu serviço que, depois de os Monarcas Afonsinos terem organizado e consolidado o Reino, atravessamos o Estreito para arvorar em Ceuta a bandeira das quinas. Foi em seu serviço que o Infante mandou, através dos mares desconhecidos e ameaçadores, legiões de navegantes à descoberta do litoral africano e das ilhas atlânticas. Em seu serviço ainda, arrostou Bartolomeu Dias com os vendavais do Cabo Tormentoso; atingiu a índia Vasco da Gama; chegou ao Brasil Pedro Álvares Cabral, — todos com a cruz a sangrar nas velas abertas das suas naus. Em serviço de Cristo se bateu D. João III contra as heresias. Em serviço de Cristo partiu D. Sebastião, exaltado por um sonho apostólico — e, com ele^ deu o seu sangue a melhor juventude portuguesa na épica jornada de Alcácer-Quib ir. Apenas firmou a independência reconquistada, logo D. João IV confiou a Nação à Mãe de Cristo, como sua Padroeira. Quando D. João V recebeu o título significativo de

Rei Fidelíssimo — era porque, de fato, desde o começo, Portugal o fora. A nossa decadência principiou na hora em que o reformismo pombalino nos afastou da vocação tradicional. E já mal puderam opor-se os esforços reparadores de D. Maria I e dos seus Ministros à tempestade desencadeada — que obrigaria D. João VI a procurar no Rio de Janeiro o refúgio contra os soldados daquela Revolução Francesa que Joseph de Maistre tinha razão em chamar *satânica.* De então para cá, sabemos o que tem sido, dentro e fora das nossas fronteiras, a imensa crise do mundo moderno — através de um longo período de desvios, de apostasias, de lutas, de insurreições.

Todos quantos compreendem o autêntico sentido da missão portuguesa na História — compreendem também que só a revivescência do *espírito da Cruzada* poderá salvar-nos e concorrer para ajudarmos a salvar uma humanidade transviada e convulsa.

Somos poucos — entre uma triste maioria de frívolos ou de inconscientes, contaminados pelos males do século? Não é motivo para receios nem para desânimos. Nos momentos culminantes da vida dos portugueses, tudo que devia ser feito foi obra de minorias resolutas: — a minoria dos Cavaleiros de S. Mamede, em torno de D. Afonso I; a minoria dos batalhadores de Aljubarrota, à volta do Mestre de Aviz e de Nuno Álvares; a minoria dos cientistas e dos navegadores de Sagres, animados pelo génio do Infante; as minorias do Descobrimento e da Conquista, atrás dos seus chefes heróicos; a minoria do Primeiro de Dezembro, sob a égide do Duque de Bragança; ainda há meio século, a minoria espantosa da Ocupação africana, com Mousinho na vanguarda. Sempre as minorias acordavam e guiaram o nosso povo nos claros rumos da evangelização, da grandeza ou do ressurgimento.

Sermos poucos, é natural e mesmo honroso. Mas isso não significa que não desejemos ser muitos. Tanto mais que, na veloz decomposição das sociedades paganizadas

e materialistas — as ameaças multiplicam-se e *de* todos os lados rompem forças adversas. Somos tão poucos que temos de perguntar a nós próprios, em certas horas, se seremos suficientes para resistir à onda, segurar nas mãos, entre os assaltos do inimigo, o pequeno facho de luz salvadora — e mantê-lo erguido sobre a tormenta, para que o vejam todos os que andam perdidos...

*
* *

No mais aceso do combate, uma voz poderosa soou, um aliado de vulto ocupou, entre nós, o seu posto de primeira linha.

Quando apareceu a *VIDA DE JESUS,* logo saudei em Plínio Salgado um desses portadores de Verdade que, na hora própria, a Providência suscita. No fervor e no calor da sua evocação, Plínio Salgado parecia um contemporâneo de Cristo. Parecia apenas? Era-o, de fato. Para ele, como para nós, Cristo está fora e acima do tempo. Cristo não *foi: é.* Não ficou para trás, na sombra das eras apagadas; vai, presença viva e soberana, à nossa frente — a alumiar-nos a estrada com a Sua Doutrina e o Seu Exemplo. Bastará conhecê-lO e amá-lO ? É pouco. Teremos de O imitar a cada hora. E, com Cristo, por Cristo, para Cristo, — teremos de nos envolver na batalha sem fim pelo resgate dos homens.

Esta visão exalta e transfigura Plínio Salgado. Por isso no seu verbo ressoam apelos tão fundos e mesmo ao recordar imagens e lições antigas lhes concede sabor e prestígio novos. Quando da extraordinária conferência a que deu o título de *A ALIANÇA DO SIM E DO NÃO,* presenciou-se em Lisboa um fenómeno singular: o de um vasto público, em parte constituído por gente pouco habituada a refletir nos problemas mais sérios da vida — preso, numa fascinação, à sua palavra empolgante. Pude medir então o surpreendente efeito de uma espécie de eloquência que não provinha de efeitos teatrais

ou de tropos de retórica, mas do ardor da convicção, da limpidez e firmeza das ideias e, acima de tudo, da fé íntegra, absoluta do homem que diante de nós se fazia o severo acusador de uma sociedade corrupta e de um pensamento em naufrágio — e apontava a única solução salvadora na perfeita fidelidade a Cristo.

— "As verdadeiras revoluções" — escreveu ura dia Péguy — "consistem essencialmente em mergulharmos nas inesgotáveis fontes da vida interior. Não são os homens superficiais que podem pôr em marcha tais revoluções — mas os homens capazes de ver e de falar *em profundidade."* Porque Plínio Salgado é desses homens capazes de ver e de falar *em profundidade,* porque não se queda nas aparências transitórias e vai direito ao *essencial* (só o *essencial,* aliás, o interessa) — respirava-se, à saída da sua conferência, por entre a banal algazarra da noite citadina, uma atmosfera que se poderia chamar, de fato, *revolucionária,* no sentido mais exato do termo *revolução,* que significava *volta ao ponto de partida.* Exortara-nos o orador a voltar ao *ponto de partida,* ao Senhor e Criador que está na origem de tudo e a quem devemos regressar com humilde e incondicional adesão se queremos merecer que nos ensine o Caminho, a Verdade e a Vida.

Revolução prodigiosa. Revolução *decisiva* — a única decisiva! Como poderemos deixar de ser gratos ao grande camarada de armas que veio dar-lhe tão considerável impulso?

*
* *

Hoje, Plínio Salgado falar-nos-á do seu tema de sempre, que abrange, domina e ilumina todos os temas: *O REI DOS REIS.* Por uma conversa que tivemos há poucos dias, conheço o desenho geral da conferência. Sei que nos vai mostrar os homens na permanente busca e aspiração do prometido Reino de Deus. Sei que nos vai fazer sentir quanto essa aspiração e essa busca são

universais, mas dão frequentemente origem a perigosas quimeras ou a construções inviáveis e frágeis. Sei que vai definir o caráter, bem diverso, do nosso messianismo — nosso, da Lusitanidade, na qual portugueses e brasileiros se integram — que não é utopia, sonho vão, edifício nebuloso, profecia abstrusa, mas firme propósito de alcançar aquela alta e perene harmonia anunciada pelo Filho de Deus aos homens de boa vontade.

E sei também que depois de Plínio Salgado lançar de novo o seu apelo e de novo apontar o rumo verdadeiro — todos ficaremos mais seguros, mais confiantes, mais resolutos e sentiremos arder em nós o fogo sacro da Cruzada.

Porque o sei, agradeço desde já a Plínio Salgado o que vai fazer por nós esta tarde.

E antes que a sua voz se levante no silêncio para encher de claridade as almas ansiosas, não deixarei de fazer notar como é consolador e significativo, enquanto por todo o Universo corre o galope fatal dos Cavaleiros do Apocalipse; enquanto a Fome, a Peste, a Guerra e a Morte estendem a sua sombra horrenda sobre a Terra — que neste extremo do Ocidente europeu uma voz de apóstolo se erga para cantar o Eterno Amor e a Eterna Vida!

Lisboa, 5 de janeiro de 1945.

João Ameal.

I

O REI E O POETA

O poeta desenrolou as folhas do seu poema. O jovem rei fixou no poeta os límpidos olhos sonhadores. Era um recanto amável dos jardins de Sintra, junto aos velhos muros que emergiam do arvoredo na manhã trescalante de aromas da serra.

Linda manhã do século XVI... Os fâmulos discretamente se afastaram. No silêncio do bosque banhado de sol, os dois homens contemplam-se reconhecendo-se, com a profunda intuição dos predestinados.

El-Rei, comovidamente, reconhece o seu poeta, o poeta do *seu* grémio, o cantor do *seu* sonho. O poeta, deslumbrado, encontra-se, afinal, diante do seu símbolo, o símbolo vivo, a síntese imortal do grande poema.

*

* *

O encontro não fora apenas marcado pelos cortesãos, ou promovido pela iniciativa de amigos do jovem soberano e do ardente cantor. Os encontros dos homens não se realizam apenas pela sua própria iniciativa. Quando tais entrevistas se concertam, de há muito estavam preparadas; quando se efetivam, obedecem a misteriosos desígnios de que nem sempre dão conta as personagens que entram em cena. Este encontro não podia deixar de

ocorrer: esperam-no os fundadores da Nacionalidade, ainda que não em pensamentos pensados, certamente que sim em pensamentos sentidos, aqueles pensamentos que precedem as formas ideativas, como a configuração das árvores precede a própria árvore no recesso vital da semente.

"Um dia virá certo rei... Um dia virá certo poeta..."

E os rudes cavaleiros que desceram das montanhas, ao tropel estrondoso de arremetidas heróicas, ao retintim das espadas, ao desfraldar de estandartes, de castelo era castelo, de cidade em cidade, e fizeram troar as triunfais trombetas da Reconquista — morreram, dormiram à sombra dos claustros seus sonos tranquilos, sentindo no fundo dos seus corações que um dia um grande rei e um grande poeta deviam encontrar-se...

*

*   *

Na doce manhã, o jovem monarca e o ardente cantor dir-se-á que profetizam. Fala o poeta: é o intérprete da Raça, o previsor do Futuro. O soberano fala: é o herói que vai agir, que desaparecerá como mártir, ressurgirá como sonho, permanecerá como símbolo, viverá como o maior dos mistérios na história lusíada.

O homem se transformará em Esfinge. Ou a Nação, o grémio — portugueses, brasileiros, povos dos mares lusos das cinco partes da terra — decifrarão essa Esfinge, ou desaparecerão na qualidade de portadores de mensagens ao Género Humano, para viverem a Vida medíocre e vegetativa das coletividades sem caráter, nas quais se apagou tristemente o fogo do Espírito.

Camões adivinha o destino do Príncipe que tem diante de si; e adivinhando-o, adivinha o longínquo futuro, a imagem da Pátria e o seu papel no mundo. A sua voz vibra na manhã luminosa em pleno século xvi; e nós, recolhidamente a escutamos, nestes meados do século xx, compreendendo — porque nunca houve hora mais

própria para perceber tais palavras — o sentido misterioso das estrofes:

"E vós, ó bem nascida segurança
da lusitana antiga liberdade,
e não menos certíssima esperança,
de aumento da pequena cristandade;
Vós, ó novo temor da moira lança,
maravilha/atai da nossa idade,
dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
para do mundo a Deus dar parte grande;

Vós, tenro e novo ramo florescente
de uma árvore de Cristo mais amada,
que nenhuma nascida no Ocidente,
cesárea ou cristianíssima chamada;
vede no vosso escudo, que presente
vos amostra a vitória já passada,
na qual vos deu por armas e deixou
as que ele para si na cruz tomou. .."[1]

*

*   *

Nesta hora terrível para as Nações, cuja independência é ameaçada; e para as Famílias, contra cuja integridade se atenta pela propaganda de um materialismo egoísta e sensual; e para a Pessoa Humana, contra cujos atributos, prerrogativas e direitos se levantam falsos pregoeiros disseminadores de mentiras no seio de classes intelectualmente indefesas para repeli-las; nesta hora de contravenções doutrinárias e falsificações de palavras que nunca melhor serviram para dissimular tenebrosos intuitos, — nós bem compreendemos o que seja, como expressão dignificadora do Homem, a única, a verdadeira, a "lusitana antiga liberdade". Se neste momento internacional, a Religião do Mestre, como realidade

1 *Os Lusíadas,* Cato Primeiro, VI e VII

íntima da alma a viver nos atos particulares, profissionais, governativos e políticos (e não apenas nos atos do culto), não podemos deixar de reconhecê-la como "pequena cristandade", também por sabermos do que tem sido e é capaz a gente lusíada, podemos crer firmemente que a nossa grei constitui "certíssima esperança".

*
*   *

Não será o moiro que teremos hoje de combater, mas todas as formas do mal, que se multiplicou na face da terra, ameaçando destruir as estruturas da sociedade cristã, até mesmo com o fingir-se realizador, no campo social, das ideias do Cristo, propondo soluções baseadas naquele materialismo nunca negado ou abjurado, mas eventualmente silenciado, para iludir incautos, irrefletidos e impulsivos.

Teremos de lutar destemerosamente, nunca nos perguntando se somos poucos ou muitos, porque essa interrogação jamais se ergueu na alma dos cavaleiros de outrora, satisfeitos com o só pensar que ao mundo vieram "para do mundo a Deus dar parte grande".

*
*   *

O poeta mostra ao rei o signo do escudo. Ê a Cruz do Redentor. Ela fala da "vitória já passada" e anuncia as do porvir. Lembra uma fé, exige um dever, o da fidelidade. Evoca um martírio, bem triste augúrio... Mas recorda o triunfo glorioso do Filho do Homem sobre a morte, no alto do Calvário, e incute, por isso, em El-Rei e nos seus cavaleiros aquela coragem tranquila dos que, por não amarem a sua vida, colheram a Vida Eterna.

Não importa a vitória. O que importa é lutar. Pelo aumento da "pequena cristandade", pela dilatação da Fé e do Império, El-Rei Dom Sebastião reuniu a fina

flor da juventude da Pátria e com ela entrou em batalha perguntando, como perguntam diante da morte todos aqueles que crêem profundamente na sobrevivência da Alma: "de que cor é o medo?"

II

O SONHO DO ENCOBERTO

O sangue português regou a areia do deserto. El-Rei nunca mais voltou à Pátria. Mas ninguém acreditou que ele tivesse morrido. Ninguém acreditou, nem na Península, nem nas terras da África, ou Ásia, largos Brasis, ilhas longínquas que se abanam com seus leques de coqueiros. Não era possível morrer quem tanta vida levava na chama dos olhos, no garbo do porte, na força do querer.

Por certo, ele havia de voltar, nalgum desses barcos audazes que dançam na crista das vagas aquela dança do destemor tão grata aos portugueses, feita de voos ao céu sobre as líquidas crateras abertas no oceano pelas tempestades. Quando, naquele fim do século xvi, o vento uivava horas altas da noite, os pescadores pensavam: talvez El-Rei ande ao largo procurando arribar... Nas lareiras, quando os velhos, narrando feitos e aventuras dos bravos da sua grei, terminavam seus recontos reproduzindo o desastre, em que, ao sangue do seu povo, o Príncipe, tombando mal-ferido, misturou seu próprio sangue, — os ouvintes, (os mais moços) meneando incrédulos as cabeças, respondiam: "não morreu, não pode ser, há de voltar certamente..."

*
*   *

E o sonho atravessou os mares e o tempo [1]; e ainda na derradeira década do século xix, no Nordeste do Brasil, levantando-se, em guerra longa e áspera, núcleos populacionais de magnífico tipo eugênico, afinal sacrificados num dos mais belos episódios heróicos dos sertões [2], as suas cantigas de guerra, na amplidão continental, anunciavam o regresso milagroso, numa galera de prata, mastreame de ouro e velas alvas e pandas, daquele que é sempre vivo nos devaneios da Raça, nos sonhos da nossa gente.

*

Dom Sebastião já não é Dom Sebastião. Com o andar dos séculos, tornou-se o Esperado, o Desejado, para finalmente significar a inquietude, os anseios de um povo, no sentido de procura ideal, de transcendência de ordem ética, política, religiosa.

1 Em seu livro *Le Brésil,* publicado em 1822, Ferdinand Denis faz menção do "sebastianismo" naquele tempo ainda existente em quase todo o país. Baseado em notícias colhidas por ele próprio e por Walsh, escreve:

"Dizem que é principalmente em Minas Gerais que o número dos sebastianistas tem crescido; ali trazem à memória os costumes dos *quakers* e dos *irmãos moraves* e distinguem-se por sua indústria, benevolência e singeleza; o seu número é considerável no Rio de Janeiro. Referem-se anedotas, mais singulares umas que as outras, acerca das crenças dos sebastianistas. Citavam, entre muitos, um indivíduo com loja na rua Direita, que fiava a sua fazenda sob a condição de lha pagarem à chegada d'El-Rei D. Sebastião".

2 A famosa "guerra dos Canudos", espécie de "Maria da Fonte" sertaneja, cujos episódios emocionantes Euclides da Cunha descreve em *Os sertões,* ocorreu em 1896. O "sebastianismo" constitui o seu verdadeiro espírito animador. Trata-se de fenómeno social digno de particular atenção, como inconformismo das populações incultas, nas quais o caráter da nacionalidade se conserva mais inalterado, contra o artificialismo das instituições e leis da República de 1889, que transplantou para o Brasil, consagrando-os em textos legais, princípios e costumes inadequados aos sentimentos dos brasileiros. Os doutores litorâneos violentaram a alma nacional; os habitantes das cidades provincianas sufocavam a mágoa no conformismo político, mas nos sertanejos iletrados e rudes a alma da Pátria explodiu. No final da guerra longa e áspera, que ensanguentou o sertão destruindo várias expedições militares, e quando o último homem válido baqueou na derradeira casa da cidadela cuja honra foi defendida com sacrifício total, a soldadesca, ao empreender o saque, apenas encontrou umas folhas de papel que traziam numa caligrafia claudicante, versos ingénuos onde a alma do sertão se levantava contra o laicismo, o sufrágio universal, o casamento civil. Os estribilhos desses cânticos de guerra evocavam, invariavelmente, o Rei Símbolo:

III

LENDA, MITO E SÍMBOLO

O mito, transformando-se em símbolo, transferiu-se do Passado para o Futuro. Dessa forma, entre os monarcas portugueses, nenhum foi mais glorioso. Teve Dom Sebastião a glória dos que, glorificando-se na própria catástrofe, passam a governar os sobreviventes e os próprios aparentemente vencedores.

É a glória de Tróia, assinalada por Chesterton como o grande clarão que ilumina a Grécia; é o governo impositivo dos mártires, dos heróis abatidos, dos sacrifícios destinados a fecundar os dias vindouros.

Bem o pressentiu Camões, quando exclamou:

"E enquanto eu estes canto (a vós não posso
sublime rei, que não me atrevo a tanto!)
tomai as rédeas vós do reino vosso,
dareis matéria a nunca ouvido canto..." [1]

Na verdade, o herói sacrificado revolveu as mais profundas raízes da cristianidade lusíada, incutindo no espírito da Grei essa insatisfação pelo "superado", pelo "já feito", pelo "já possível", e essa aspiração permanente, crepitante, pelo "melhor", pelo "inatingido", o

"D. Sebastião já chegou
e traz muito regimento,
acabando com o civil
e fazendo o casamento..."

Como se vê, para o humilde sertanejo, D. Sebastião não é mais uma pessoa, porém uma ordem moral!

1 *Os Lusíadas,* Canto Primeiro, XV.

que constitui, em última análise, aquele estado de espírito dos primeiros cristãos, quando esperavam, dia a dia, hora a hora, o Reino Prometido. Produzira-se o fenómeno sociológico a que se tem dado o nome de "messianismo".

*

* *

Até aos meados do século XVII, dir-se-á que o mito do regresso do herói do Alcácer-Quibir é expressão psicológica em que se sublimava o interesse nacional da Restauração; mas esta efetivou-se e a mística do Desejado prosseguiu, o que demonstra que ela transcende dos objetivos meramente políticos.

O *sebastianismo* tantas vezes ridicularizado pelas mentalidades superficiais que floresceram no século xix, constitui uma das manifestações mais fortes da capacidade de ideal e de sonho da gente portuguesa e um dos valores positivos no balanço das virtudes e das eficiências na economia fundamental do caráter e do temperamento lusíadas.

Ainda não se estudaram suficientemente as rebeliões populares que agitaram o país no transcurso do século passado, de sorte a surpreender-se o seu verdadeiro sentido, o qual longe de refletir o que os proprietários eventuais da História Oficial então denominavam *reacionarismo, ultramontismo,* ou *obscurantismo,* o que na verdade revelavam eram os movimentos de insatisfação por uma época subvertedora da hierarquia e amesquinhadora dos valores do Espírito e de toda a ordem moral.

Apreciaram-se explosões como a *abrilada* e a *vilafrancada,* sob o aspecto de simples episódios político-militares, a que não seriam estranhas rivalidades e intrigas da corte; ao fenómeno do "miguelismo", de tão impressionante profundidade psicológica, deu-se a feição superficial de uma competição dinástica; e nas agitações generalizadas de camponeses e provincianos do

norte, viu-se apenas a face desprezível, ou seja a quase geral ignorância das massas sublevadas, conquanto os críticos fossem aqueles mesmos que enalteceram *asjacqueries* e a sanha sanguinária dos *sans-culottes,* esquecendo-se de que estes também eram analfabetos.

*

* *

Aqueles movimentos, entretanto, encerravam, nos seus íntimos recessos, alguma coisa muito maior do que os próprios protagonistas, apaixonados pelos aspectos efémeros das suas lutas, talvez supusessem: as tradições cristãs do passado na ânsia de realizar-se nas formas sociais do futuro, segundo as mais altas e nobres solicitações do Espírito. A síntese simbólica é a figura de um Rei Desejado: a realidade psicológica é uma aspiração transcendente das almas.

*

* *

A Nação foi privada do jovem Rei, no pleno fastígio da força nacional e da expansão marítima; foi privada para que ficasse sempre a esperá-lo; e, na espera, o sublimasse; e sublimando-o, fosse ele transformado em mito e, transformado em mito, se erigisse em símbolo; e de símbolo, passasse a aspiração de perfectibilidade, de grandeza moral, de amplitude e de altura espiritual.

É nesse ponto que a Nação se encontra, se identifica e se confunde com o Rei Lendário. Pois foi com essa mesma aspiração, esse mesmo esperar, e desejar, e sonhar, que o Herói se ergueu, jovem e belo, para morrer nos areais de Alcácer.

IV

O PROBLEMA DO MUNDO É ESPIRITUAL

Dom Sebastião constitui um convite às formas heróicas e poemáticas da existência. Ama o Cristo e não sabe traduzir o seu amor senão lutando. Não quer ser um burocrata do Cristo, mas um paladino da sua fé. Ele não compreende a fé sossegada, satisfeita de si mesmo, na vulgaridade quotidiana. Não quis fazer como muitos que pretendem viajar para o céu em carro de primeira classe e poltrona numerada. Ensinou-nos que a fé em Cristo não pode ser uma fé sedentária e timorata, com medo de correntes de ar e sócia remida de uma companhia de seguros. O seu exemplo convida-nos a lutar, com aquele penacho com que um jogador arrisca numa só parada toda a sua fortuna. Ele crê no Reino de Deus e trabalha, e luta por ele. Coloca tal negócio acima de todos os negócios do Estado. Estabelece, desta forma, a hierarquia dos valores sociais na solução dos problemas humanos: em primeiro lugar, as coisas do Espírito. Tudo o mais são consequências de tal primazia.

Os homens práticos, os pragmatistas, os positivistas agnósticos das mais variadas espécies, chamaram Dom Sebastião fanático e louco, porque, para ele, governar era, antes de tudo, propagar as verdades da fé e salvar a Europa do perigo que vinha da Ásia e que já pusera um dia suas garras nas Espanhas, o perigo que trazia por emblema a luta em forma de foice ameaçadora contra a civilização cristã. Essas, e principalmente a salvação de toda a Humanidade pelo aproveitamento dos benefícios oriundos do sangue de Cristo, eram ideias fundamentais do governo, que vinham dos fundadores da Pátria, dos filósofos, juristas e cavaleiros e de toda a formação educacional dos ancestrais[1].

Não as compreendeu o século xix senão como fanatismo e loucura.

Mas hoje verificamos que os homens, por si mesmos chamados sensatos, conduziram os povos à maior das demências. No meio do delírio universal já algumas vozes se levantam e repetem os ensinamentos contidos, não apenas no martírio de Alcácer-Quibir, mas na inalterável linha doutrinária dos antigos monarcas lusitanos.

O problema do mundo moderno — conquanto todas as suas aparências pareçam revelar o contrário — não é nem económico, nem político, mas única e exclusivamente religioso. O que queremos saber, debatendo-nos nas angústias dos dias presentes, é se os estadistas crêem ou não crêem na existência de Deus, na imortalidade da alma humana e nos deveres religiosos diretamente ligados à finalidade do Homem além desta vida terrena.

É isso o que queremos saber, o que todos os povos querem saber.

Da afirmação ou da negação do Sobrenatural decorrem logicamente as soluções tanto económicas como políticas. Colocar estas em primeiro lugar para em seguida tratar daquela essencial questão da origem e da finalidade da vida humana é inverter toda a ordem lógica do pensamento.

E, agora, chega-nos a ocasião de chamar fanáticos do mecanicismo económico e loucos do mal político a todos aqueles que raciocinam às avessas, como quem

1 Ainda recentemente, na sua notável síntese *Las doctrinas politicas en Portugal,* o jovem catedrático de Salamanca, D. Francisco Elias de Tejada Spínola, coloca em nítido relevo o verdadeiro fim a que se propôs a Monarquia Lusitana, desde a fundação: a defesa e dilatação da Fé, o serviço de Jesus Cristo. Tal finalidade jamais deixou de constituir o móvel de todos os governos desde Afonso Henriques.

É o pensamento dominante dos reis, juristas e cavaleiros. Para dar eficiência universal a esse pensamento, a Monarquia, desde os primeiros soberanos, procura subtrair-se às injunções e influências europeias, realizando um tipo de política fundada nos princípios essenciais da catolicidade, mas com uma forte fisionomia nacional no concernente às atitudes em face das demais nações e, principalmente, em face do Sacro Romano Império, que era árbitro poderosíssimo do Continente.

Pode-se dizer que é desse ideal de dilatação da Fé, condicionada aos imperativos de uma política genuinamente portuguesa, que decorre o anseio da conquista dos mares e a epopeia das Descobertas. Não fora esse caráter de nacionalismo e de independência,- de virilidade e altivez, e Portugal não realizaria no mundo seu papel de missionário de Cristo, pois nunca passaria de uma pequena nação satélite das grandes potências, consumindo-se numa rede de intrigas continentais.

desse à cabeça a tarefa de andar e aos pés o ofício de pensar.

A afirmação da primazia do Espiritual sobre o Económico e o Político provoca espanto naqueles que se habituaram ao critério materialista da História, popularizado hoje por prestimosos editoriais que em todos os países distribuem rações de ciência para estômagos débeis e a preços de liquidação.

Partir do "espiritual" constitui, para os educandos da escola agnóstica, o maior dos absurdos, porquanto — dizem — sem assegurar a base física é impossível o exercício das atividades do Espírito. Esquecem-se que, nesse simples enunciado, eles, materialistas ou agnósticos, já afirmam a prevalência do Espírito, porquanto o ato de assegurar a base física, ou a própria ideia de o fazer, já é uma manifestação do Espírito antecipando o fato prefigurado.

Sem, pois, a solução do problema espiritual, ou pela proclamação solene dos deveres religiosos do Homem, ou pela sua completa renúncia, nunca se chegará à realização do tipo humano e do tipo social de caráter definitivo.

Se aceitarmos aqueles deveres, não somente teremos de pô-los em prática na organização da sociedade, no ritmo dos seus processos económicos, na traça das normas jurídicas, mas teremos ainda de lutar pelo livre exercício de tais deveres e contra toda ação externa ou interna que vise ab-rogá-los.

Se, ao contrário, rejeitarmos aqueles deveres, teremos de ir às últimas consequências da rejeição, vivendo como animais individualistas ou coletivistas, rebelados ou conformados, mas tendo por fim, exclusivamente, as necessidades físicas, convencidos de que a própria vida intelectual não passa de uma superestrutura.

O problema, como se vê, é espiritual, e por isso, nunca poderemos fazer causa comum com aqueles que buscam somente a satisfação das necessidades materiais, ainda quando essa procura coincida em parte com as nossas aspirações de justiça e de equidade no terreno da economia política.

Toda a ligação com o materialismo chamado altruísta ou filantrópico, reformista ou inconformista (pele de cordeiro de que se utiliza o lobo da sensualidade e da desordem moral) representa uma traição ao Espírito, uma transigência que pode trazer danosas confusões num momento de tamanhos perigos para as almas.

Esta é a hora das atitudes definitivas. Para nós, cristãos, definirmo-nos é proclamar e prevalência do Espiritual sobre tudo o mais.

V

PALAVRA QUE VEM DA *CITY*

Fez há dias idêntica proclamação a voz de um órgão da imprensa mundial, em cujas colunas se reflete o temperamento e o caráter de um dos mais lúcidos povos europeus: o *Times,* de Londres.

É o seu artigo de fundo do dia 23 de dezembro próximo findo. Palavra sentida e grave no meio da tempestade. Palavra de rara clarividência e coragem moral. Não vem das igrejas, das associações religiosas: não traz o cheiro das sacristias, nem deixa transparecer na construção das frases, a inspiração, que para tantos seria suspeita, das fontes eclesiásticas.

Essa palavra vem da *City,* vem do mundo dos homens práticos, dos *business-men,* mentalidades objetivas de financistas, de políticos e de homens de governo. É

palavra que se exprime com a austera e comovida severidade de um documento solene, afirmando:

"Apesar das necessidades materiais, cuja inevitável e justa satisfação é objeto da política, a necessidade real do mundo é espiritual. É dessa fonte que brota a inquietação humana e para ela deve ser achada cura. O homem perdeu a faculdade de conhecer a sua própria natureza, sendo esse o fim para que foi feito. Tem sido iludido com explicações parciais sobre a essência do seu ser e tem-lhe sido prometida a salvação, se se contentar a viver e a proceder apenas como um animal político, filho da natureza, personificação da razão, unidade económica, espécie biológica ou mesmo tipo ideológico. Todos ignoram a fundamental e essencial verdade: que ele é uma criatura espiritual, um filho de Deus".

Que diriam Bentham, Austin, Stuart Mill, corifeus do utilitarismo materialista, ou David Hume, o cético, se se levantassem dos seus túmulos e lessem esse número do *Times?* Que diriam os positivistas de Comte ou Spencer, os monistas de Haeckel e de Hartmann, os criticistas kantianos ou os neo-idealistas hegeliano-marxistas, em face da catástrofe que os seus sistemas prepararam, e verificando hoje que as almas, ainda tateantes, se voltam para a verdadeira luz, conforme acentua o *Times* numa passagem daquele mesmo artigo? [1]

1 "A afirmação cristã" (escreve o *Times* no seu artigo de fundo do último Natal) "tem hoje melhor oportunidade de tocar os espíritos e as consciências". E, mais adiante, depois de falar da dura experiência de seis anos de guerra, diz que essa experiência "aguçou e refinou as faculdades humanas de percepção espiritual". E afirma o grande órgão da imprensa londrina: "Se os homens se voltam hoje em dia para a religião, eles não o fazem por luxo de estética ou satisfação de argumentativa sutileza mas pela necessidade única de saúde moral...".

VI

O MESSIANISMO NO MUNDO MODERNO E NO TEMPO DE CRISTO

Os povos de todas as nacionalidades foram empolgados nos dias presentes por uma nova espécie de messianismo. É um fenómeno de insatisfação pelo presente, um apelo a outras formas da existência, uma convicção inabalável que assentou em todas as almas: a de que o mundo vai mudar, e que, dentro em pouco, nada mais será como tem sido.

Depois de seis anos de guerra, as nações encontram-se no mesmo estado de espírito em que se achou a família lusíada em seguida ao desastre de Alcácer-Quibir: aquela "apagada e vil tristeza", que é consciência do *fim* e apelo ao algo novo, invocação da passada grandeza transformada, pouco a pouco, no anseio por um futuro diferente de tudo o que constitui a opressão e o desconsolo da hora que passa.

Apelo e invocação concretizam-se num Novo Reino. Síntese de todos os sonhos. Espelho de todas as ansiedades. Sonhos sem formas definidas. Ansiedades sem diretrizes. Alma dos dias que vivemos.

*

*   *

Era esse também o estado de espírito de Israel quando o Império Romano, tendo atingido o máximo esplendor, começou o seu fatal declínio prenunciando a decomposição das formas sociais vigentes.

Esperava-se o Messias. E o seu Reino. Não um Reino do Céu, mas um Reino da terra.

Como agora, ninguém sabia como seria o Reino Desejado e que figura teria o Encoberto.

Nas jurisdições de Ântipas, de Lisânias, de Pilatos,

falava-se numa próxima Ordem Nova. A maior parte dos que falavam encobria metade do pensamento.

Havia muitos partidos e cada qual ocultava avaramente as suas ideias, os seus propósitos. Andavam todos de acordo quanto à destruição do romano, porém, além dela, não se arriscavam a pronunciar a secreta palavra trancada no insincero coração.

As intenções guardavam-se como espadas nas bainhas. Nos lábios dissimulados riscara-se a palavra *depois*...

*

* *

A figura do Messias e as Ordenações do seu Reino eram vagas e imprecisas, ou emaranhando-se em contraditas e debates, ou esbatendo-se em restrições mentais, ou trancando-se em alguma premeditação inconfessável de ódio habilmente disfarçado.

Porque a pergunta principal ninguém a fazia, por medo da resposta em voz alta, e essa pergunta era se o Reino se fundaria neste mundo para a conquista do Céu, ou se fundaria no Céu para a conquista deste mundo.

Se o fundamento do Reino era posto neste mundo, cumpria seguir primeiro as leis do mundo para depois cogitar das leis do Céu. Mas, neste caso, conquistada a terra pelo uso das leis da carne, eis que morrem no Homem as forças do Espírito, que lhe são asas com que escalar sobrenaturais alturas.

Se, ao contrário, o fundamento do Reino era posto no Céu, então cumpria rejeitar as leis do mundo; rejeitá-las é transformar este mesmo mundo no próprio Céu, é principiar a viver a Vida Eterna desde agora.

Desta segunda forma pensavam algumas pessoas bem poucas, nos termos da Judeia e da Galileia, quando Tibério César governava as nações pela força e pela força sustentava a contextura social do seu Império. Os reduzidos eleitos exprimiam o verdadeiro messianismo: a aspiração da perfectibilidade, o anseio do Infinito.

*

Os que pensavam de outra maneira refletiam quanto de tenebroso se alapardava no fundo de seus corações.

O Amanhã passava a ser propriedade de cada partido, de cada interesse particular.

E quando algum destes falava no Reino de Deus, dizia mentalmente: "O meu reino".

E configurando no futuro uma Nova Ordem, resmungava de si para consigo: "a minha ordem".

Tão tresloucados egoístas foram destruídos pelos exércitos de Tito, no cerco de Jerusalém. Aparentando querer a mesma coisa, cada qual não fez mais do que engordar em segredo ideias facciosas, com elas alimentando e fortalecendo o invasor que de cada qual se fazia confidente e a todos aniquilou, não deixando da cidade pedra sobre pedra.

Mas os que puseram no Céu o fundamento da ordem e da justiça na terra, espalharam-se pela Ásia, pelas ilhas mediterrâneas, pela Grécia, pelo Egito, atingiram Roma, penetraram nas Gálias, vieram às Espanhas, foram à Germânia e à Bretanha, — e por toda a parte levaram a realidade do Reino de Deus.

VII

SENTIDO CRISTÃO DO IMPÉRIO LUSÍADA

Diante do messianismo contemporâneo, tão confuso e indefinido como aquele que na Judeia do pri-

meiro século terminou em hecatombe, o fenómeno social do messianismo lusíada constitui uma revelação de superioridade psicológica baseada nas mais vivas realidades do Espírito.

Que era afinal o reino do Encoberto? Era o Reino Missionário, o dilatador do Império para a dilatação da Fé. O Reino pela expansão da religião católica, de que o Bispo de Roma é o Chefe visível. O Reino suficientemente forte pela adesão livre dos súditos e, portanto, capaz de garantir liberdades pessoais segundo as leis de Deus e as legítimas aspirações humanas. O Reino dos nobres ideais de salvação dos homens e universal redenção.

Trata-se, portanto, de um messianismo de ideias claras e definidas, não só na mentalidade das classes cultas, como no coração das massas populares. E ainda quando manifesto em imagens poemáticas do mais puro lirismo e nas representações fantasiosas dos recontos e das canções, evidencia os traços de seguro realismo social advindo de consciências nascidas das fontes eternas do Evangelho.

*

* *

O Rei sonhado é súdito do Grande Rei, do Rei dos Reis. O Reino imaginado é província do Grande Reino, ou Reino dos Reinos. Ainda quando construindo o conjunto magnífico do Império, é este uma pequena parte do Universo, o Império do Infinito, por cujo equilíbrio e harmonia Deus assiste, Deus vela, Deus trabalha.

É ainda, sob outro aspecto, e o mais importante no caso, uma parte da comunhão espiritual, do Corpo Místico de Cristo, chamado também a Igreja, e da qual dimanam as regras precisas das ações morais e o segredo maravilhoso do governo das consciências.

O sebastianismo, como lenda ou como instrumento aliciador na Restauração, foi um acidente histórico, uma fisionomia passageira da aspiração permanente de um povo.

Passada a crise sentimental provocada pelo fenómeno político, a aspiração retomou o seu curso e continuou como condição de existência e perpetuidade da grei. Tornou-se vigília ininterrupta, de geração, sustentando o culto das tradições, renovando as esperanças num futuro cuja base são as próprias virtudes religiosas da Raça.

Essa vigília salvou a Nação Portuguesa da dissolução cujos mortíferos germes se disseminaram pela obra de uma literatura e de uma política desenraizadas e sem consonância com os verdadeiros ritmos do coração nacional. Salvou a Nação porque produziu periodicamente personalidades e grupos intelectuais da maior lucidez e descortino, que serviram de guias aos portugueses de boa vontade nas horas críticas de desânimo, ceticismo ou desordem mental.

*

* *

Ainda, pois, que hoje, no meio lusíada, repercutam os refrães de um messianismo de novo estilo, sede e fome delirantes do desconhecido, febre de destruição que constitui (conforme as palavras de S. Santidade o Papa Pio XII na sua alocução ao Sacro Colégio no recente Natal) "um louco afã de novidade, que muitas vezes não tem razão de ser no seu objeto nem nobreza nos seus motivos"[1]; ainda, pois, que no meio lusíada

(1) "As almas andam dominadas por uma agitação que não tem paralelo em nenhuma das mais graves crises da História: agitação em que o Bem e o Mal se confundem, de estranha maneira, para criar e para destruir, para ordenar e para transtornar. Acrescente-se a tal agitação uma espécie de ódio a todo o passado, um louco afã de novidade, que muitas vezes não tem razão de ser no seu objeto nem nobreza nos seus motivos, mas em que, não raro, faltam a clareza e a precisão na seleção dos meios, indo-se até ao imprudente otimismo de se esperar dessa novidade bem mais do que ela pode dar. Quem quer que seja avisado na interpretação dos sinais dos tempos presentes, em ler no fundo dos corações dos homens, se aperceberá bem de

repercutam as palavras da insensatez que se quer fazer universal, tendes vós portugueses, a defender-vos delas, aquilo que vos foi dado por demência e hoje vos vale como razão com que arrasar um mundo desarrazoado: o anseio pelo Reino que o vosso herói sonhou, isto é, o Reino de Cristo, Senhor Nosso.

VIII

A LOUCURA CONTEMPORÂNEA

Vede que este messianismo lusitano de que nos gloriamos não é um messianismo de loucos, um apelo ao incerto e ao impalpável, um colher migalhas do banquete delirante dos partidos ou da ceia íntima dos poderosos. Não é uma corrida de obstáculos disputada por cegos, na qual esperto concorrente em prejuízo dos demais pode intrometer-se com os dois olhos perfeitos.

Não é o messianismo de uma ordem nova da qual se cantam as excelências das normas jurídicas sem que se saiba, nem mesmo os cantores, de que se constituem essas normas e em que princípios filosóficos devem assentar: se no materialismo, se no espiritualismo.

Não é o messianismo racista, trabalhando pelo advento do Messias-Raça, tipo supereugênico anunciado como dominador do mundo desde os mistérios insondá,-veis do plasma germinativo.

Não é o messianismo totalitário, que vê num Estado, de configuração biológica, o Messias cruel, absorvendo,

como a inquietação que invadiu a psicologia das multidões devido à guerra e às desgraças que a tem acompanhado, domina hoje o mundo numa febre de renovação que arrasta à ação de diversas maneiras. Será que esta ação seguirá curso torrencial e arrebatará todas as pontes de ligação entre o passado e o presente? Irromperá como torrente impetuosa, arrastando todas as barreiras que se opõem à injustiça e à imoralidade?" (Trecho da alocução do Santo Padre Pio XII ao Sacro Colégio, na vigília de Natal, transcrito do jornal "Novidades", de 31 de dezembro de 1944).

em seu próprio proveito e finalidade, os direitos mais sagrados da pessoa humana.

Não é o messianismo socialista, que oferece, como Desejado das Nações, o monstro-coletivo, destruidor universal de todas as liberdades, menos a liberdade da animalização do homem, do rebaixamento extremo da mulher.

Não é o messianismo democrático, esperando insensatamente que da caixinha-de-segredo da urna eleitoral possa sair o sonhado Messias que se chamará "o Sr. Qualquer-Coisa", ou "o Sr. Tudo-Serve", encasacado e mesureiro, de chapéu na mão diante da virtude como diante do crime, diante do saber como da ignorância, e ele mesmo ignorando por que veio ao mundo, já que aceita por bons todos os princípios filosóficos desde que tenham obtido maioria de votos.

Não é o messianismo da destruição e da vingança, como o dos "zelotes" em Israel e dos "montanheses" do Terror, a sonhar morticínios, matando por séries e regozijando-se com a perspectiva de novos homicídios; nem o dos antigos ou moderníssimos saduceus, aspirando a uma vida regalada e cujo Messias deve ser o distribuidor de comida e bebida, de bons empregos e satisfação de vinditas particulares e de orgulhos sedentos de honrarias; nem o dos fariseus de todas as épocas, secos e áridos, banindo o coração do texto das leis e mecanizando a sociedade pela submissão a fórmulas asfixiantes.

Não é o messianismo de uma igualdade absurda e mentirosa, de uma fraternidade traiçoeira e de uma liberdade que desarma o fraco em presença do forte.

Não é esse messianismo tão generalizado das reivindicações femininas, que oferece à mulher amplo convívio com os homens, libertação de todas as peias morais, um ofício masculino, até uma farda masculina, exigindo-lhe em troca, apenas, o seu diadema de rainha, de soberana dos lares cristãos, conforto e inspiração de

esposos e de filhos, fundamento da dignidade e da grandeza das nações.

Não; o nosso messianismo, não tem nada de comum com esse outro, exausto de comícios e polemicas, avenças e desavenças, que discute nos parlamentos do mundo, que inunda a terra de livros incendiários, a bradar essas palavras que já perderam toda significação, mas que ainda servem de palha seca para assar castanhas em cabaças ocas.

Nada temos com esse messianismo universal da inveja querendo destruir a alheia propriedade e todo o princípio de hierarquia moral: da luxúria, pretendendo legalizar e facilitar a sua expansão pela propaganda de costumes indecorosos; da avareza, aguardando o fim do incêndio para montar a barraca de feira onde pretende, sobre as cinzas das desgraças humanas, auferir seus lucros impudentes; do ódio, prefigurando a visão vermelha, o cheiro, o sabor fumegante de rios de sangue; da ambição, delirando em torno da ideia fixa do poder.

*

*   *

Todas essas são as formas de messianismo moderno: abstrusas, fantasmais florações de mentalidades mórbidas compondo a ronda trágica dos pensamentos cruéis acordando desejos ferozes e sonhos insensatos.

É a loucura coletiva, que varre o mundo, passa e perpassa, perturba as inteligências e esmaga, com o desmoronar das crenças oscilantes, as vontades tíbias, as vocações débeis de lutadores mal-avisados, atirando-os ao chão da dúvida, do ceticismo e das melancólicas disponibilidades.

E a forma negativa de messianismo. A força magnética da catástrofe. A marcha para o abismo. A total abdicação das prerrogativas do Espírito.

É o jogo multiforme, vertiginoso do Arcanjo das

Trevas que, em última análise, é também o Rei Desejado por esse mundo que volveu as costas à Luz e não a conheceu, e não a quis receber...

IX

O REINO DE DEUS

Mas nós estamos certos do que queremos e para onde vamos.

Esperando, sabemos o que esperamos; de quem, e quem esperamos, e por que esperamos.

O Reino pelo qual trabalhamos é um Reino de formas claras e nítidas; nele tudo está previsto e calculado; tudo obedeceu a uma longa preparação. Nele não há surpresas, porque a surpresa pressupõe o engano e o Fundador do Reino que sonhamos não engana a ninguém.

O nosso Reino não faz sentir primeiro a sua força, para depois declarar a sua lei, como fazem os reinos do mundo, sujeitos sempre aos caprichos dos homens; a sua lei precede-o e constitui não somente a sua base, mas a sua própria essência.

No nosso Reino todos somos iguais, mas ninguém faz alarde disso, antes procura os lugares mais humildes, e muitas vezes coincide que o lugar da humanidade maior é o que aparenta ser o mais alto e nobilitante, e estas coisas são tão íntimas, que só o nosso Rei, o Rei dos Reis, conhece; e porque Ele conhece os corações se alegram.

No nosso Reino há autoridade, porém ao contrário dos reinos da terra, os governados obedecem mas são servidos pelos governantes, pois pelas leis do nosso

Reino "o maior será o menor de todos"[1]: e assim, o poder se funda na gratidão do que, obedecendo recebe, e no agradecimento de quem, mandando e servindo, vê aceito o seu serviço na expressão da obediência sincera.

Dessa forma, em nosso Reino, o nosso "jugo é suave", e o nosso "fardo é leve"[2], pois a ninguém pesa o que é feito com amor.

Em vez das dores e das aflições do egoísmo, que tudo exige e nada quer suportar, temos a tranquila serenidade de um amor que, longe de suscitar guerras, promove a harmonia. Por isso em nosso Reino, entre filhos e pais, e pais e filhos, e esposo e esposa, e irmão e irmã, e superior e inferior, e igual e igual, existe aquela paz nunca perturbada porque constitui a herança transmitida por Aquele que patenteou ao mundo a verdadeira amizade "que é dar a vida pelos seus amigos"[3].

*
* *

No nosso Reino não há restrições mentais, pensarnentos reservados do Rei para com os súditos. Sabemos qual é o nosso destino, qual a nossa liberdade, qual o nosso poder e o nosso dever, e as nossas dores, e as nossas alegrias, e o que acontecerá como consequência de cada ato que praticamos; pois o nosso Rei tudo nos revelou, dizendo-nos "não vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor. Tenho-vos chamado amigos, porque tudo o que sei de meu Pai vos transmiti"[4].

Em troca de tão grande cidadania, impôs-nos uma única condição: "amai-vos uns aos outros"; é essa a razão por que, onde essa condição não é cumprida, não há amigos do nosso Rei, nem cidadãos do Reino.

(1) S. Mateus, Cap. 20, vs. 25,26, 27, 28; S. Marcos, Cap. 9, vs. 35 e Cap. 10vs. 42, 43, 44 e 45.
(2) S. Mateus, Cap. 11, vs. 25 a 30.
(3) S.João, Cap. 15, vs. 13.
(4) S.João, Cap. 15, vs. 15.

E quanto aos filhos do ódio, a esses o nosso Rei não os quer ainda mesmo para servos, pois os filhos do ódio são filhos de Satanás que, "desde o princípio, foi mentiroso e assassino"[5].

*
* *

O nosso Reino é um Reino que não cessa de realizar - se no vasto mundo e dentro de nós.

Realiza-se exteriormente pela palavra e pelo exemplo que tocam os corações, pela constante procura dos sofrimentos alheios para os consolar, pela comunhão dos súditos ou cidadãos dos mesmos pensamentos e sentimentos, nas orações coletivas, na recíproca solidariedade que se devem.

Realiza-se interiormente, pela prece, pela meditação, pela instrução cada vez maior em tudo o que concerne à doutrina que nos foi dada, pela paciência (mais bela que os sacrifícios voluntários), pelos pensamentos de perdão e misericórdia, e pela constante luta travada conosco mesmo para nos tornarmos melhores e mais dignos de nos aproximarmos do nosso Rei.

*
* *

Os territórios a conquistar para o nosso Reino são vastíssimos. Quando se pensa que o Reino já domina um país, uma cidade, uma casa, muitos trechos há ainda que estão fora da sua soberania: zonas cheias de maus hábitos que persistem, ou nascem, ou renascem; ou de ideias erróneas que entram como ladrões, quase tão imperceptivelmente que não se dá por elas; ou às vezes, é a presença da ingratidão, com sua gelada indiferença, a tornar tudo estéril.

E isso que se dá num país, numa cidade, numa casa, dá-se numa alma. Cumpre não perder terreno, para que

(5) S.João, Cap. 8,vs. 44.

a área territorial do Reino não diminua dentro de nós, não perca eventualmente algum distrito, talvez alguma província.

*
*   *

Mas não basta defender as fronteiras. É necessário em nossa alma conquistar regiões desconhecidas. Conheceremos nós toda a extensão territorial das nossas almas? Já nos debruçamos sobre o seu misterioso mapa? Sabemos já tudo de que ela é capaz, que plantas pode fazer brotar dos meandros recônditos do seu solo ?

Talvez a nossa alma não seja tão pequena como supomos, e, nesse caso, o nosso Rei está perdendo esses desaproveitados sertões, os quais podendo produzir se encontram nas mãos inábeis dos selvagens ou povoados de feras.

É preciso penetrar nos confins mais remotos da nossa floresta interior. Existem lá paisagens que podem ser belas, uma terra talvez fértil, quem sabe se uma mina de ouro? E, se houver, temos de agir como bons sertanistas, traçando roteiros, explorando as escondidas riquezas.

Também pode ser que encontremos, em algum recanto da nossa alma, coisas más que ainda estão a germinar e que convém extirpar antes que tornem pestífero o nosso clima espiritual. Todos nós sabemos quanto é difícil esse trabalho, mas para facilitá-lo há um recurso em nosso Reino, onde tudo foi previsto, principalmente a nossa fraqueza; é o recurso da Graça, que obtemos pelos meios que nos facultou a munificência do nosso Rei.

*
*   *

Quem se tornou cidadão deste Reino compreende o que seja o anseio por dilatar a Fé e o Império. É um satisfeito insatisfeito que, vivendo a vida verdadeira, mais a quer; e tendo-a para si, deseja-a para os outros.

Sendo Reino da Certeza, ou da inabalável Fé, que se realiza na Caridade, ou no Amor, é também o Reino da Esperança, porque pela Esperança tudo se manifesta sendo ela o idioma falado tanto pela Fé como pelo Amor.

Na verdade, vivemos sempre a esperar. Esperar que o nosso apostolado dê frutos. Esperar que os corações sejam tocados pela Graça. Esperar que, dia-a-dia, a nossa alma se aperfeiçoe. Esperar pelos a quem estimamos e que estão longe de nós, ou longe de nosso Reino. Esperar, esperar, esperar pelos outros, e por tudo, e por nós mesmos, o que em resumo é esperar por Jesus, o Cristo, o verdadeiro Encoberto-Descoberto, o Ausente-Presente, o nosso Rei, o Rei dos Reis.

X

O REI DOS REIS

Ê o Grande Rei de todos os reis do mundo. Aquele de quem procedem todas as realezas e dignidades humanas.

É o Desejado verdadeiro, que o grémio lusíada tem procurado, até mesmo quando pensa procurar, esperar e desejar outras coisas.

É o Desejado tanto mais desejado quanto é certo que tanto mais o temos conosco mais verificamos a necessidade da sua presença.

È o verdadeiro Encoberto, não numa ilha envolvida em véus brancos de bruma, conforme sonhou o século xvi em relação ao herói de Alcácer, porém oculto nas brancas aparências do Pão Sagrado, no recesso do tabernáculo do Altar.

* *

Só Ele poderá aplacar as angústias deste mundo em chamas.

Ele, que expõe claramente as leis do seu Reino, antes da guerra e não somente depois dela.

Ele, cujas condições de paz universal se firmaram na memorável noite da Ceia, antecipando a batalha dolorosa da Paixão e o triunfo glorioso da Ressurreição.

Ele que nos leva ao combate sabendo nós por que lutamos, e o que queremos, e o que será perdido se perdermos, e o que será ganho se ganharmos.

Ele, que não nos embala com palavras vagas, nem frases de dois gumes, nem devaneios estéreis, nem fórmulas em que se enquadram opostas interpretações, porque nos diz com toda a franqueza o que é lícito e o que é ilícito, o que é louvável e o que é reprovável, o que é treva e o que é luz, o que é morte e o que é vida.

Ele, o nosso amparo, a nossa força, e consolação, quando perseguidos, caluniados, oprimidos, por amor da Verdade, ou aflitos diante das trágicas incertezas de um duvidoso Amanhã, porquanto quem n'Ele crê e confia vai guiado por mão segura e nada pode temer.

*
* *

Portugueses! A vossa vocação missionária exige que vos levanteis diante da Humanidade como outrora Paulo de Tarso no Areópago de Atenas: e assim como o Apóstolo do Gentio, apontando para o templo ali erguido ao Deus Desconhecido, anunciou aos gregos que esse Deus era Jesus, o Cristo, também vós, ao messianismo dos povos que apelam para esse Messias denominado "Ordem Nova", dizei que essa nova ordem não pode ser outra senão o Reino de Deus, aquele por cuja dilatação trabalharam os vossos Reis Nacionais.

Dizei que a ordem social e internacional em que Jesus, em vez de ser proclamado como aspiração suprema for apenas tolerado pela munificência de uma liberdade que pretende ser maior do que Ele, é regime da desordem e tão rematada loucura como aquele "que edificou a sua casa sobre a areia; e desabou a chuva, e rolaram os rios, e desencadearam os ventos, e combateram aquela casa, que desabou fragorosamente"[1].

Ninguém melhor do que vós que fostes acusados de esperar certezas por aqueles que hoje não se acusam de esperar incertezas, poderá fazer compreender aos povos a realidade de uma Esperança, não baseada nos caprichos dos homens e na sua versatilidade, mas no Poder de Deus.

Anunciai aos Reis da terra o Rei dos Reis.

Anunciai Aquele que, antes de se manifestar aos povos, quis primeiro manifestar-se aos Reis dos povos, na sua gloriosa Epifania, quando a estrela de Belém chamou de longes terras o Poder Público mais antigo, encarnado nas milenárias realezas do Oriente, para demonstrar o sentido novo dos governos e as suas novas responsabilidades decorrentes do mistério da Redenção.

Temos o dever de o fazer, por tudo o que Jesus Cristo nos é e nos promete; por tudo o que Ele foi aos antepassados do grémio lusíada; por tudo o que deve ser a posteridade de nossas Pátrias irmãs.

*

E justamente porque O amamos, anuncia-Lo como Rei, e Rei dos Reis, é para nós delicada consolação, pois esse Jesus tão bondoso proclamou a sua Realeza nas circunstâncias mais dolorosas, quando, espancado, ofendido, humilhado, o levaram à presença do repre-

(1) S. Mateus, cap. 7, vs. 27, S. Lucas, cap. 6, vs. 49.

sentante de César, que era a máxima expressão do poder humano sobre a terra.

O coração de Pilatos chegou a comover-se vendo a figura do Herói que os homens aviltavam. Trava-se um imortal diálogo entre o Governador Romano e o Mestre Divino. E, nessa altura, ao mais direto interessado em o saber, isto é, ao delegado de César, ou do Estado, Jesus proclama-se Rei, dizendo: "Para isso nasci e vim ao mundo".

Mostra, em seguida, quem são os seus súditos: todo aquele que ama a verdade e ouve a sua voz. O Reino de Deus, pois, é o da Verdade.

Pilatos, como todos os que só vêem as coisas da terra, não sabe o que é a Verdade. Olha estranhamente para Jesus e pergunta: "Que é a verdade?" [

Essa interrogação atravessou os séculos. Como um pássaro abriu as asas; paira como um sinal de loucura, sobre os reis, as nações, os povos e as consciências, nas crises das paixões destruidoras da serenidade do Espírito.

* *

"Que é a verdade?"

Pergunta de Pilatos, pergunta do Poder, pergunta do Estado, pergunta da política, dos partidos, de todos os que se perturbam entre a responsabilidade e as paixões, entre a justiça e os interesses inconfessáveis. Pergunta trágica de todos os que se encontram fora do Reino de Deus.

E a esses cumpre dizer que a Verdade é o próprio Cristo. A verdade e a vida. A vida e a luz do mundo. Mas para dizer-lhes com força, com poder de transmitir a nossa fé, convém que repitamos mil vezes essa revelação à nossa alm,a sempre maravilhada ao ouvi-la.

* *

Horrorizemo-nos à idéia de um mundo sem Cristo.

Como os apóstolos, naquela tarde de Cafarnaum em que todos se retiraram, abandonando o Mestre tão triste e tão sozinho, se Jesus nos perguntar: "Vós também ides? Também não me quereis mais?" — respondamos como Pedro (e Pedro é o homem-símbolo da nossa Igreja): "Senhor, se nos formos de ti, para onde iremos? Tu tens as palavras da Vida Eterna!"

E acrescentaremos, nós, do mundo lusíada:

— Permiti, Senhor, que os lusíadas fiquem convosco, ainda mesmo que todas as nações vos abandonem. Porque fidelíssima foi chamada a majestade dos nossos reis, e fidelíssimos havemos de ser, por todo o sempre, para convosco; e por esta fidelidade, e pela nossa vocação evangelizadora e universalista, não duvidamos em vos dizer que, tendo-nos reconquistado a nós mesmos para o vosso Reino, não vacilaremos em reconquistar o mundo inteiro para vós.

II

MENSAGEM AO MUNDO LUSÍADA

(Conferência dedicada à Virgem Santíssima, nas comemorações centenárias da Diocese de Viseu, terra dos antepassados paternos do Autor)

INQUIETAÇÃO E POESIA

Numa praia dos mares do Sul, emoldurada de coqueiros, o dia vem rompendo docemente.

Ao fundo da paisagem, avulta a silhueta das serranias azuis. Cresce a orquestra dos pássaros, à proporção que a luz avança, apagando as estrelas.

Dentre o aglomerado das cabanas indígenas, um homem vestido de negro caminha na direção da praia. Atingindo a areia alvíssima, detem-se. Erguem-se-lhe os olhos ao céu onde a derradeira estrela brilha no alvor da madrugada. Buscam, no alto, um doce pensamento, e após outro e outro ainda; finalmente, baixando-se, fixam-se na larga página branca, onde as vagas se precipitam... Com uma vara, a estranha personagem começa a traçar no chão estranha escrita. Treme, porém, na mão nervosa, o singular estilete. E, na face da praia, as primeiras palavras são de dúvida:

"Cantar ou não cantar? Os teus louvores silenciarei, ou cantarei?"

O homem vestido de negro hesita. Sente-se indigno de versar tão nobre tema. Ao mesmo tempo, dói-lhe o calar, porque reter a inspiração consigo, sem comunicá-la aos homens, pode importar em desapreço à dádiva que vem do Alto.

Tímida e aflita, a mão dubitativa prossegue, escrevendo:

"A mente alvoroçada
pela chama do amor arde em desejos
de oferecer-Te os versos quedhe inspiras.
mas receia manchar tuas glórias celestes
com a indigna palavra humana.,."

Gravando estas linhas na areia, o Poeta ergue de novo o olhar aos céus, agora em fogo, da manhã tropical. Irrompendo das águas, o sol prateia o largo oceano deserto de velas, unge de luz mais viva as matas luxuriantes, canta nas asas multicores dos pássaros e nas pontas esguias das palmáceas, que desfraldam as frondes como verdes bandeiras.

Os guerreiros da floresta, de cocares, de cintos, de pulseiras de penas coloridas como o arco-íris, levam à boca os triunfais borés c, misturados aos cantos das aves, no céu azul da grande Pátria virgem, soltam, sonorosamente, os toques da alvorada...

Tudo — o sol, o céu, a mata, o mar, os alados cantores, os ingênuos silvícolas — parece pedir ao Poeta que desate a palavra e revele a mensagem que traz no fundo do coração.

Alguns passos além e, em gesto decisivo, como cedendo a ordem sobrenatural, a mão, agora segura, escreve na praia:

"Mas... és Tu que me obrigas a cantar;
açodes a esforçar-me balbuciante,
e a revigorar-me a mão tremente..."

2

MENSAGEM CELESTE

Dessa forma teve começo o poema *De beata virgine,* do Padre José de Anchieta, cognominado, com justos motivos, "o apóstolo do Brasil".

A primeira poesia portanto (e grandíssimo poema) que se cantou em terras da América Lusitana, foi em louvor d'Aquela que nobilitou a Humanidade, gerando, mais pura do que a estrela da Manhã, o Salvador do Mundo.

* *

Não fora em vão que El-Rei D. Afonso Henriques, ao fundar a Monarquia destinada a espalhar pelo globo terrestre a luz do Evangelho, colocara a Nação Portuguesa sob a égide da Virgem. Com os navegantes lusos Ela atravessou os mares, com os sertanistas penetrou a selva americana, e cantou, com o poeta, o seu hino de amor nas terras do Brasil.

*
* *

Dadas as circunstâncias em que foi escrito, atentos o histórico episódio que lhe serviu de contorno, a natureza portentosa que lhe foi ambiente e, acima de tudo, as condições psicológicas do autor, o poema do Padre José de Anchieta constitui, no alvorecer da nacionalidade brasileira, encantadora mensagem de amor ao grêmio lusíada que principiava a desdobrar-se no hemisfério ocidental, acrescentando-se pela absorção do sangue das tribos selvagens.

Mensagem, não do Poeta, porém d'Aquela mesma que era objeto do seu canto e que parecia querer dar-se

a conhecer, a fim de melhor ser conhecida a significação altíssima do Evangelho.

III

REFÉM NA TABA SELVAGEM

Corria o ano de 1563. Ano de guerras cruéis entre as gentes da selva. Acesa ia a luta dos tamoios do Rio de Janeiro contra os tupis de São Vicente.

Os índios guaianás da Nação Tupi, eram aliados dos portugueses, desde o casamento da princesa Bartira, filha do chefe Tibiriçá, com o patriarca João Ramalho, misteriosamente encontrado nomeio dos índios, pelos primeiros colonizadores. O cacique Tibiriçá dedicou sincera amizade ao grande nauta e povoador Martim Afonso de Sousa e tornou-se precioso baluarte da colonização lusitana em terras da capitania vicentina, particularmente no planalto de Piratininga. Foi o fundador de São Paulo, construindo com suas próprias mãos o Colégio dos Jesuítas, primeiro foco da civilização brasileira. Seus restos mortais hoje repousam na cripta da catedral paulistana, entre os arranha-céus da maior metrópole industrial da América Latina.

Contra os guaianás do planalto, os tupinambás meridionais e os portugueses, de quem eram aliadas aquelas nações, dirigiam-se os ataques dos tamoios, indígenas afetos aos calvinistas franceses e ainda imersos nas trevas da barbaria.

A obra jesuítiça de integração de milhares de almas na fé cristã e no grêmio lusitano achava-se gravemente ameaçada, tanto mais que os tamoios delineavam confederar, contra as populações já cristianizadas do sul, as tribos que se estendiam do litoral fluminense até às

serras dos hórridos aimorés, abrangendo os campos do impetuosos goitacás e também algumas tribos dós próprios tupinambás, localizadas em Iperoígue.

Se essa guerra lograsse êxito para os invasores da Capitania de São Vicente, não poderiam os portugueses opor eficaz resistência ao domínio dos franceses na Baía de Guanabara e o sonho calvinista da França Antártica ter-se-ia realizado, exatamente no local onde se ergue a cidade do Rio deJaneiro, fundada em 1565 por Estácio de Sá.

Aos padres jesuítas se deve, nesse transe, o poder sustentar-se o nome português nas terras do Novo Mundo, pois foram eles que mantiveram a unidade do espírito lusíada na Capitania de São Vicente, de onde partiram mais tarde as poderosas forças dos frecheiros tupis, a socorrer as tropas do governador Mem de Sá, empenhadas na expulsão dos calvinistas.

Imaginaram os filhos de Loiola fazer viajar para São Vicente uma embaixada de tupinambás, aliados aos tamoios, perante as nações contrárias, a fim de se firmar definitivo congraçamento entre tão extremados contendores. Para garantir benévola acolhida aos emissários da paz, propuseram os religiosos deixar como reféns nas tabas inimigas alguns sacerdotes. Coube a Nóbrega e Anchieta entregarem-se cativos nas mãos dos perigosos selvagens.

Decorridos os meses estipulados sem que regressassem os embaixadores, achavam-se os dois missionários na iminência de sofrer a morte por eles mesmos consentida como castigo ao malogro da empresa, quando Nóbrega obteve dilação de prazo e licença para ir ver em São Vicente como as coisas andavam e meter empenhos para aplainar dificuldades.

Ficou Anchieta sozinho e é aqui que começa a gestação do poema que dedicou à Virgem Santíssima.

IV

A PROMESSA DE ANCHIETA

Não temia o padre José a morte do corpo, antes por ela suspirava como prêmio da faina apostolar; o que temia eram os perigos por que passava sua alma.

Acertara Anchieta inspirar simpatia aos guerreiros de Iperoígue; sua coragem aprazia à bárbara, gente que em alta conta estimava o destemor ante o perigo.

A essa admiração juntou-se o enternecimento que seus modos afáveis despertavam e, mais ainda, o vago mistério de seus longos silêncios e das palavras que sussurrava lendo em livros sagrados estranhas conversações com a Divindade.

Tudo lhe queriam oferecer em preito de estimação e sinal de acolhimento: caças que frechavam, frutos da terra e, como honra suprema para a tribo, as mulheres da sua raça.

É o próprio Anchieta quem narra, na sua correspondência, as provas a que foi submetido pela vista, pelos ouvidos e pelas instâncias dos selvagens inconscientes na triste degradação em que se achavam.

Só um meio havia de passar incólume através de tantas misérias: manter o pensamento em contínuo convívio com Aquela que esmagou a cabeça da serpente e que é a fonte de graças para todas as almas em perigo. Fez assim fervorosa promessa: cantar um poema à glória da Virgem Mãe, se conseguisse vencer o tempo do cativeiro em estado de pureza.

V

LUZ NAS TREVAS

Não foram em vão a prece e o voto. Podemos mesmo dizer que o voto constituiu já o cumprimento de particular vontade da Soberana Senhora: pelo contraste entre a idéia do poema e o ambiente humano em que o poeta o compunha, mostrar a distância que vai do homem pagão ao homem cristão, a antítese do homem-carne e do homem-espírito. Foi preciso que Anchieta tivesse diante dos olhos tudo quanto a hipocrisia encobre nas sociedades civilizadas de todos os tempos, para que compreendesse, no mais alto sentido, o papel de Maria na renovação da face da terra pela palavra e pelo sangue do Divino Mediador.

*
*   *

Na praia de Iperoígue, o jesuíta viu aquilo mesmo que dois séculos após com outros olhos viu a filosofia libertária de Jean-Jacques Rousseau: "o homem natural", o ente humano que certos pensadores unilaterais do fanatismo psico-analítico denominam, em nossos dias, "o homem sem recalques", isto é, o libertador de instintos, que regressa de degrau em degrau, à plana extrema da involução até ao troglodita da caverna.

Ali estava, aos olhos de Anchieta, o mundo do passado e o mundo do futuro: o mundo da idade da pedra, brutal, violento, vingativo, concupiscente, esse mundo que se reproduz no outro extremo, o das civilizações materialistas, nas quais tudo se sacrifica aos egoísmos ferozes e aos prazeres sem freio.

Esse mundo, ali o tinha Anchieta na realidade concreta e por ele poderia avaliar de que negros abismos fora arrancado o homem pela obra redentora do Cristo.

VI

O DESPERTAR DE UMA PÁTRIA

A sua própria experiência mostrara-lhe, nos campos de Piratininga, o milagre da transformação humana pelo toque luminoso do Evangelho. Ali, os índios guaianás já viviam vida cristã. Abolira-se entre eles a poligamia e todos os maus costumes. Implantara-se o culto da família indestrutível. Criara-se favorável ambiente de cooperação humana. E uma grande Nação ia nascendo iluminada pela Boa Nova.

Era de ver-se o quadro comovedor do planalto quando, à hora do Ângelus, portugueses e selvícolas das tabas de Tibiriçá e Caiubi confraternizavam rezando o terço no pátio humilde do Colégio.

*

* *

O aliciamento dos autóctones para a catequese fazia-se por intermédio da Virgem. Ranchos de meninos selvagens saíam pelas tabas, cantando e dançando a dança tupi chamada "cateretê" e, cantando e dançando, os arautos do Evangelho convidavam seus pais a virem receber o Santo Batismo, dizendo estes versos que Anchieta compusera na língua da terra:

"Ó Virgem Maria,
Tupã ci etê!
Aba pe ara póra
Oitó endê iabé!"

o que significa: "Ó Virgem Maria, Mãe de Deus verdadeiro, os homens deste mundo sentem-se tão bem convosco!"[1]

1 Couto de Magalhães, *O Selvagem,* no capítulo "Anchieta, as raças e as línguas indígenas".

Ouvindo esta notícia, corriam os guaianás, a aprender o catecismo e, dessa forma, o nome da celestial Senhora serviu de clarinada a conclamar um povo para a luz do Evangelho.

*

* *

Agora, ali estava o jovem apóstolo, abandonado nas mãos dos tamoios, sob o assédio de perigos que ameaçavam a sua alma. Veio acudi-lo a fundamental adversária da impureza, a quem devemos a honra da distinção que há dois mil anos já se pode estabelecer entre o Homem, rei da Criação, e o mundo dos animais irracionais.

VII

PERGUNTA QUE VEM DA SELVA ANTIGA

Escolhi como frontaria da construção que a vossos olhos desejo erguer em homenagem a nossa Mãe Comum, o gracioso tema que iluminou os primeiros passos da minha Pátria.

Ele traz consigo o aroma das florestas. Ao evocá-lo, como que escutamos os passos dos rudes desbravadores que as caravelas transportaram; o clangorar das inúbias dos guerreiros da selva; a orquestra dos pássaros bizarros; o farfalhar dos coqueiros ao vento largo dos trópicos.

Escolhi-o propositadamente, pois se foi com uma mensagem da Virgem que se desabotoaram no dealbar do século XVI as primícias das letras brasileiras, seja também com louvores à Celestial Senhora que a minha voz se desate na cidade de meus antepassados paternos.

Pelo que tenho de Viseu no sangue, falo-vos com enternecida saudade, pois em mim vibram raízes transplantadas das margens do Vouga pára as montanhas da Mantiqueira, raízes que levaram, em potencial, costumes de velhos tempos, antiga fé cristã de lusitanos; e pelo que tenho daquela gente de Piratininga, povos generosos das tabas de guaianás, nação primeira entretodas a cristianizaf-se na América, eu vos falo como se ecoassem, na minha, as vozes de quatro séculos, para vos perguntar, como vos perguntaria, com seu enduape de plumas e seu tacape de rei, o velho cacique Tibiriçá, fiel amigo dos portugueses: — ainda amais, como nos ensinastes, a Mãe de Deus Verdadeiro?

VIII

A IMACULADA CONCEIÇÃO, BASE DA FÉ CRISTÃ

Motivos têm de sobra os portugueses para me responder afirmativamente, pois Aquela a quem os ingênuos brasis diziam "os homens deste mundo sentem-se tão bem convosco", timbrou sempre em assinalar sua presença em todos os lances decisivos da história de Portugal[1].

Vemo-la, assim, na fase da Restauração, inspirar o primeiro rei da nova dinastia (como o fizera aos das antecedentes) o qual em todas as cidades mandou gravar a frase eloqüentíssima que proclama haver sido a Mãe de Deus concebida sem mancha do pecado original.

Foi certamente essa fé inabalável que deu ao catolicismo português estrutura tão sólida a ponto de o conservar imune dos erros que abalaram o espírito religioso na Europa, desde a Reforma ao Enciclopedismo e à Revolução Francesa.

Sem a Imaculada Conceição é impossível à mente humana aceitar o mistério da Encarnação do Verbo. A Encarnação representa qualquer coisa de tão revolucionário na economia do Universo, que nunca nos seria possível através de uma maravilha compreensível. Negar esse Poder no menor, é negá-lo no maior. Ê dar o primeiro passo para repelir a idéia da Virgem-Mãe e conseqüentemente a Divindade de Cristo.

Rejeitada esta Divindade, negou-se a Revelação, e desde que a Revelação não é aceita, caímos na crítica chamada racionalista e no experimentalismo unilateral.

O desmoronamento da fé cristã tem por começo a rejeição do alto privilégio de Maria, porque o abstermo-nos de tão fundamental ponto de apoio é fecharmos os olhos ao significado do Sacrifício Redentor, como medida divina de reabilitação do homem e da prevalência do Espírito sobre a matéria, em tudo aquilo em que esta constitua detrimento do mesmo Espírito. Esquecidos os desígnios da Encarnação do Verbo, caímos no filosofismo naturalista e não tardamos a considerar no Cristo apenas a sua natureza humana.

Chegados a essa fé medíocre, pouco nos falta para apear Jesus do pedestal de profeta que ainda lhe restava. Envolvemo-lo, então, numa atmosfera de simpatia agnóstica, à maneira de Renan e da literatura sentimental dos séculos XVIII e XIX. A doutrina do Mestre passará ao plano das de Sócrates ou Platão, Confúcio ou Lao-Tsé, como suma de sabedoria e regras de bem viver.

Desse degrau, logo se desce ao vulgar utilitarismo, talhando-se as leis morais sob a medida das circunstâncias, dos interesses e das paixões, como os alfaiates fazem as roupas para todas as estaturas. É aí que se abrem as portas ao materialismo total, cujo idealismo incoe-

1 "Terra de Santa Maria" foi chamado Portugal antes mesmo de ser um Reino. Sob a proteção da Virgem foi dado e criado El-Rei D. Afonso Henriques, o qual sob o patrocínio da mesma Senhora fundou a Monarquia, cujos destinos foram definitivamente consagrados à Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, em 28 de abril de 1142.

rente tenta conciliar a justiça e o equilíbrio da sociedade e dos países com as aspirações a um comodismo individual tão injusto como cruel. Desdobra-se o mundo do egoísmo no meio das trevas das paixões. O egoísmo desperta o liberalismo, que é a doença mortal da verdadeira liberdade, e o liberalismo acende o fogo das incompatibilidades e o incêndio das discórdias. A Humanidade precipita-se no abismo da violência, das vinganças e da loucura.

IX

O LIVRE EXAME

A história das desgraças do mundo contemporâneo começa nessa coisa que se chamou o "livre exame", depois transformado em "livre-pensamento", o qual não é mais do que a confusão que se estabeleceu entre os métodos adequados ao experimentalismo científico e os processos do raciocínio no campo das cogitações metafísicas.

O êxito alcançado pela nova lógica de Bacon aplicada às investigações relativas ao universo sensível levou muitos espíritos ao unilateralismo que exigiu do mundo do espírito a submissão total às mesmas leis reguladoras das expressões, movimentos e transformações da matéria. Quebrou-se a hierarquia das realidades, anunciou-se a morte dos dogmas, atrelou-se a filosofia ao carro da ciência e proclamou-se, em consonância, a liberdade crítica, o agnosticismo vaidoso e fátuo, isto é, a não consideração, ou a indiferença religiosa, que é a forma mais materialista do pior materialismo.

*
* *

Os dirigentes e os intelectuais da grei lusitana souberam conservar o edifício da Nacionalidade e do Império sobre os alicerces da fé católica. Podemos ter como certo que tão vigorosa intransigência constitui especial favor alcançado do céu pelo culto nunca esmorecido da Imaculada Conceição.

Não praticamos, no mundo lusíada, esse catolicismo de preciosismos mentais tão grato àqueles povos onde as heresias proliferaram, as seitas se multiplicaram, as discordâncias entre os próprios católicos na concretização temporal dos princípios religiosos puseram em perigo a unidade da Fé.

O catolicismo do nosso grêmio foi sempre realista, objetivo, prático, e tudo isso provém, no fundo, de um sentido de humildade que torna mais grandiosos aqueles barões assinalados, dilatadores do mundo cristão.

E essa é a atitude que apraz à Virgem Santíssima; porquanto Ela mesma assim procedeu merecendo estas palavras com que Santa Isabel, saudando-a, saudou a todas as almas e a todas as nacionalidades que confiaram no Altíssimo: "Bem-aventurada a que creu, pois hão de cumprir-se nela as coisas que da parte do Senhor lhe foram ditas".

*
* *

Ao passarmos hoje, sob esses velhos arcos patinados por três séculos, onde lemos o dístico a exaltar a glória de Maria Imaculada, não podemos deixar de pensar: — foi Ela, certamente, que inspirou essa frase de El-Rei, pelo muito que ama os portugueses.

X

PADROEIRA DE PORTUGAL E DO BRASIL

A história de Portugal e a do Brasil estão cheias de douradas narrativas de que é centro a Incomparável Senhora. Se em vossas terras amiúde vos falam imorredouras lembranças da Virgem, também quem viaja pelo meu país encontra, a cada passo, numa igreja, num forte, numa praia, num rio, numa serra, ardentes cultos comemorativos de intervenções da Mãe Celeste, a animar-nos no desbravamento dos sertões e semeadura de cidades, a adoçar o nosso coração na obra aliciadora dos indígenas, a fortalecer-nos nas guerras contra os invasores e na reação contra aqueles que, sob forma pacífica e até da amizade, pretendem subtrair-nos à disciplina católica.

A presença da Virgem Imaculada na vida familiar, social e política dos nossos países é de tal sorte evidente que os próprios documentos oficiais registam-na como impressionante aquiescência do Poder Humano aos Desejos Divinos. Foi assim que D.João VI, tendo-se transferido ao Rio deJaneiro em 1808, e ali verificando, durante dez anos de tempestades sociais na Europa, como o mundo lusíada fora salvo da anarquia e desordem dos espíritos, rendeu públicos agradecimentos à Mãe Santíssima, instituindo, num decreto assinado no Rio de Janeiro, a Ordem Militar da Conceição de Vila Viçosa.

O decreto traz a data da coroação de El-Rei em 6 de fevereiro de 1818 e, no seu preâmbulo, rememora e confirma a consagração que D. João VI fez de nossas Pátrias a Maria Imaculada.

Em alvará de 10 de setembro de 1819, também do Rio de Janeiro, aquele soberano regulamenta o decreto do ano anterior, declarando que "sendo muito freqüentes e conhecidos os benefícios que a Nação Portuguesa sempre recebeu do patrocínio da Santíssima Virgem da Conceição, em todas as épocas arriscadas", e reconhecendo "a proteção eficaz da padroeira do Reino mediante a qual o Onipotente tém livrado esta monarquia dos grandes perigos que a cercaram pela geral revolução na Europa", resolve "dar público testemunho de devoção e reconhecimento à mesma Senhora".

* *

Estas palavras extraídas dos dois documentos são por demais eloqüentes na hora que atravessamos e em que vemos, de novo, para usarmos as palavras de D. João VI, "*grandes perigos pela geral revolução na Europa*".

Como brasileiro, sinto-me feliz em lembrar à família lusíada as palavras do grande monarca em momento de tão grave oportunidade.

Foi D. João VI quem elevou o Brasil à categoria de reino em 16 de dezembro de 1815, tendo sido o primeiro príncipe português a pisar o solo americano. Foi nessa data que o Brasil, tendo atingido maturidade pelo desenvolvimento populacional e econômico, se tornou uma nação independente, conquanto unida a Portugal, na grande fórmula dos Reinos componentes da comunidade lusíada. Por conseguinte, a mão que assinou a outorga de maioridade e personalidade política à Terra de Santa Cruz foi a mesma inspirada mão que aos povos dos dois lados do Atlântico legou um penhor de união indissolúvel no culto de Maria Imaculada. Só com Ela e por Ela — brasileiros e portugueses — lograremos salvar o patrimônio da nossa civilização da voragem de misérias que, sob rótulos pomposos e esperanças ilusórias se escondem na boca dos falsos profetas.

A coincidência é por demais relevante para que não tomemos como sinal a mensagem d'Aquela a quem proclamamos Rainha e Padroeira de Portugal, do Brasil e de todos os povos que falam a mesma língua em

que Camões cantou e em que rezaram os Santos, os Cavaleiros e os Reis construtores da nossa História e profetas do nosso Destino.

XI

A VIRGEM IMACULADA NA TOPONÍMIA BRASILEIRA

A carta geográfica do Brasil entoa, a cada passo, altos louvores à Virgem Santíssima, na designação de cidades, vilas, aldeias ou acidentes naturais.

Aparecem no mapa da grande Pátria todas as invocações tão lusitanas de Maria, cantando como numa ladainha dos rios, das serras, dos campos, das lagoas, das enseadas e das ilhas o amor dos brasileiros por Aquela que é maternal protetora dos lares nacionais. Temos, assim em Santa Catarina, na Bahia, em Minas Gerais — *Nossa Senhora da Graça;* em S. Paulo, no Rio de Janeiro, na Paraíba, em Minas Gerais, na Bahia, em Santa Catarina, no Espírito Santo — *Nossa Senhora da Penha;* em Pernambuco, na Bahia, em Minas Gerais, no Pará, no Maranhão, no Piauí — *Nossa Senhora de Nazaré;* no Rio de Janeiro, na Bahia — *Nossa Senhora da Glória;* em Santa Catarina — *Nossa Senhora das Necessidades;* em Minas, no Rio de Janeiro — *Nossa Senhora do Carmo;* em Pernambuco — *Nossa Senhora do Monte;* em Mato Grosso — *Nossa Senhora Mãe dos Homens;* em Minas — *Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora da Saúde* e *Nossa Senhora das Dores;* em São Paulo, em Mato Grosso, na Paraíba — *Nossa Senhora dos Prazeres;* em Sergipe, no Maranhão, em Santa Catarina, em Pernambuco, em Minas, em Goiás, em Mato Grosso — *Nossa Senhora do Rosário;* em Sergipe, em S. Paulo, no Pará, em Minas, na Bahia —

Nossa Senhora do Socorro; no Rio Grande do Sul — *Nossa Senhora dos Anjos;* na Bahia, em Minas, em Goiás, em S. Paulo, no Rio Grande do Sul, no Maranhão, no Pará, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, cidades com o nome singelo de *Santa Maria;* e entre tantas denominações, multiplicam-se as que invocam a lembrança mais grata ao Coração da Virgem, desde *Conceição de Itanhaem,* primeira entre todas na Capitania de S. Vicente, e a evocativa *Conceição da Praia,* na Bahia, até aos recessos sertanejos: *Conceição do Arroio,* no extremo sul; *Conceição do Norte,* em Goiás; *Conceição de Monte Alegre,* em S. Paulo; *Conceição do Serro,* em Minas Gerais e *da Serra,* no Espírito Santo, *Conceição da Paraíba,* em Paraíba do Norte, *Conceição de Santarém,* no Pará.

XII

TESTEMUNHO DE UM PRÍNCIPE DE CIÊNCIA

Tão impressionante devoção tem tocado os corações de todas as raças que se dirigem ao Brasil para se integrar na comunhão luso-americana. Quero, porém, de modo especialíssimo referir-me a um desses estrangeiros, o naturalista Von Martius, botânico, zoólogo, etnógrafo e glossólogo de fama universal.

Esse homem que, ao lado de Spix, Humboldt, Darwin, Wallace, Agassiz e Lund, representa uma das glórias científicas do seu tempo, andava em viagem de estudos pelo Amazonas quando o seu navio naufragou. No auge do desespero, recorreu aos céus tendo à vista a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Santarém. Fê-lo com tanta felicidade, que escapou da morte por ele considerada inevitável. Vinte anos depois, achando-se o sábio na Europa e já esquecido na memória dos

habitantes do Pará, eis que ali chega um Cristo Crucificado, em tamanho natural, reproduzindo em ferro dourado a obra célebre de Dürer. Era o cumprimento da promessa do náufrago à igreja da Imaculada Conceição.

As palavras que acompanharam o ex-voto são dignas de ser meditadas pelos cientistas de todos os tempos. Diz Martius: "A obra saiu excelente e a contemplei com profunda emoção, pensando no modo pelo qual, só por um verdadeiro milagre, fui salvo do Rio Amazonas". "Se a contemplação desse Crucifixo em alguns devotos despertar uma piedosa comoção, terei eu feito alguma coisa pela raça americana à qual sinto nada mais poder dedicar senão votos piedosos". E acrescenta: "Há muitas pessoas católicas e protestantes, que não sabem como se pode desenvolver no cérebro e no coração de um naturalista a idéia do Salvador do Mundo, a ponto de ser base de sua existência espiritual; e a isso se chama filosofia do século XIX..."

*

Estas palavras do cientista[1] eu as considero propositadamente provocadas pelo milagre de Nossa Senhora nas águas do Amazonas, para rebater os argumentos de quantos afirmam a incompatibilidade entre a ciência e a religião.

Todo milagre é uma mensagem e, neste caso, temos uma mensagem aos cientistas. A filosofia do século xix, de que se queixa Martius (acusando de transigirem com ela os próprios cristãos), por certo estranharia o gesto do sábio; mas hoje, depois de todas as desgraças a que essa mesma filosofia conduziu os povos da terra, as novas gerações lerão com profundo respeito a lápide que, colocada às portas do mundo amazônico em 1844, fala

1 Extraídas dos documentos transcritos por Pirajá da Silva nas notas à obra de Martius, *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios brasileiros* (Brasiliana, 1939).

aos estudiosos de todo o mundo da humilde atitude do grande naturalista e do seu ato de fé.

* * »

Ao transcorrer o primeiro centenário do cumprimento daquele voto, folgo da oportunidade que aqui se me oferece de o comemorar, ainda que de passagem, nesta conferência dedicada à Virgem Santíssima, pedindo-lhe— como pediu Martius em meio das ondas do grande rio da minha Pátria — que salve a Europa e o Mundo desse Amazonas maior, que se avoluma para tragar as nacionalidades esquecidas das aspirações do espírito e só preocupadas cornos interesses materiais.

Por certo, as 350 espécies de aves, as 85 de mamíferos, as 130 de anfíbios, as 160 de aracnídeos e crustáceos, as 2.000 de peixes, as 2.700 de insetos, entre os quais 400 variedades de borboletas, e as 6.500 plantas que Martius classificou e revelou nas suas viagens pelas selvas brasílicas, entoam perenemente a glória do Criador; mas nenhum canto é maior, nem mais belo, do que a confissão do sentimento religioso do sábio arrancada pela intervenção de um milagre diante da igreja de Maria Imaculada.

XIII

NOSSA SENHORA DA APARECIDA

O maior culto, porém, à Virgem Mãe, no território brasileiro é o de N. S. da Aparecida, em minha província natal. Apraz falar dele na terra de Tomás Ribeiro, o insigne poeta visiense que o transportou para Portugal

ao regressar do Rio de Janeiro onde exerceu funções de ministro do seu pais.

A história da popular devoção é página de encantadora poesia. Uns pobres pescadores, por volta de 1710, foram notificados pelo Senado da Câmara de Guaratinguetá, no sentido de apresentarem grande quantidade de peixe para o banquete que iria oferecer ao Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, na sua passagem do Rio para Minas. Os notificados, de nome João Alves, Domingos Garcia e Filipe Pedroso, debalde lançaram as redes no caudaloso Paraíba, nada conseguindo até sol alto. Desanimados, haviam soltado a canoa ao léu da corrente quando, no lugar denominado Itaguaçu, um deles alvitrou lançassem mais uma vez a rede. Com surpresa, colheram o corpo de uma imagem; e, deitando de novo a rede, apanharam a cabeça. Era uma Virgem-morena. Os pescadores descobriram-se e benzeram-se, colocando na popa o maravilhoso achado.

E, agora, deitam terceira vez a rede. Uma pesca maravilhosa, como a do Evangelho, enche-lhes a embarcação. O sinal era evidente. Com os corações aos pulos, remam para a terra. Numa das casitas humildes improvisam um altar: uma toalha de "crochet" sobre caixotes, e duas velas de cera. Assim, rezaram o terço com as famílias. Ao amanhecer, porém, a imagem tinha desaparecido. Buscam-na, esquadrinham os arredores e vão encontrá-la no alto de uma colina. Reconduzem-na ao humilde altar e, à noite, como de costume, desfiam as contas do rosário. Mas já na manhã seguinte, a Senhora se ausentava. Desta vez foram direito ao sítio preferido e lá, como na véspera, estava a imagem.

* *

O prodígio repete-se, divulga-se. Aglomeram-se gentes de redor. Multiplicam-se preces e pedidos e começam a realizar-se milagres e graças em prodigalidade

tropical. Um pobre negro, que dura escolta traz algemado, sob a falsa acusação de homicídio, passando pela abençoada colina, pede, em voz alta, socorro à Virgem para que patenteie a sua inocência; e logo as suas algemas se quebram, e o escravo de joelhos bendiz a mensagem que, do Céu lhe vindo, veio principalmente à sua raça e a todas as raças do mundo como penhor de igualdade e de liberdade aos que cidadãos se fazem no reino de Cristo-Rei.

Cegos recuperam a vista, surdos ouvem, paralíticos andam, as notícias chegam às autoridades eclesiásticas. Ergue-se uma capela à Senhora da Conceição Aparecida; principiam as romagens; dentro em pouco há peregrinos que marcham cem, duzentos, mil quilômetros, a cavalo ou a pé, para cumprir promessas feitas em remotos sertões.

*

Depois de dois séculos de contínuas graças, o Sumo Pontífice erige o Santuário em Basílica e, na colina transformada em cidade, os Bispos dó Brasil coroam a Imagem Miraculosa perante multidão de romeiros imponentíssima.

O povo brasileiro comemorava assim a gentileza de Maria, que se antecipara, nos princípios do século XVIII, ao ato de D. João VI quando, no alvorecer do século XIX, à sua guarda confiava Portugal e o Brasil.

E as multidões de todas as Províncias ajoelhavam-se comovidas diante da imagem da Virgem-Morená.

Por que morena?

XIV

CONFRATERNIZAÇÃO DAS RAÇAS E UNIDADE CATÓLICA

Hoje compreendemos melhor tão grande símbolo, depois das falsas teorias das superioridades étnicas e do desprezo que os povos dó norte do planeta têm votado aos meridionais, acusando principalmente as nações latinas de decadentes, por se conservarem católicas e, em conseqüência do catolicismo, não se haverem premunido contra o igualitarismo racial, o que leva à conta de detrimento do tipo antropológico de teor ariano.

O progresso material dos grupos germânicos e anglo-saxões na faixa do globo melhor aquinhoada em hulha, levou certos teoristas a esquecer a posição industrial e militar secundária dos escandinavos, dos canadenses e os povos despigmentados que se fixaram em regiões sem combustíveis minerais, para só considerarem como símile de atraso os latinos e outras famílias humanas que não puderam acompanhar o ritmo do desenvolvimento industrial do século XIX, por não possuírem carvão de pedra, e só por isso[1].

A confusão lançada nas inteligências pelos teóricos ao serviço das nações hulheiras criou nos povos desprovidos de possibilidades siderúrgicas um complexo de inferioridade tão deprimente que a si próprios se passam certidão de invalidez e de óbito moral. Esse estado de espírito levou seus intelectuais a pesquisar as causas da decadência nacional e, de tudo cogitando, menos da causa verdadeira, não faltaram os que responsabilizassem o obscurantismo dos reis, a opressão do clero, as peias dos costumes católicos pelo atraso e pobreza das nações. A História Portuguesa, assim como a Brasileira, foi falseada, desde o reinado de D. João V, até os nossos dias.

1 Veja-se o livro de Pires do Rio, *O combustível na economia mundial,* livro que deveria ser lido por todos os portugueses e brasileiros.

XV

CICLO DO OURO E CICLO DO FERRO

O fim do reinado do construtor de Mafra (1750) ocorre três anos antes das primeiras fundições de ferro mediante a aplicação da hulha (1753). Termina o ciclo do ouro para iniciar-se o ciclo do ferro. Estabelece-se inevitável fatalidade econômica: as nações que tiverem ferro terão ouro. E a recíproca: as que tiverem ouro, não tendo ferro, perderão o ouro através das transações comerciais para as que tiverem ferro. O ferro é a máquina, é a indústria, é o transporte e, sobretudo, é o navio.

* *

D. João V, até no estilo da sua mobília e na exuberância da arte barroca, marca o apogeu do ciclo do ouro. O reinado seguinte (D. José) assinala o declínio da economia portuguesa, assim como de todas as nações dependentes das máquinas de outras. Os esforços de Pombal para industrializar o país tornam-se improfícuos, e tanto assim que, ao assumir o governo a rainha d. Maria I, é desesperadora a situação das finanças públicas[1], exatamente como em França onde o financista Necker luta debalde para restabelecer o equilíbrio financeiro, originado pelas mesmas causas e falseado pelos caluniadores de Luís XVI. O reinado daquela soberana e o de seu filho, o arguto D.João VI, constituem economi-

1 Caetano Beirão, no seu *D. Maria II.*

camente um drama que ainda não foi posto em foco: o da transição do poder do ouro para o poder do ferro, seguido, no período constitucional de D. Maria II, pela substituição do agente meteorológico no sistema de navegação pelo agente geológico, ou seja a queda do poder marítimo português por depender da hulha e do ferro de outras nações.

*

No fim do reinado de D. Maria I surgiu a economia política de Adam Smith baseada nas leis naturais de oferta e procura, portanto aparentemente humanitária, mas no fundo favorecendo as nações detentoras dos melhores meios de produção industrial. O fato é eloqüentíssimo, pois marca a translação do sentido espiritualista da economia baseada no livre arbítrio dos dirigentes responsáveis perante Deus pelo bem-estar do povo, para o sentido materialista baseado no determinismo dos fenômenos da produção e do consumo, sem nenhuma consideração pelas conseqüências do desequilíbrio social e internacional.

Essa doutrina[1] enriqueceu as classes burguesas e os países de concentração industrial e reativou as idéias revolucionárias, agora também baseadas nas leis da evolução, consoante ensinaram Sorel e Marx; por outro lado, favorecendo os grupos étnicos que assentaram a prosperidade nos recursos siderúrgicos, suscitou a teoria da superioridade racial dos menos pigmentados.

Coincidindo ter sido entre estes que se originaram a reforma religiosa, o naturalismo filosófico, o experimentalismo, o criticismo, o positivismo, o agnosticismo e finalmente o pragmatismo, concluiu-se que um

1 Alberto Torres, o ilustre sociólogo brasileiro (não confundir com o jornalista Antônio Torres), tecendo um hino ao valor da raça lusitana, critica acerbadamente no seu livro *O problema nacional brasileiro* a deplorável atitude daqueles que aceitam as doutrinas contrárias aos interesses supremos da sua Pátria, doutrinas essas que são propagadas, diz ele, por nossos inimigos e que nós perfilhamos inconscientemente.

dos índices da inferioridade rácica repontava nos caracteres místicos e principalmente católicos, logo designados, pelos escritores do nosso próprio grêmio, com os epítetos de "fanatismo supersticioso", "vícios educacionais", "obscurantismo fradesco", "ultramontanismo clericâl".

XVI

A CEGUEIRA DO FANATISMO ANTICATÓLICO

Nunca tínhamos reparado que essa propaganda visava arrebatar-nos a defesa contra o predomínio imperialista e a absorção econômica por parte de povos mais aquinhoados de instrumentos geológicos de produção, os quais necessitavam explicar a desigualdade das nações pelo determinismo da seleção dos mais aptos.

Foi a obra nefasta que inoculou em nações, cheias de força intelectual e moral, o veneno do desânimo, o vírus do fatalismo e a convicção de que nada mais podiam aspirar no desempenho de nobres missões no mundo.

Denegriu-se a memória dos reis; inventaram-se lendas contra os jesuítas e a opressão dos padres, enquanto, incoerentemente, se erguiam glorificações ao precursor e mestre dos ditadores do nosso tempo... Acusava-se a Igreja de inimiga da ciência e entoavam-se loas a Voltaire, esquecendo-se os turiferários de que este ridicularizara, por exemplo, as primeiras revelações da paleontologia metendo à bulha os sábios do seu tempo. Clamava-se que a Inquisição queimara cientistas na fogueira (o que não é verdade) mas a morte de Lavoisier, fundador da química, levado à guilhotina pelos ateus da Revolução Francesa, não merecia o menor comentário.

Assim procedendo, enfraquecíamos as raízes das nossas Pátrias, dando curso ao materialismo dentro de cujas idéias se justificavam as nossas escravizações nacionais aos povos que Frederico Nietzsche denomina orgulhosamente "povos hiperbóreos".

XVII

SIMBOLISMO DA VIRGEM APARECIDA

Desde o século XVIII, Nossa Senhora quis ser cultuada no Brasil sob o aspecto da Virgem-Morena. A imagem da Conceição Aparecida tem uma cor de castanho escuro, tonalidade em que interferem as cambiantes das cinco raças do mundo.

É uma mensagem anti-racista, uma proclamação do universalismo, católico, que abrange todos os tipos humanos, sem predominância de uns sobre os outros. É o sentido ecumênico da Igreja. Só não o podem aceitar aqueles que pretenderem fundar a justiça na base de particularismos étnicos. Para uma nação como o Brasil, que recebe correntes imigratórias de todo o mundo, parece querer dizer Nossa Senhora: esta é a Pátria formada sob as luzes do Evangelho, que o português interpretou e realizou na obra civilizadora que se propôs e os brasileiros continuam, confraternizando todos os povos do planeta.

* *

Ali, a Virgem repete a palavra do Cântico dos Cânticos: "Nigra sum sed formosa", significando — por ser ela também a loura beleza gótica das imagens a resplender sob vitrais e ogivas — a Mãe de todas as gentes em todas as latitudes e em todas as expressões dos caldeamentos; símbolo da Universalidade Católica, da Comunhão dos Santos, luz a um tempo de cambiantes boreais e fulgurações tropicais.

Como as Virgens-Negras da catedral de Chartres, das Igrejas de S. Vítor em Marselha, de S. Brás em Vichy, de Rocamadour, de Santo Estêvão de Lion, de Metz e Saint-Germain des Prés, todas na França, a integrar no cristianismo a crença intuitiva dos pagãos numa mulher virgem e mãe, que eles simbolizavam antes de Cristo na figura egípcia de ísis[1], lá está no Brasil Nossa Senhora, a recordar em curioso paralelismo histórico, a evangelização das Gálias, onde se tornou realidade o sonho politeísta, pois no Brasil também foi Ela substituir a Iara selvagem, misteriosa mulher da teogonia tupi.

E o que Ela tem realizado para conservar o Brasil fiel aos costumes cristãos, especialmente no que se refere à família; o que Ela tem presidido de grandioso na formação da Nacionalidade, tudo isso é graça, é aviso, é mensagem trazendo a luz do Céu.

(1) Gustavo Barroso, consagrado historiador e polígrafo brasileiro, publicou em "A Manhã" do Rio de Janeiro em 5 de maio de 1942, interessantíssimo artigo sobre Nossa Senhora da Aparecida. Entre outras coisas diz ele:

"A nossa milagrosa padroeira Nossa Senhora da Aparecida é uma dessas Virgens-Morenas, cuja tradição vem, segundo Charles Bigarne, das imagens encontradas nas criptas gaulesas sobre as quais se edificaram as catedrais cristãs. Fulcanelli, que estudou profundamente a questão, escreve: "Jadis les chambres souterraines des temples servaient de demeure aux statues d'Isis, lesquelles devinrent, lors de l'introduction du Christianisme en Gaule, ces *Vierges Noives* que le peuple de nous jours entoure d'une veneration toute particulière. Leur symbolisme est d'ailleurs identique; les unes et les autres montrent, sur leur soubassement, la fameuse inscription: *Virgini pariturae* ".

Depois de se referir a numerosas Virgens-Negras que se encontram em França, com citações curiosas de Witkowski e Bigarne, conclui Gustavo Barroso:

"O cristianismo conquistando os povos pagãos, alimpando-lhes as almas das superstições de antanho, iluminando-as com os jorros de luz da verdadeira fé, transformou o mundo antigo. As velhas crenças mirraram e desapareceram diante do Evangelho: Ceres, Rhea, Cibele, ou Ísis, Mães dos Deuses, cederam lugar a Maria, Virgem e Mãe de Deus. O admirável culto de Nossa Senhora santificou os lugares onde outrora campeavam aquelas divindades. E a intercorrència das velhas lendas nas formas novas das representações hagiográficas somente perpetuou pormenores de natureza folclórica, como esse da cor escura das imagens da Virgem. Assim mesmo a palavra bíblica vinha justificá-lo: "Nigra sum sed formosa".

XVIII

PRESENÇA DA VIRGEM NA TERRA PORTUGUESA

Mas eis. que chegamos ao século XX. Eis, de novo, a Senhora em terras de Portugal. No Brasil, já começava - ijios a pensar que Ela esquecera o país dos nossos avós.

Sabíamos lá que numerosos templos vossos não eram mais templos; que à maneira dos assírios e babilônios, mãos profanas tocaram recintos e vasos sagrados; que o exercício da atividade religiosa era objeto de restrição de muitos e de ludibrio de não poucos; e — o que mais nos assombrava — que consentíeis na dissolução da família transformando o matrimônio em contrato de finalidade egoísta. Como estranhávamos renegardes quanto vos fora fundamento de força e grandeza: extremos de espiritualidade, poder de ascetismo e renúncia, sentido das coisas divinas e amor crepitante pelo Salvador do Mundo! Tínhamos a impressão de que abandonáveis o Cristo, que não queríeis saber mais d'Ele para nada; que o Mestre era apenas tolerado entre vós como um hóspede que, por se demorar demasiadamente, há de instalar-se no sótão e comer dos sobejos, cedendo as primazias da casa ao novo conviva. Era este conviva a filosofia materialista do século XIX. Entrou festejada na velha casa lusitana e, folgando em mimos que a encareciam, cobrou ânimo e ousado mandonismo. Inventariava o vosso passado, ordenava a vossa vida presente, compunha-vos a traça do porvir, escrevia a vossa literatura, legislava, declamava, formava a opinião pública e a consciência das classes médias e da grande burguesia.

*
*   *

Mas a Virgem-Mãe não havia esquecido os portugueses. Ela andava pelos campos e serranias, onde moram as reservas da Raça, como as águas profundas do oceano que os inconstantes ventos da superfície jamais conseguem agitar. Ela estava presente à hora do Ângelus, quando os sinos tangem compassadamente e os pastores e lavradores se descobrem, murmurando preces ao canto nostálgico das noras. Nos rijos invernos, às horas em que os grã-finos se desenfadavam nos teatros e salões e os homens de partido, entre baforadas de tabaco, discutiam política nos cafés, a nossa Mãe Celeste saía pelos caminhos batidos de vento gélido, chegava às portas das casas de pedra, onde as famílias se reuniam para conservar intangível o velho sentimento da fidelidade portuguesa. A Nação não secara apesar dos ventos internacionais do materialismo que sopravam nos quadrantes do mundo; latejava-lhe no cerne o humo vitalizador, como as árvores aparentemente mortas guardam, no íntimo dos troncos e nas escondidas raízes, o segredo da seiva imperecível! Nossa Senhora escuta as vozes que se erguem em torno das lareiras. Desfiam-se "ave-marias": "bendita sois entre as mulheres..." O vento uiva nos pinhais; a chuva canta longamente; e as vozes da Raça, pelas vozes humildes, repetem: "Santa Maria, Mãe de Deus..."

*

Parece-me que estou a vê-la, na sombra noturna, no mistério das invisíveis presenças, em atitude de atenção, a escutar e a sorrir docemente. Bem hajam os pequeninos, que não se esqueceram d'Ela, que sustentaram a velha fé gloriosa dos cavaleiros e dos navegantes de Portugal!

As rudes mãos que arrancam da terra o pão e o vinho, nodosas e calosas do muito amanho, que vem de séculos, são elas que passam, pelos dedos gretados e ásperos, as contas do rosário, repetindo a atitude dos reis paladinos, dos reis lavradores, dos reis poetas, dos reis juristas, dos reis navegadores, que fundaram a Pátria,

ensinaram-na a lavrar e a cantar, outorgaram-lhe ordenações, forais e decretais, deram-lhe barcos, astrolábios, cartas de mareantes e um destino no mundo...

Foi pelos humildes, pelos de campo e serra, que, numa certa manhã do mês de maio, quis Nossa Senhora enviar a mais veemente das mensagens ao povo lusíada.

XIX

FÁTIMA!

Constitui a história de Fátima encantador idílio e dos mais gentis de quantos imaginaram sonhos de poetas, músicos ou pintores. Bucólicas de Teócrito, églogas de Virgílio, autos de Gil Vicente, composições de Watteau, pastorais de Beethoven não tiveram por tema nada mais enternecedor do que as cenas em que tomam parte três crianças inocentes e uma Senhora desconhecida que lhes declara morar no Céu.

Tudo o que vem de Deus tem forma de poesia puríssima e altíssima. E que mais é esta mensagem de Fátima?

* *

O prelúdio apresenta a paisagem alpestre da Serra de Ourem. O quadro é anacreôntico e sabe a acentuado timbre português, como configurava o teatro vicentino. Três crianças apascentam seus carneiros. O sítio em que estão é a Cova da Iria, lugar monótono e silencioso. Ervas rasteiras crescem por entre as pedras; desdobram-se os montes verde-cinza, pontilhados de árvores de azinho. As crianças resolvem juntar seus rebanhos e elas próprias reunirem-se para, enquanto guardam as ovelhinhas, brincar.

É um brinquedo desses que a imaginação infantil sabe engendrar, com qualquer coisa: um punhado de pedrinhas, uns ramos de árvores, uns cacos velhos, transformados pela fantasia em palácios, igrejas, viadutos, nesse luxo de criação artística em que se igualam as crianças de todas as condições. O *Papai Noel,* importado pelo esnobismo descristianizador, só põe bonecas, carrinhos, bolas, quinquilharias nos sapatinhos das crianças ricas, até que cresçam para lhes dar automóveis, jóias, prazeres e vaidades deste mundo. Os três pastorinhos só possuem de seu os rosários, tesouros que não se desvalorizam e únicos que se levam para o Céu feitos colares de estrelas. Rezado, pois, o terço, como de costume, ei-los entregues ao seu divertimento: construir um edifício com alguns seixos, brinquedo profético, pois o fazem exatamente no sítio onde hoje se ergue um imponente Santuário...

No campo despovoado nenhum rumor. No céu, nenhuma nuvem. É meio-dia, brilha o sol de maio. As aves procuram as sombras. Ê nesse momento que lhes apaaparece, na fronde da azinheira próxima, uma linda Senhora [1].

Estremecem de susto os pastorinhos. Querem fugir. A Senhora (que parece da idade de uns 18 anos e resplandece numa luz dourada) tranqüiliza-os:

— Não tenhais medo, que não vos faço mal.

Enquanto Jacinta e Francisco quedam estarrecidos, Lúcia, a mais velhita e a mais afoita, pergunta à encantadora Aparição:

— De onde é vossemecê?

— Sou do Céu — responde a Senhora, apontando para o Alto.

(1) Extraímos estes apontamentos, sobre a primeira aparição da Cova da Iria, das luminosas páginas de Antero de Figueiredo, no seu livro *Fátima—Graças-Segredos-Mistérios.*

Pede-lhes que venham ali todos os dias 13 de cada mês, até outubro, prometendo revelar-lhes um segredo e transmitir-lhes uma mensagem.

Corre o mês de maio (mês de Maria); o colóquio campesino terminará em outubro (mês do Rosário...).

Começa o Poema, que arrebata as multidões, e a multiplicação das graças entre as quais sobreleva, como nenhuma outra, a obra recristianizadora de Portugal.

É uma nova mensagem ao mundo lusíada...

XX

COMBATE AO GRANDE INIMIGO

A mensagem da Virgem visa, acima de tudo, a conversão dos pecadores.

As preces que solicita são para que se extirpe da face da terra certo pecado que o entendimento das crianças não pode compreender. É exatamente o pecado contra aquela dignidade que Maria veio restaurar no Gênero Humano, restituindo-lhe a realeza perdida. O pecado que calafeta a alma, impedindo-a de receber a Luz; que endurece os corações ao ponto de se tornarem insensíveis ao pranto das esposas abandonadas e dos filhos lançados na orfandade com os progenitores vivos. Paixão que mata o sentimento da família, fonte de espiritualidade e escudo da pessoa humana contra a escravização das tiranias políticas. Cegueira que impede a contemplação das realidades sociais. Depravação que eclipsa o bomsenso, faz raciocinar segundo o egoísmo, interpretar o mundo consoante os apetites individuais e decidir conforme o interesse inconfessável. Loucura que começa desorganizando as formas equilibradas do pensamento, prossegue desorganizando os lares e termina destruindo todas as formas da estabilidade moral e apodrecendo os fundamentos da Pátria.

E esse crime da civilização moderna a causa da tristeza da Virgem, a sua dolorosa preocupação, o motivo principal da sua mensagem. Ela vê a catástrofe do mundo contemporâneo e bem sabe o que por detrás das falsas bandeiras das reivindicações sociais e desses estandartes da liberdade que iludem a tantos espíritos e mesmo católicos de boa fé, está o anseio pela expansão dos instintos e o desenfreamento da sensualidade. Para combater esse inimigo, a Senhora veio à Serra de Ourem falar aos portugueses e ao mundo. Contra tão cruel destruidor da dignidade humana, oferece-nos uma arma: a oração; um escudo: a fé; uma força: a Graça Divina; um dever: o combate sem tréguas.

XXI

A AÇÃO MULTIFORME DAS TREVAS

O espírito do mal não declara abertamente o que pretende destruir. Finge-se moralista, fala a linguagem do pansexualismo freudiano, pregando a libertação dó indivíduo dos recalques que diz perniciosos à saúde. Finge-se salvador das classes oprimidas nas quais destila o ódio, que nada constrói. Diz-se até defensor da religião, por cuja liberdade afirma bater-se e assim consegue de muitos perigosa complacência. Anuncia-se o grande libertador: liberta os filhos do respeito aos pais e os pais das obrigações perante os filhos; os cônjuges da fidelidade recíproca e dos laços do matrimônio; os ricos do dever de acudir aos pobres; e todos e cada um do amor do próximo e de Deus.

É ele, o eterno rebelado, que entra nas vossas casas,

sob a forma dos livros da literatura corrente — a brochura divulgadora da ciência barata, o romance a esvurmar misérias subjetivas contagiosas, a poesia dissimulando na decomposição expressional um sub-romantismo corruptor, o ensaio crítico, sociológico ou político, deitando o fumo da confusão, as revistas ilustradas exaltando o nudismo das estrelas de cinema e a exibição da alta sociedade a acender nas cabecinhas oxigenadas ou platinadas uma sede de luxo entontecedora.

É ele quem pontifica nos teatros, utilizando-se da técnica mais eficaz para impressionar o subconsciente com a sugestão de quadros e atitudes deletérios de que se vestem as teses de rótulo meritório; é ele quem prepara certos trechos de filmes cinematográficos de requintado realismo sincronizado contra o qual os espíritos mais fortes dificilmente conseguem reagir; é ele quem desenvolve o conceito da moral utilitária, baseada no falso direito da satisfação dos apetites individuais; é ele quem se erige em advogado dos direitos da mulher, pretendendo torná-la competidora ridícula do homem no exercício de atividades inadequadas, inspirando-lhe repúdio à proteção paterna ou conjugai, a fim de colocá-la, pelas condições fisiológicas que estruturam os peculiares instrumentos da sua sensibilidade, numa posição indefesa que a conduz à queda fácil, à degradação do espírito e do corpo e à escraviza - ção deprimente cujo epílogo é a disponibilidade compulsória e o desprezo geral quando soar o fim da mocidade e dos encantos físicos.

XXII

A MULHER E A SERPENTE

Esquece-se hoje que a mulher não é nem inferior nem superior ao homem: é apenas diferente e, por isso, o complemento de seu companheiro.

Essa mesma ciência que quer substituir a filosofia e a teologia no governo do mundo, a si própria se contradiz, na ordem social que pretende estabelecer, pois fecha os olhos a todas as diferenças dos sexos, que vão desde a conformação anatômica aos índices fisiológicos e endocrinicos e conseqüências específicas assinaladas pelos neurologistas.

Assim se contradizendo, o inimigo do gênero humano prepara o ambiente propício ao desenvolvimento daquele crime pelo qual vos veio a mensagem de Fátima. E Lusbel que, sob a forma da serpente esmagada pelos pés da Celestial Senhora, jurou arrancar da fronte da mulher o diadema das Graças que a faz como Esposa, Mãe, Filha, Irmã, incontestável Rainha a cujo poder o homem se curva. O respeito pela mulher será cada vez mais fraco, à proporção que ela a si mesma se desvalorize, masculinizando-se, vulgarizando-se nas liberdades excessivas que se permite, na provocação constante aos baixos instintos do homem.

Por culpa da própria mulher, o homem moderno vai perdendo, dia-a-dia, a força da sua varonilidade, o autodomínio, a expressão patriarcal de chefe de si mesmo e monarca de sua casa; efemina-se, futiliza-se, desconhece a noção das responsabilidades. Perde o lar o que tinha de estável, a família o que tinha de segurança, a sociedade o que tinha de sério, a Nação o que tinha de energia e de firmeza.

E esse é o espetáculo do mundo contemporâneo, onde a marcha para a treva parece uma fatalidade, porque sendo os homens, desde pequeninos, plasmados pelas mãos da mulher, o mundo deixará de possuir homens,

para só possuir autômatos, que outra coisa não sairá da mulher instintiva, sem vida interior, sem preocupações acima das futilidades e da pretensão a uma igualdade que, em vez de elevar, avilta.

XXIII

AS SETE CHAVES DE SATANÁS

As conseqüências desse quadro são catastróficas. A inquietação pelos gozos da terra tem como primeiro resultado o trancamento do coração a sete chaves.

Coração trancado, traz o espírito surdo e cego. Como sonâmbulos os sedentos dos bens terrenos não escutam nem ouvem as realidades em torno. Não sabem dos gemidos das classes desfavorecidas. Não percebem a tempestade que se aproxima...

* *

Em todas as épocas da História em que predominaram civilizações epicuristas apresentaram-se os aspectos mais tenebrosos da miséria popular, da opressão dos humildes, da sua revolta suscitada pelo ateísmo que os gozadores lhes ensinam.

Tanto mais se quer, menos se dá, porque mais se tenha menos se avaliará o que significa o não ter, sendo este grave perigo que correm as almas dos ricos. Grande perigo para as almas e grande instrumento de castigo social. Porque esta cegueira e esta surdez do coração não permitem escutar o tropel das revoluções e, entretanto, elas se aproximam das sociedades esquecidas de Deus.

Abrem-lhe as portas aqueles mesmos que ela procura

destruir. Abrem-lhe as portas com as sete chaves com que trancaram os corações. Estas chaves que são forjadas com o mesmo metal dos sete pecados capitais, tomam hoje as formas das loucuras modernas que se chamam: Irreligiosidade, Sensualismo, Ambição, Indisciplina, Orgulho, Desunião, Impenitência.

*
* *

A Irreligiosidade não permitirá que se distinga o Bem do Mal e como este se apresenta quase sempre com as roupas do Bem, será recebido.

O Sensualismo folgará com as doutrinas e regimes que facultem libertação de peias morais e, trazendo estes a destruição da família, o homem cai no individualismo e fica indefeso em face do Estado absorvente ao qual não poderá opor nenhum argumento a favor da sua liberdade.

A Ambição impedirá de ver outra coisa além do próprio interesse e, por ela, o homem nega-se a colaborar em tudo aquilo que representa a defesa da sociedade, uma vez que não ganha dinheiro, nem prazeres com isso; e os males destrutores da sociedade acabam solapando-lhe a casa.

A Indisciplina leva-o a revoltar-se contra os mandamentos de Deus e da Igreja e contra as hierarquias familiares e públicas inspiradas nos princípios que a mesma Igreja manda respeitar e assim se enfraquece a ordem moral e a ordem social, expondo-se a Nação à anarquia de que se aproveitam os aventureiros e déspotas, disfarçados em libertadores.

O Orgulho a si mesmo se outorga carta de habilitação em todos os assuntos, sorri das advertências que se lhe fazem e entrega-se de mãos atadas a quem melhor o lisonjeie, e desse modo a intrujice, que hoje campeia a alardear foros de cidadania, facilmente o convence com aquilo que o imortal gênio de Shakespeare profeticamente denominou "caviar para a plebe", pois

lábios bem untados de Hsonjas são lábios que dizem sim.

A Desunião é filha da vaidade fátua e da ausência do espírito do cristianismo, tendo o próprio Jesus dito que toda a casa dividida é casa destruída; e se nas épocas normais a divisão é um erro, nas horas de perigo constitui uma loucura.

A Impenitência é surda, cega, insensível e paralítica; não ouve a palavra de Deus, não vê os males do mundo, não sente as dores alheias, não se move; chega o inimigo e usa dela como de achas secas de lenha, onde tudo morreu, não prestando senão para ser lançado ao fogo.

XXIV

AS CILADAS DO ANJO REBELDE

Como não há de sofrer a Virgem-Mãe vendo tudo isso no mundo moderno? Grave se apresenta o momento para afirmar que esta geração não passará sem que a fé católica seja posta em duras provas.

O espírito das trevas procurará primeiro aplainar os caminhos, destruindo os meios de resistência temporal das sociedades cristãs, sob falsos pretextos de fazer causa comum com o cristianismo em assuntos de reivindicações de liberdades e de justiça.

Os erros, as heresias que condenamos como católicos, dirá também Lusbel que os condena, para obter a nossa aliança e, se firmarmos pacto com ele, levar-nos-á ao outro extremo, onde nos submeterá aos mesmos erros e heresias que de começo terá fingido combater.

O Mal virá com as roupagens do Bem, a Mentira

usurpará o passaporte da Verdade e os espíritos incautos deixar-se-ão iludir.

Atentos deveremos conservar-nos ao que nos ensinou o Cristo quando disse que a árvore se conhece pelos frutos que produz; só assim nos defenderemos dos falsos profetas.

*
* *

Como, porém, distinguir o bom do mau fruto, se tivermos perdido a sensibilidade para separar o Bem do Mal? Se pelo conhecimento do Bem e do Mal, os nossos primeiros pais se perderam, será agora por meio desse mesmo conhecimento que nos lograremos salvar.

Tão grande lucidez nos confere a doutrina cristã, definida pela cadeira de S. Pedro, em Roma, cujo universalismo somos obrigados a reconhecer como artigo de fé. Universalismo que faz da Igreja Católica a única base da justiça entre as Nações, a única defesa dos fracos, dos pobres e dos pequenos contra a prepotência dos fortes, dos ricos e dos grandes da terra. Universalismo que inspira a verdadeira Paz, que é a Paz de Cristo, a Paz que não conhece raças, nem ódio, nem vinganças, nem interesses comerciais, porque se firma na união dos espíritos iluminados pela Graça Divina.

*

Esclarecidos pela Suprema Depositária dos princípios da Fé e pelas definições claras e objetivas que dimanam ex-cátedra do Chefe da Igreja, estaremos aptos a caminhar no meio das confusões de palavras e das sutilezas perturbadoras de um excessivo intelectualismo que se utiliza hoje exageradamente de certos vocábulos e frases de dois gumes adequados também à insidiosa tática dos inimigos de Cristo.

O que precisamos hoje não são de elocubrações torturantes, finuras e agudezas de pensamentos, jogos

complicados de ilusionismos mentais, tão a gosto dos sofistas gregos, dos legistas farisaicos e das controvérsias do livre-exame; o que precisamos é de nos fazermos humildes e limpos de coração, sermos simples como as crianças e como elas nos entregarmos nas mãos do Senhor. Para isso teremos de ouvir a Mensagem de Fátima.

XXV

TUDO SE RESUME NA CARIDADE

Em resumo, a Senhora de Fátima pediu-nos uma atitude de humildade, um estado de castidade e uma ação permanente de caridade pelos vivos e pelos mortos.

Ou praticamos estas três virtudes, ou não compreenderemos nada de nada, nem daremos, entre tantas encruzilhadas, com o Caminho da Salvação.

Três virtudes, três estrelas, três luzes, que se resumem numa só: o amor, a integração da alma no Verbo, que era em princípio, do Verbo que está com Deus e é Deus e que tendo-se revelado na eurritmia universal, completou a sua obra no mistério da Redenção. É o Novo Mandamento, a Nova Lei, a que foi anunciada por Maria, no Canto cora que respondeu à saudação de Isabel. É o sentido profundo da vida cristã, sem a qual, consoante ensina S. Paulo, as práticas religiosas nada valem*.

Onde faltar o amor do próximo está ausente o Cristo e não há salvação possível. A Caridade é o perdão recíproco das ofensas e dos pequenos defeitos que todos possuímos. É a palavra que se mede para não ferir; é o silêncio que, como a água, apaga o fogo da cólera; é a diminuição que de si mesmo faz o que for grande para que os pequenos perto dele não se sintam pequenos; é a língua que não abusa da ausência; são os lábios que não sorriem de ironia deprimente; são os olhos que sabem olhar sem ódio, nem malícia, mas com a luz da misericórdia; são os ouvidos que se fazem surdos para perdoar injúrias e atilados para perceber as súplicas dos que sofrem; é o coração que se comove e a mão que se abre para dar, não do supérfluo, do que sobra, do que não faz falta, mas do que nos faz alguma falta, representando sacrifício; é a sufocação do desejo, quando vai ferir o legítimo direito de outrem, ainda quando esse direito não seja senão um direito do coração; é a castidade, que impede a traição recíproca dos cônjuges, e o abandono dos filhos, a perturbação da felicidade alheia, o esmagamento dessas delicadezas de alma que nos distinguem dos animais; é o amparo dos velhos e das crianças, pois dentre os crimes dos homens e das cidades poucos haverá que mais ofendam o Coração do Divino Mestre e Salvador do que o abandono à dolorosa mendicância, desses que se sacrificaram numa vida inteira de trabalho pelo aumento da riqueza pública e desses outros que mal desabrochando para a vida já arrastam andrajos pelas estradas.

A Caridade é o próprio Cristo a viver nos corações. É, ao mesmo tempo, a nossa gratidão por Aquele que se fez homem para sofrer por nós injúrias, vexames, calúnias, opressões, violências, flagelações e morte ignominiosa. Fechar o coração à caridade é rejeitar o Cristo; rejeitá-lo não é apenas repudiar a vida eterna, mas é também repelir a harmonia social e a paz na terra, harmonia e paz que nenhum poderoso poderá instituir

1 S. Paulo, Epístola 1* aos Coríntios, Cap. 13, vs. 1 a 13.

nessas tão desejadas "ordens novas", porque a única Ordem Nova é a do Evangelho, a Boa Nova, ou Novo Testamento, e tudo o mais que se inventar para a conciliação dos povos, não passará da ordem velha, baseada na força e portanto sem fundamento de permanência.

*
*   *

A Caridade portanto não pára aí. Manifestando-se principalmente pela ação, ela nos leva a duas batalhas contra o Mal, impondo-nos o dever de corrigir erros, de chamar a atenção dos distraídos para as ciladas que se lhes preparam e dos imprudentes para as facilidades que permitem as manobras do pérfido inimigo. É a Caridade que nos obriga a ser francos e sinceros, a lutar destemerosamente todas as vezes que se nos deparem almas em perigo de se perderem ou sociedades no caminho da dissolução. Porque ser bom não é ser tímido e transigente. A Caridade exige muitas vezes audácias e belicosidade, pois há também uma forma de ser mau e essa é o silenciar e o sorrir complacentemente quando passam o Erro, a Mentira, o Engano.

A melhor forma de combate é o ensino. Pela palavra, pelo exemplo. Infatigavelmente, nunca permitindo que o desânimo, que é o sopro do demônio, apague a chama da nossa Fé. Falar, repetir, e tornar a repetir; fazer e tornar a fazer; alguma coisa ficará nas almas que desejamos incendiar com o fogo do amor que nos consome.

*

A mensagem de Fátima é a mensagem da Caridade. Ou escutamo-la ou expulsamos o Cristo do nosso convívio.

De tamanha desgraça veio salvar-nos a Virgem-Mãe, falando a Portugal na Serra de Ourem, mas por intermédio dos portugueses dirigindo-se a todos os povos do mundo.

XXVI

INVOCAÇÃO E LOUVOR

Bem andou, visienses, o vosso ilustre Bispo, o Senhor D. José da Cruz Moreira Pinto, expoente dos mais notáveis do Episcopado Lusitano, consagrando, no oitavo centenário da Diocese, as populações das suas paróquias ao Imaculado Coração de Maria. Bem haja a inspiração que veio do Espírito Santo, tão conforme à consagração de Portugal por seus Prelados, feita à mesma Senhora e tão consoante à decisão do Sumo Pontífice Pio XII que, a instâncias desses mesmos Prelados, entregou todo o orbe terrestre ao patrocínio do Coração de Maria Imaculada.

De mim, não sei como agradecer tamanha honra de, em coincidência comovedora, representar meus antepassados no regozijo dos povos de entre Vouga e Mondego, nesta celebração histórica, erguendo não só por meus avós como pelo Brasil descoberto, fundado e educado pela gente portuguesa, meu canto de louvor Àquela que é padroeira da minha Pátria e da família lusíada nas cinco partes do mundo.

Senhora de tantas invocações e de tantos nomes, que sois a mesma em todas as imagens e apelativos;

Senhora loura das imagens góticas;

Senhora que sois a doce flor dos primitivistas, a sua-

vidade das Madonas latinas, as luminosas Virgens flamengas;

Senhora da iconografia bizantina, das telas glorificadoras das Espanhas, dos primores em marfim dos imaginários do Oriente;

Senhora dos índios de Copacabana, Senhora Morena das Catedrais francesas e da Basílica da Aparecida na minha tetra natal;

Senhora da arte barroca, de mantos dourados;

Senhora medieval, Senhora renascentista, Senhora moderna, em pedra, em metal, em madeira, em barro de todas as latitudes e que sob todas as formas, sois a mesma das aparições de La Salette, da gruta de Lourdes e da Cova da Iria, porque em toda parte sois a Mãe do Senhor, sois Aquela que chorou na dramática noite da prisão do Filho e o acompanhou, passo a passo, humilhada e ofendida, na tragédia do Calvário;

Senhora que fostes nas caravelas com os portugueses, anunciar o Cristo às costas da África, às índias, à China, ao Japão, às florestas da América;

Senhora que acrescentais ao vosso nome o dos acidentes geográficos, batizando povoações e fundando cidades;

Senhora de sentido cósmico, de sentido universal, adivinhada antes de virdes pela intuição dos gentios e anunciada pela voz dos profetas;

Senhora que, nesta terra de Viseu, sois a Senhora do Altar-Mor, a Senhora simplesmente, porque aqui gostais de ser, apenas, a Senhora;

Vos bem sabeis onde e como aprendi o vosso culto e sabeis quem mo ensinou. Vós sabeis todos os meus segredos, o meu amor pela minha e pela Pátria de minha Pátria, a minha esperança na missão do mundo lusíada em prol do futuro da Humanidade.

Recebei minhas palavras desta noite, na terra de meus maiores, como um apelo do coração do Brasil ao vosso Coração para que se conserve a unidade da fé católica nos dois Impérios da língua portuguesa que constituem um só Império no sentimento cristão; e, para que se conservem, com esta Fé, as virtudes antigas da Raça e aquele universalismo civilizador baseado nos valores do Espírito, que têm sido luz em nosso caminho, força na desventura, grandeza da alma no triunfo, segurança da nossa vitalidade e fundamento do nosso porvir!